

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**Karina Moraes Kurtz**

**AS NUANCES DE BRONTË: O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A  
TESSITURA DA IDENTIDADE DE JANE EYRE**

**Santa Maria, RS  
2020**



**Karina Moraes Kurtz**

**AS NUANCES DE BRONTË: O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A TESSITURA DA  
IDENTIDADE DE JANE EYRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Orientadora: Profa. Dra. Rosani Úrsula Ketzner Umbach

Santa Maria, RS  
2020

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Kurtz, Karina Moraes  
AS NUANCES DE BRONTË: O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A  
TESSITURA DA IDENTIDADE DE JANE EYRE / Karina Moraes  
Kurtz.- 2020.  
140 p.; 30 cm

Orientadora: Rosani Úrsula Ketzner Umbach  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2020

1. Era vitoriana 2. Jane Eyre 3. Bildungsroman 4.  
Moralismo Religioso 5. Resistência I. Umbach, Rosani  
Úrsula Ketzner II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

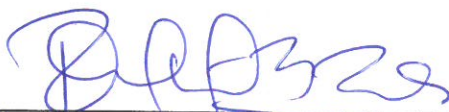
Declaro, KARINA MORAES KURTZ, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Karina Moraes Kurtz**

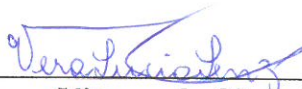
**AS NUANCES DE BRONTË: O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A TESSITURA DA  
IDENTIDADE DE JANE EYRE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado  
do Programa de Pós-Graduação em Letras,  
Área de Concentração Estudos Literários, da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,  
RS), como requisito parcial para obtenção do  
título de **Mestre em Letras**.

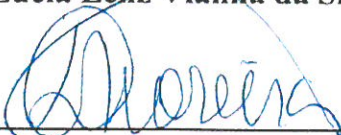
**Aprovado em 28 de fevereiro de 2020:**



**Rosani Ursula Ketzer Umbach, Dra. (UFSM)**  
(presidente/orientadora)



**Vera Lúcia Lenz Vianna da Silva, Dra. (UFSM)**



**Luciane de Oliveira Moreira, Dra. - Parecer**



## DEDICATÓRIA

*Este trabalho é dedicado à minha mãe, Maria Elizabeth, que muito sacrificou da sua vida para que eu estudasse e fosse independente. A sua força de vontade, sua coragem, seus temores, sua criatividade e sua constante dedicação me ensinaram a jamais desistir de mim mesma.*





## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Maria, que em 2011 abriu as portas para mim, na Graduação em Letras, que era um desejo desde minha infância, de me tornar professora.

À minha gentil orientadora, Profa. Dra. Rosani Úrsula Ketzer Umbach, que desde 2016 me concedeu uma grande oportunidade de ser sua aluna de Iniciação Científica. Desde lá conheci melhor o seu trabalho e o grupo de pesquisa. Hoje posso dizer que foi tudo essencial, pois adquiri um gosto ainda maior pela leitura e pela literatura. Tudo que sinto é gratidão por tudo. Por compreender e respeitar a minha pessoa e meus períodos de silêncio, em que os problemas da vida chegam sem pedir licença. Muito obrigada pelo carinho, pelos ensinamentos, pela ajuda, pela disposição constante e bom humor em me orientar e acreditar em meus estudos.

À Profa. Dra. Vera Lucia Vianna da Silva, por ser sempre essa pessoa calma e cuidadosa, por ser parte da banca e por todos os comentários, sugestões e críticas construtivas que me ajudaram muito a dar continuidade à dissertação. E por todos os ensinamentos desde a graduação e como minha orientadora no TFG.

À Profa. Dra. Luciane Oliveira por ser tão querida em todas nossas conversas e também ter feito parte da minha banca, e que com suas sugestões, agregou muito para que eu continuasse no caminho correto.

Ao Prof. Dr. Lizandro Carlos Calegari, por sua paciência e atenção nas reuniões e nas aulas. Por sempre nos auxiliar com críticas construtivas e cuidado nas palavras e nas explicações.

A todos os colegas do grupo de pesquisa, Literatura e Autoritarismo, por terem me recebido com tanto carinho e por todo o conhecimento e diálogos construídos ao longo dos últimos anos e da ótima atmosfera que temos como grupo de pesquisa.

À minha mãe, Maria Elizabeth, por sempre me incentivar a não parar, sempre investir em meus estudos e querer o melhor para mim. Sou grata por todos os sacrifícios que eu sei que precisou fazer para me dar o que nunca teve. Obrigada por me ensinar que não preciso de outras pessoas para sobreviver. Que devo sempre me esforçar para atingir meus sonhos. E que nós, mulheres, não podemos menosprezar essa força magnífica que temos!

Ao meu irmão querido, Bruno, meu companheiro de aventuras, que sempre soube entender quando eu não podia sair com frequência pois precisava estudar, que partilhou comigo as alegrias e os momentos de nervosismo.

Ao meu esposo e também colega Wladimir, que com muita paciência e amor me auxiliou em momentos de dúvidas e tensão. Por toda a cumplicidade, carinho e amizade que

temos um com o outro nesta jornada, desde 2011. Por todas as nossas conversas e nossos diálogos inacabáveis nas várias madrugadas, partilhando saberes, opiniões, contradições, medos, esperanças e sonhos. Por acreditar em mim e não me deixar desistir, mesmo quando eu já não acreditava mais.

Às colegas Adriana Yokoyama, Sabrina Siqueira e Gisele da Luz pelos papos descontraídos, pelo carinho e por também acreditarem em mim.

Aos meus sogros, Ilsa e Wladimir, minha segunda família, que sempre nos motivam a estudar, a crescer, evoluir, e buscar sempre a melhor versão de nós mesmos, como pessoas e profissionais. Nos ajudaram incontáveis vezes durante todos esses anos de graduação e pós-graduação. Agradeço por todo o carinho e amizade nutrida ao longo desses anos.

Às queridas Hellen e Fabrícia, da Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras, que sempre com muita paciência explicam os trâmites e nos auxiliam diversas vezes ao longo do curso.

À CAPES, que me forneceu os meios para que eu pudesse realizar essa pesquisa e me dedicar inteiramente. Obrigada pela grande oportunidade e pelo auxílio, que com certeza fez toda a diferença na minha evolução como estudante e pessoa.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer ao carinho e a companhia de meus queridos bichinhos de estimação, ao meu cachorrinho Léon, que acompanhou boa parte da escrita dessa dissertação, ficando ao meu lado sem me importunar, por horas e horas a fio. E aos meus gatinhos sapecas que, quando passavam correndo, desligavam o computador, fazendo meu coração disparar por medo que tivesse perdido algumas páginas de digitação. Obrigada pelo carinho e pelos doces olhares: Anastácia, Porpeta, Carola, Adivinha, Loló e Leônidas.

*I am no bird; and no net ensnares me: I am a free human being with an independent will*

*(Charlotte Brontë)*

*Metade do mal que é feito neste mundo é devido a pessoas que querem se sentir importantes. Elas não querem fazer mal, mas o mal que causam não lhes interessa. Ou elas não o vêem, ou o justificam porque estão concentradas na luta interminável para pensar bem de si mesmas.*

*(T. S. Eliot)*

*Eu irei lhe dizer o que eu irei fazer e o que eu não irei fazer. Eu não servirei aqueles no qual não acredito mais, mesmo que se intitulem minha casa, minha cidade natal ou minha igreja: e eu tentarei me expressar [viver] de uma forma mais livre e completa possível [através da arte], usando em minha defesa as únicas armas que eu me permito usar – silêncio, exílio e habilidade.*

*(J. Joyce)*



## RESUMO

### AS NUANCES DE BRONTË: O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A TESSITURA DA IDENTIDADE DE JANE EYRE

AUTORA: Karina Moraes Kurtz  
ORIENTADORA: Rosani Úrsula Ketzer Umbach

A presente dissertação tem como objeto de análise o romance de formação de Charlotte Brontë, *Jane Eyre*, visando uma exploração do contexto histórico que permeia a obra. O puritanismo e o moralismo religioso que divide a maneira de pensar da personagem principal, Jane, marca assim a culpa religiosa à qual a sociedade inglesa era submetida. A dissertação explora a repressão sexual feminina na era vitoriana, o modo como ocorre a formação de identidade da protagonista diante de um ambiente hostil e como o romance de Brontë é ao mesmo tempo uma narrativa de resistência. Outros pontos foram: como o personagem Rochester é semelhante à Jane, ambos sofrem com o julgamento moral e religioso do período desde a infância à idade adulta. Outro tópico foi a resistência de Jane diante das crueldades e das opressões que sofre ao longo de sua vida sob o regime autoritário e misógino do sistema educacional inglês do século XIX. Entre outros fatores primordiais para compreender a oscilação entre a intuição e os conceitos éticos que permeiam a formação de Jane, está o conceito de *bildungsroman* ou o romance de formação. Como aporte teórico foram utilizados textos de autores como Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Eric Landowski, Zygmunt Bauman, Stuart Hall, entre outros. Esta análise levou em consideração a importância de obras que evidenciam formas de resistência diante de regimes opressivos e autoritários não apenas em relação ao sexo feminino, mas com relação ao masculino também, tendo em mente que o sofrimento e a barbárie não são análogos apenas a um sexo ou à uma etnia, mas sim ao ser humano, não importando cor, gênero ou classe social. A análise buscou evidenciar que, em tempos de medo e de regimes autoritários, a literatura vem a ser uma inesgotável fonte de denúncias contra ideologias impostas como forma de controle social, e oferece a maior riqueza que o ser humano pode possuir: o conhecimento.

**Palavras-chave:** Era vitoriana. Jane Eyre. Bildungsroman. Moralismo Religioso. Resistência.



## ABSTRACT

### THE NUANCES OF BRONTË: THE BILDUNGSROMAN AND JANE EYRE'S IDENTITY TESSITURE

AUTHOR: Karina Moraes Kurtz  
ADVISOR: Rosani Úrsula Ketzler Umbach

This dissertation explores the historical context that permeates Charlotte Brontë's novel *Jane Eyre*. Puritanism and religious moralism that divide the thinking of the main character, Jane, thus marks the religious guilt to which English society was subjected. The dissertation explores female sexual repression in the Victorian era, how the protagonist's identity formation occurs in a hostile environment, and how Brontë's novel is also a narrative of resistance. Other points were: the similarity between Rochester and Jane, both suffer from the moral and religious judgment of the period from childhood to adulthood. Jane's resistance to the cruelties and oppressions she suffers throughout her life under the authoritarian and misogynistic regime of the nineteenth-century English educational system. Among other prime factors for understanding the oscillation between intuition and the ethical concepts that underly Jane's formation is the concept of *bildungsroman* or novel of education. Regarding the main theoretical texts is important to mention authors such as Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Eric Landowski, Zygmunt Bauman, Stuart Hall, among others. This analysis takes into account the importance of works that show forms of resistance to oppressive and authoritarian regimes not only in relation to women, but in relation to men as well, bearing in mind that suffering and barbarism are not analogous only to one gender or ethnicity, but to all human beings, regardless of color, gender or social class. The analysis seeks to show that in times of fear and authoritarian regimes, literature becomes an inexhaustible source of denunciation against ideologies imposed as a form of social control, and offers the greatest wealth that human beings can possess: knowledge.

**Keywords:** Victorian Era. Jane Eyre. Bildungsroman. Religious Morality. Resistance.





## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2</b>	<b>O CONTEXTO</b> .....	29
2.1	A FIGURAÇÃO DO FEMININO DENTRO DA SOCIEDADE VITORIANA.....	29
2.2	A CARACTERIZAÇÃO DE JANE EM UM ROMANCE DE FORMAÇÃO .....	51
<b>3</b>	<b>A TRAJETÓRIA DE JANE EYRE</b> .....	85
3.1	TECENDO A IDENTIDADE DE JANE .....	85
3.2	JANE E ROCHESTER: ENCONTRO POR UM FIO .....	121
3.3	ALINHAVANDO JANE EYRE .....	127
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	133
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	137



## 1 INTRODUÇÃO

À mulher sempre foram atribuídas todas as incumbências do lar, desde o preparo das refeições até a formação de caráter dos filhos. Há inúmeros estudos que comprovam o quanto a mulher influencia sua prole e o quão responsabilizada ela pode se tornar pelas decisões de seus filhos adultos. No entanto, demorou para que a mulher deixasse de ser considerada como o “sexo frágil”, inferior, incapaz, devendo ser educada desde jovem para que fosse obediente, comportada; e isso era muito visível e marcado em uma era de moralismo religioso e puritanismo, como a era vitoriana na Inglaterra do século XIX. Mas por que essa preocupação em educar as mulheres de maneira diferente dos homens? No período vitoriano essa diferença acontecia, pois, a mulher era quem mais ficava com a prole e era a primeira “professora” da vida de seus filhos, por isso ela possuía a obrigação de educá-los mediante os costumes e tradições de sua comunidade, incluindo as religiosidades e as normas locais.

Compreende-se como “era vitoriana” o período de reinado da Rainha Vitória (1819-1901) que ocorre de 1837 até 1901. De acordo com Monteiro (1998, p. 61), a rainha Vitória “atribuía o sucesso do seu reinado à moralidade da corte e à harmonia da vida doméstica”, entendendo o movimento em defesa dos direitos da mulher, “como uma ameaça à virtude do sexo ‘frágil’”. Essa visão negativa promoveu a intensificação da repressão, principalmente sexual, no âmbito familiar da época.

É curioso como a imagem da mulher possa ter sido retratada de maneira tão simplória, um ator coadjuvante, e ao mesmo tempo ser responsabilizada de tantas maneiras. Este ser, que já foi desprovido de direitos básicos, privada de sentir suas emoções, condenada por seu corpo, reprimida sexualmente, contudo, é vista como um símbolo de sensualidade e beleza. Destinada à subserviência do desejo masculino, das tarefas domésticas, das demandas da prole e impedida de atender às suas próprias necessidades. Esse grupo “minoritário” causou revoluções ao longo das eras para que as mulheres de hoje pudessem viver com mais dignidade e liberdade. Infelizmente muitas mulheres ainda se encontram em situações semelhantes, em que lhes é negado o direito da fala, em que o silêncio não é uma escolha, mas sim um castigo, imposto sob ameaça constante de violência verbal e/ou física.

Toda a situação de servilismo e inferioridade vivida pelas mulheres ao longo da história é algo que motiva a criação de textos científicos feministas nos dias de hoje; a universidade não era nem ao menos uma possibilidade para as mulheres do período vitoriano, visto que o local da mulher era no lar. Em virtude disso, a universidade se tornaria um problema, pois atrapalharia o serviço ao qual as mulheres eram destinadas, seu papel social era de empregada

e mãe, e a isso também se resumiam suas identidades. Não lhes era permitido que estudassem, nem que suas opiniões fossem consideradas importantes ou necessárias, apenas a obediência. Às mulheres era negado o direito a informação sobre o casamento, sobre si mesmas e o direito de expressar suas opiniões políticas. À mulher cabia servir, atender as demandas do lar e garantir o futuro da espécie. Portanto, a universidade era um ambiente masculino, e a escrita era considerada subversiva, inúmeras mulheres acabaram publicando seus textos com pseudônimos masculinos, temendo uma possível represália. Assim, foi através da literatura que muitas encontraram e ainda encontram uma forma de se expressar e relatar as opressões e as discriminações diárias, utilizando-se da ficção como meio de comunicação, como George Eliot (Mary Ann Evans, 1819-1880), George Sand (Amantine Dupin, 1804-1876), Currer Bell (Charlotte Brontë, 1816-1855), entre outras.

É justamente esta abertura que as Artes, principalmente a Literatura, pode permitir às minorias que vivem à margem da sociedade, como as mulheres, que, apesar de não representarem uma minoria em número, representam uma minoria diante dos direitos (ou privilégios) que os homens possuem e elas não. Uma voz aos seus testemunhos que lhes é negada na vida em sociedade, é diante da caneta e do papel que elas poderiam ser escutadas. Lamentável o quanto foram perseguidas por isso, tanto que elas percebiam a necessidade de publicar com pseudônimos masculinos, com o intuito de terem seus textos lidos e divulgados. É necessário mencionar também que a entrada feminina na área literária foi demasiado tarde na história da literatura, incluindo Aphra Behn (1640-1689), uma das primeiras escritoras a viver do ofício, pois textos femininos importantes como de Charlotte e suas irmãs Anne e Emily, Virginia Woolf e Jane Austen têm apenas pouco mais de duzentos anos. Podemos afirmar que estas e outras escritoras são muito respeitadas nos dias de hoje, porém não atingiram o reconhecimento dos grandes escritores masculinos do cânone, que por sua vez, possuíam liberdade de expressão e não eram censurados como as mulheres. De acordo com Beauvoir (2016, p. 152), nenhuma escritora teria alcançado “as alturas de um Dante, de um Shakespeare, o que se explica pela mediocridade geral de sua condição. [...] As próprias privilegiadas encontravam em derredor obstáculos que lhes barravam o acesso aos altos picos”.

Embora a própria rainha Vitória não concordasse com a entrada das mulheres em determinadas áreas do conhecimento, a Inglaterra foi tomada por uma onda de revoluções feministas, e em meados de 1870 foi permitida a inclusão de mulheres no ensino superior na Inglaterra. Tendo acontecido primeiramente nos EUA, em 1837, com a criação de universidades apenas para mulheres, o que pode ser considerado um avanço, no entanto, era uma segregação disfarçada, pois pessoas do sexo feminino não eram permitidas em universidades para o público

masculino. Isso também acontecia na educação básica, sendo uma segregação institucional. No Brasil a situação não foi diferente, a primeira vez que uma mulher recebeu um diploma só ocorreu em 1887. Pode-se afirmar que o acesso a educação para as mulheres aumentou após a 1ª Guerra Mundial (1914-1918).

A princípio, certas áreas eram negadas às mulheres, preferencialmente elas iriam aprender conteúdos que não interessavam aos homens, como as Letras, e assim, as famílias faziam um “marketing” dessas moças cultas nos jantares ofertados em casa. As moças jovens e solteiras da família eram apresentadas aos rapazes que estivessem em busca de uma esposa da qual pudessem se vangloriar, pois seriam consideradas cultas, sendo capazes de recitar poesias e sentir-se incluídas; não causa espanto que ainda hoje essa seja uma área predominantemente feminina, e a área das ciências exatas predominantemente masculina (EAGLETON, 2006). Outras áreas majoritariamente femininas são as da saúde: Enfermagem, Fisioterapia, Ginecologia, Pediatria. Em virtude da necessidade de ter um profissional com tato delicado que soubesse atender aos feridos da guerra uma vez que a maioria dos homens eram convocados a lutar pela sua nação. Os lares ficavam repletos de esposas que não possuíam um ofício, e estas não podiam servir à guerra, pois também era função da mulher servir ao futuro da espécie, cuidando do lar e da prole. Beauvoir (2016), no primeiro capítulo do volume I em “O Segundo Sexo”, aponta questões importantes referente à biologia masculina e feminina de inúmeras espécies diferentes de animais, mostrando que mesmo em sistemas matriarcais como a organização das formigas e das abelhas, a rainha não é uma soberana em uma hierarquia de poder, mas sim uma verdadeira escrava, cujo único propósito é colocar ovos até morrer, e o macho de ambas espécies é um ser quase inútil, que logo após copular com a rainha, não possui mais serventia e morre imediatamente.

Logicamente, em nossa espécie não há algo tão drástico assim, no entanto, por mais que a atualidade indique que todos possuem direitos iguais, sabemos que ainda há muitas situações de inferioridade e submissão que colocam a mulher em um nível abaixo do sexo masculino. Como por exemplo, mesma posição empregatícia porém salários mais baixos para as mulheres, a ilegalidade e a criminalização do aborto no Brasil, tornando as mulheres vítimas de crimes sexuais e ainda forçadas a conviver com isso; a licença maternidade que só passou a existir com a Consolidação das Leis Trabalhistas no Brasil, ou até mesmo a licença paternidade com seus ínfimos “5 (cinco) dias, concedida pela Constituição Federal/88 em seu artigo 7º, XIX e art. 10, § 1º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT, o que até então era de 1 (um) dia conforme estabelecia o artigo 473, III da CLT” (GUIA TRABALHISTA, 2020). Isto é, ainda responsabilizando a mulher com o total cuidado do recém-nascido, praticamente

destituindo o pai de qualquer obrigação dentro do lar. A impunidade surge quando o assunto é violência contra a mulher e a opressão diária vivida em muitos lares, e infelizmente, o Brasil é um dos países com o maior número de feminicídios. De acordo com o site do Instituto Maria da Penha, “a cada 7.2 segundos uma mulher é vítima de violência física” (HANSTENREITER, 2019). Há uma desigualdade de direitos no mundo quando o assunto é de origem feminina. Há também mulheres que são idolatradas por homens e outras mulheres, pela “responsabilidade de procriar”. Isto acontece muito em igrejas e outros ambientes religiosos. Onde a mulher é vista como a “abelha rainha”, que deve ser bem tratada pelo marido e que é dona do seu próprio lar. Mas não passa disso. Assim como a abelha rainha, ela tem total responsabilidade de cuidar da prole, procriar em todo o seu período fértil e ainda manter o lar em perfeito estado. Em outras palavras, essas mulheres são escravas da biologia, reduzidas a quase nada (BEAUVOIR, 2016). Esse comportamento não é de um período específico, mas é atrelado ao ser humano em geral e suas ideologias patriarcais, como o Islamismo, o Judaísmo, e as linhas mais radicais e severas do Cristianismo. Com isso surgem determinados comportamentos aberrantes, como a mutilação genital feminina (MGF)<sup>1</sup> em países islâmicos extremos como a Arábia Saudita. De acordo com Palhares e Squinca (2013), essa prática<sup>2</sup> foi registrada na Inglaterra no século XIX da seguinte maneira: mulheres consideradas histéricas ou ninfomaníacas (aquelas com um desejo sexual elevado, anormal), eram submetidas a este brutal procedimento, com o intuito de ficarem mais pacíficas, o procedimento era utilizado como tratamento. Ainda hoje temos exemplos de barbáries como essa, no Islamismo por exemplo (PALHARES; SQUINCA, 2013).

Mas por que falar sobre isso? A relação entre essa mutilação, disfarçada de boas intenções, para a mulher ficar mais calma e não sentir desejo sexual, está inteiramente ligada com a ignorância e com os manuais médicos dos séculos passados que configuravam a mulher como um ser inferior ao homem, quase assexuado. As mulheres que possuíam algum desejo sexual eram vistas como ninfomaníacas ou como prostitutas (ACTON, 1867). Desde sempre existiram meios para controlar a mulher e escravizá-la sob a desculpa de “tratamento médico”. Porém, com a religião como doutrina, isso é fácil de ser realizado, pois implementa a culpa religiosa, sendo a mulher mãe de Jesus Cristo na bíblia e ao mesmo tempo a pecadora e fraca que se deixa levar pela tentação no paraíso, ou a própria Maria Madalena. Com isso exposto,

---

<sup>1</sup> Procedimento em que levam as meninas, moças e mulheres a um determinado local, onde o suposto “médico” ou chefe da comunidade, remove-lhes o clitóris, lábios menores e reduz o tamanho da abertura vaginal, em outros casos, corta os lábios maiores também, não restando nada.

<sup>2</sup> Apenas em 2003 o Reino Unido proibiu qualquer MGF. No entanto, jovens ainda são retiradas de lá em período de férias escolares para que realizassem os “cortes” fora do Reino Unido. Estima-se que há um número de aproximadamente 200 milhões de mulheres mutiladas genitalmente.

vemos a relação direta com as inúmeras superstições e “enigmas” que estariam ligados às mulheres e são mencionados no romance de Brontë.

A autora Virginia Woolf (2014) relata em seu livro “*A Room of One’s Own*” (“Um Teto Todo Seu”), que lhe era proibida a entrada na biblioteca da Universidade de Oxbridge (o nome é invenção da autora), a menos que estivesse acompanhada de um jovem rapaz, entre outras situações constrangedoras pelo simples fato de ser mulher. Isso deixa claro como a mulher era percebida pelo mundo a sua volta, um mundo com tantas mulheres quanto homens, porém, regido apenas por eles. Desta forma é fácil induzir e controlar uma mulher à base da culpa, do medo, da punição não apenas física, mas social e espiritual, esta última, sendo ainda pior, pois são crenças provenientes de uma fé que afirma existir vida após a morte. No trecho abaixo, Woolf (2014) narra a cena em que é barrada na entrada da biblioteca, e não apenas isso, o homem que a impede de entrar fica pasmo com tamanha “ousadia”. Informando-a que ela só poderia entrar com uma carta de apresentação ou acompanhada por um estudante da universidade.

[...] o rosto dele expressava horror e indignação. O instinto, em vez da razão, veio me socorrer: ele era um bedel<sup>3</sup>; eu era uma mulher. [...] somente os estudantes e os professores eram admitidos aqui; o cascalho era o meu lugar. Esses eram meus pensamentos naquele momento. Assim que retomei meu caminho, os braços do bedel caíram, seu rosto assumiu a tranquilidade usual [...], mas eis-me de fato à porta que leva para a própria biblioteca. Devo tê-la aberto, já que, num instante, como um anjo guardião impedindo o caminho com o esvoaçar de um traje preto em lugar de asas brancas, um cavalheiro desaprovador, prateado e gentil, lamentou em voz baixa, à medida que me dispensava com um gesto, que só se admitiam damas na biblioteca se acompanhadas por um estudante da universidade ou munidas de uma carta de apresentação (WOOLF, 2014, p. 8-10).

Sendo proibidas de ter acesso ao aconhecimento, muitas mulheres viviam isoladas e eram proibidas de relatar o quanto sofriam em níveis físicos e emocionais, por medo e falta de segurança; a literatura pode oferecer uma chance de desabafo, em um processo de autocura. Quando a mulher não atua como escritora, ela pode encontrar na literatura a palavra de outras mulheres e reconhecer a alteridade que há em si e na próxima, fomentando um sentimento de sororidade, auxiliando esta que busca conhecimento e informação. Em muitos casos, as mulheres que passaram por situações de natureza violenta e não possuem alguém que as escute, o papel torna-se o principal local de testemunho.

---

<sup>3</sup> O termo bedel pode significar: a) aquele que desempenha o papel de chefe escolar ou b) um funcionário de uma universidade com tarefas administrativas.

É importante atentar para o papel da literatura na sociedade, como produtora de conhecimento, de reflexão crítica, de denúncia de sistemas autoritários e, principalmente, a promoção humanizadora que provoca no sujeito, principalmente o sentimento de empatia, fornecendo o acesso para mundos diferentes daquele em que vivemos, que muitas vezes deixam muito a desejar (CANDIDO, 1995). Assim, compreende-se a importância de pesquisas nesta área tão infinita e repleta de possibilidades, capaz de promover a reflexão sobre valores antiquados, de longa data ultrapassados, e por inúmeras vezes, desumanos. A literatura fornece conhecimento e a possibilidade de uma existência mais humana e mais digna, à qual, segundo a constituição brasileira, todos têm direito. Partindo disto, a presente dissertação procura unir os estudos literários com uma obra cânone da literatura inglesa, "*Jane Eyre*", que provocou e abalou muitos pensamentos conservadores na época de sua publicação (1847), e que possivelmente é fruto de uma mente inquieta e insatisfeita com a situação feminina. Fato é que a narradora em "*Jane Eyre*" se mostra conturbada em diversos momentos que a colocam como inferior ou submissa ao sistema vigente de sua época. É baseado nisto que o primeiro vislumbre desta dissertação tomou forma, pois apesar de a situação feminina ter melhorado desde 1847 até 2020, a mulher ainda se encontra em insatisfação diante de algumas incongruências nos costumes, decisões políticas e legislativas brasileiras.

No trecho abaixo, retirado do prefácio<sup>4</sup> de "Um Teto Todo Seu" de Virginia Woolf, fica explicitamente bem colocada uma situação comum a muitas mulheres, quando elas dispõem de um tempo para si e para o desenvolvimento de seu trabalho. À mulher foi negado o direito de fala durante muito tempo, o direito de ser ouvida, ou até mesmo de calar-se por escolha própria, geralmente o silêncio lhe era imposto, forçado. As mulheres ainda não possuem os mesmos direitos que os homens e isso percebe-se em casa, quando cabe a ela a responsabilidade das refeições, limpeza da casa, escola e estudo dos filhos, roupas e ambiente do marido, e ainda receber o seu sustento e ter uma carreira de sucesso. Do contrário, é acusada de folgada e que deseja dar o "golpe do baú". No passado, a mulher não tinha nem mesmo o direito a reservar um tempo para si, diferente do homem que, cansado demais do trabalho, chega e se joga no sofá na frente da televisão ou do computador, se isentando de qualquer responsabilidade ou obrigação. Situação oposta aos dias atuais, em que a mulher tem o direito de escolha, se deseja ser trabalhadora do lar, seguir uma carreira profissional, ou ambas, sem represálias. Parte-se desta inquietação, a necessidade de usar um meio em que possamos nos expressar livremente,

---

<sup>4</sup> Escrito por Ana Maria Machado.



não apenas na escrita ficcional, mas na escrita acadêmica, deixando frutos de nossos estudos e de nossos questionamentos acerca de algumas inconformidades atuais que persistem em existir.

Um teto todo seu significa um espaço próprio para trabalhar, como os homens têm a seu dispor quando escrevem, um local que seja respeitado, sem interrupções domésticas ou conjugais, sempre a cortar o fio da meada dos pensamentos e a exigir respostas para “A minha camisa está passada?” ou “A que horas sai o almoço?” ou “Mãe, vem me limpar...” Significa, além de um espaço, também um tempo próprio, sem interferências externas. E, evidentemente, também pressupõe privacidade, sem bisbilhotice ou curiosidade e ninguém a espiar por cima do ombro o que vai sendo escrito ou a página recém-terminada posta de lado (WOOLF, 2019).

Jane se mostra uma personagem frustrada e injustiçada diante de situações de inferioridade e de extremo autoritarismo, como ocorreu em sua infância e no instituto onde recebeu sua (des)educação, pois ao mesmo tempo em que aprendia diversas línguas e operações matemáticas, sofria com a fome, miséria extrema, frio, tortura física e psicológica. Local que possui incríveis semelhanças com a escola frequentada pela autora. Esse processo de análise leva em consideração o tempo, espaço, local e características sociais sobre o período histórico e, em contraste com a narrativa, para que seja possível traçar um perfil da construção da identidade da personagem Jane e sua similitude com Mr Rochester. A análise leva em conta a opressão por parte do sistema patriarcal e o desejo de liberdade e autonomia da personagem; a influência da religião na conduta das mulheres (no romance e nos dados bibliográficos); comparação acerca desse material em conformidade com “*Jane Eyre*” a respeito do sistema educacional do período, a influência das classes sociais descritas no romance e como essas interferem na vida da personagem.

Assim, o presente trabalho divide-se em três capítulos principais: o primeiro é a introdução, trazendo de forma resumida fatores que foram levados em consideração para a produção desta dissertação e um esboço dos tópicos a serem abordados no decorrer da análise. Assim como alguns temas da atualidade, oriundos do período vitoriano, onde podemos encontrar explicações como, por exemplo, na evolução das escritoras femininas. Também são explorados inúmeros eventos que parecem retroceder a este período e que parecem movidos por doutrinas religiosas. O segundo capítulo possui dois subcapítulos. O primeiro abordará o contexto histórico da obra e suas principais características que permeiam a narrativa, enquanto o segundo abordará o conceito de romance de formação ou *Bildungsroman*<sup>5</sup>.

Tendo essas questões em mente, há a necessidade de contemplar autoras importantes ao se trabalhar com obras femininas e que exploram a condição da mulher na sociedade,

---

<sup>5</sup> Na análise será utilizado o termo com a inicial minúscula.

portanto, no decorrer da análise serão utilizadas leituras de diversas escritoras feministas tais como Mary Wollstonecraft (1759-1797), Virginia Woolf (1882-1941) e Simone de Beauvoir (1908-1986). Será abordado também o conceito de identidade de acordo com os autores Stuart Hall (1932-2014), Zygmunt Bauman (1925-2017) e Eric Landowski (1946), para a análise da formação de identidade de Jane Eyre e as transformações que ela sofre ao longo da narrativa, bem como a alteridade em suas relações com as demais personagens, principalmente com Rochester.

O terceiro capítulo está dividido em três subcapítulos, e o primeiro deles tratará da formação da identidade de Jane, como sucedeu sua infância e seus processos traumáticos. Para tanto, serão abordados outros personagens com quem ela teve contato em seus anos de juventude. Nesta etapa é importante abordar como Jane é um exemplo de resistência conforme ela começa a relatar os fatos ocorridos em sua vida. Sendo assim, tratará dos abusos físicos e psicológicos sofridos por Jane durante sua infância e adolescência, uma vida marcada por abandonos e a falta de um porto seguro familiar. O segundo subcapítulo explora a relação de alteridade que se estabelece entre Jane e Rochester, como um encontra conforto e sentimentos semelhantes no outro.

O terceiro subcapítulo trata da questão final relatada por Jane: a escolha de se casar com Rochester e seu conformismo depois do casamento. Como essa escolha afetou sua vida e se Jane teria se acomodado a uma vida pacata a qual tanto criticava, uma vida em que ela ocuparia uma posição inferior, por ter se casado e ser submissa ao marido. Este tópico não visa julgar em hipótese alguma a personagem, mas sim explorar o porquê dessa decisão, local de expor estudos e análises frente a esse tipo de situação. É válido mencionar aqui que a autora, Brontë, teve seu romance questionado como desvirtuador da moral e bons costumes. Que a obra “*Jane Eyre*” e a personagem Jane, dariam o exemplo errado às meninas e moças do período, ao ensinar que a mulher deve e pode conseguir sua independência financeira e que o casamento não passa de uma ilusão que é alimentada sob o pretexto, talvez, de criar moças bem-comportadas e servis.

Serão utilizados como fonte para explorar o contexto da autora e obra, livros famosos do período, como *An Enquiry into the Duties of the Female Sex*<sup>6</sup>, do autor Thomas Gisborne (1758-1846), publicado pela primeira vez em 1797. A importância deste é claramente visível pelo próprio título do livro, visto que era um manual religioso que ditava a suposta conduta correta para mulheres inglesas, da virada do século XVIII para o XIX, tanto da classe média quanto alta. É deveras importante mencionar que Thomas Gisborne era um padre e poeta da

---

<sup>6</sup> “Uma investigação sobre os deveres do sexo feminino” (tradução nossa).

Igreja Anglicana e se mostrou contra a escravidão. O segundo livro utilizado é do escritor e médico William Acton (1813-1875), *“The Functions and Disorders of the Reproductive Organs, in Childhood, Youth, Adult Age, and Advanced Life, Considered in the Physiological, Social, and Moral Relations”*<sup>7</sup>, publicado em 1867, explorando e (des)educando a sociedade quanto a diversos temas, anatomia e doenças dos órgãos sexuais masculinos. Neste livro, o médico praticamente não menciona o sexo feminino, e quando o faz, é apenas para informar o desinteresse que as mulheres possuíam quanto a assuntos sexuais, que elas sentiam-se satisfeitas apenas em agradar ao seu marido, e que se não fosse por isso, prefeririam não praticar o ato sexual. O autor foi reconhecido na área ginecológica da Medicina, ou seja, no trato dos órgãos genitais femininos, porém, com ênfase no sexo masculino, expondo que as mulheres que possuíam libido estavam predispostas a serem ninfomaníacas e que isto ia contra a moralidade do período (ACTON, 1867).

Após a publicação deste exemplar, Acton publicou também *“Prostitution, Considered in its Moral, Social, and Sanitary Aspect, in London and other large cities and Garrison Towns, with Proposals for the Control and Prevention of Attendant Evils”*<sup>8</sup>, em 1857, sendo atualizado em 1870. Neste, o autor explorou o perigo que as doenças venéreas representavam e que se espalhavam pela cidade de Londres devido ao alto índice de prostituição feminina e à falta de moralidade do período. Foi criticado por defender que muitas mulheres buscavam a profissão devido aos salários baixíssimos que recebiam, a fome e a miséria desenfreada, e que, diferentemente do que a sociedade pensava, a prostituição não estava relacionada com a sensualidade e o desejo da mulher por esta ser considerada imoral e decadente. Essa questão é importante, pois se refere ao sistema de classes do período e à falta de espaço para o sexo feminino no mercado de trabalho, visto que muitas mulheres tinham a necessidade de trabalhar, sendo expostas a situações precárias e se vendo obrigadas a se prostituir.

Como referências bibliográficas no que diz respeito aos estudos literários e à sua importância como fonte inesgotável de conhecimento, serão utilizados os seguintes autores: Antonio Candido (1918-2017), David Lodge (1935), Tzvetan Todorov (1939-2017), Terry Eagleton (1943), Jonathan Culler (1944) e Antoine Compagnon (1950). Com relação ao tema da narrativa de resistência e testemunho, sistemas autoritários e violência, serão abordados nomes como Zygmunt Bauman (1925-2017) e Michael Pollak (1948-1992).

---

<sup>7</sup> “As funções e distúrbios dos órgãos reprodutivos, na infância, juventude, idade adulta e terceira idade, consideradas nas relações fisiológicas, sociais e morais” (tradução nossa).

<sup>8</sup> “Prostituição considerada em seu aspecto moral, social e sanitário, em Londres e outras cidades populosas e região, com propostas para o controle e a prevenção dos males dos atendentes” (tradução nossa).

Portanto, esta pesquisa justifica-se pela maneira como a análise e a interpretação dos dados serão realizadas e que os resultados possam auxiliar no discernimento de questões importantes como a discriminação de gênero, o controle de pessoas através de ideologia e a influência de figuras femininas sobre gerações futuras. De modo que, os resultados desta pesquisa estarão a serviço de estudantes, acadêmicos e outros pesquisadores, atuando em favor dos interesses sociais pelo tema escolhido, visto que a opressão sofrida pelas mulheres ao redor do mundo é algo que afeta diretamente a todos (AGUIAR; PEREIRA, 2007). O porquê desta pesquisa envolver um romance de formação como objeto de estudo acerca de determinados comportamentos, estereótipos e identidades, se deve principalmente à importância da literatura como crítica social e objeto capaz de modificar padrões impostos por uma classe ou gênero dominante, como ocorre em “*Jane Eyre*”. De acordo com Candido (1995, p. 249), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Dessa forma, exploramos na pesquisa a importância da literatura não apenas como um entretenimento, mas um meio de crítica de regimes impostos e ideologias que servem como forma de controle social. Presente nisso, o exercício da leitura, de refletir e questionar age como um poderoso transformador social, em que cada indivíduo aprende a explorar o seu espaço de maneira respeitosa com o seu semelhante, independente de sexo, gênero, cor, credo, etnia, etc.

A pesquisa, produtora do conhecimento científico, nunca é neutra, mas, como fenômeno político [...] deve se destinar, pois, ao bem-estar das pessoas, na medida em que seus achados possam se transformar em suportes de novos comportamentos. A relação da ciência com a vida prática supõe, por isso, um pesquisador participante, inserido nas contingências de seu meio, disposto a contribuir para a solução das questões que ali se colocam [...] na busca de resolução das mesmas e divulgar suas descobertas de modo a beneficiar a comunidade em que vive (AGUIAR; PEREIRA, 2007, p. 14).

Esta pesquisa é de característica bibliográfica/documental do tipo qualitativa/exploratória, pois se trata de uma análise com base em um objeto de estudo literário, juntamente com outras obras que auxiliam a análise, como livros que complementarão a bibliografia para a interpretação dos dados a serem coletados e descritos no texto final da dissertação. É qualitativa pois propõe analisar e interpretar comportamentos e relações sociais de um determinado grupo no período histórico dos séculos XVIII e XIX da Inglaterra vitoriana. Além do mais, a pesquisa não pretende apresentar números e estatísticas em seus resultados, mas sim, chegar a discernimentos e reflexões. Para que seja possível traçar uma linha entre os documentos que relatam a realidade da época e o romance autobiográfico ficcional, é preciso

lembrar que mesmo as fontes históricas são narrativas muitas vezes parciais. Por isso há a necessidade de utilizar uma bibliografia vasta com o intuito de não julgar e não cometer injustiças com ninguém ao longo do caminho.

O objetivo principal da dissertação está em explorar o tema da condição feminina e denunciar a opressão por parte do sistema patriarcal que se vale da religião para reprimir a sexualidade não apenas na época vitoriana de Jane, mas ainda nos dias de hoje. É devido a isso que persiste o desejo não só da personagem, mas de inúmeras mulheres ao redor do mundo de alcançar a liberdade e a autonomia, seja financeira, sexual, religiosa, política, etc. Além de expor o reflexo de uma época que repercute atualmente; pretende-se verificar a influência da religião na conduta das mulheres, a conformidade do material bibliográfico com “*Jane Eyre*” a respeito do sistema educacional do período, vivido inclusive pela autora; a influência das classes sociais descritas no romance e como essas interferem na vida da personagem.

Com relação às citações de trechos do romance em si, elas serão no idioma original, da terceira edição (2001) da W. W. Norton & Company; serão inseridas notas de rodapé contendo suas respectivas traduções, estas realizadas por Doris Goettems, retiradas da edição bilíngue da Editora Landmark, de 2010. Algumas citações serão utilizadas também da Landmark, porém da edição de 2016.



## 2 O CONTEXTO

### 2.1 A FIGURAÇÃO DO FEMININO DENTRO DA SOCIEDADE VITORIANA

Jane é a heroína que vem representar a maioria das insatisfações de seu período e da classe média. Assim como ela também reflete toda a cultura feminina da qual ela faz parte, suas insatisfações, temores e desejos. Se colocarmos lado a lado “*Jane Eyre*” e o século XXI, veremos que a obra acompanhou a revolução do período e ainda aborda temas que são pertinentes aos dias atuais. Inclusive os traços menos heróicos de Jane, como a xenofobia, o racismo e o preconceito com classes pobres da sociedade. Contudo, devemos levar em consideração o período que a obra retrata assim como o período em que ela foi escrita e, por fim, o contexto da autora. Podemos apontar vários detalhes que deixariam uma feminista da modernidade bem incomodada. Porém, ao compararmos o romance com o período em que foi lançado, percebemos que Jane era uma protagonista fora do normal, ela trouxe questões e anseios muito importantes para a classe feminina do período. Começando por não aceitar um relacionamento que ela seria representada como menos do que realmente é, ou seja, ela seria vista como uma prostituta. Algo muito diferente daquilo que sonhava para si, como independência financeira, autonomia e valorização pessoal. É preciso enfatizar logo de início que não iremos encontrar uma heroína perfeita e sem falhas. Sabemos que os delizes acontecem e que o ser humano é cabível de cometer vários erros, pelo simples fato de não controlar seus impulsos.

Jane sempre pondera muito bem cada situação de sua vida, inclusive a religiosa. A mensagem final do romance poderia ser resumida de acordo com o contexto da época: que você não deve ceder às paixões carnis e que Deus olhará por você caso fores uma pessoa honesta e que tenha uma postura adequada e dentro dos princípios morais. É dito que “it is the clergyman’s function to help – at least with advice – those who wish to help themselves”<sup>9</sup> (BRONTË, 2016, p. 466), ou seja, se a pessoa procurar ser decente, correta, possuir um bom caráter e viver conforme às normas, Deus lhe ajudará a obter o que deseja ou pelo menos morrerá livre de pecados. Não podemos esquecer que se trata de um romance do século XIX, já faz quase duzentos anos que “*Jane Eyre*” foi publicado. Na época, as Brontës usavam pseudônimos masculinos, para que pudessem publicar seus escritos e não corromper o leitor já com o fato inicial de serem autoras mulheres. Principalmente pois, nesse período, ainda não era

---

<sup>9</sup> “É função do pároco ajudar, pelo menos com conselhos, aqueles que desejam ajudar a si próprios” (BRONTË, 2016, p. 467).

permitido que a mulher escrevesse romances, peças teatrais, etc. Mas isso tudo já estava mudando, principalmente com a mulher assumindo o papel de escritora na virada do século XVIII para o XIX. Não quer dizer que não houvesse autoria feminina antes disso, houve o suficiente para provocar em várias escritoras “dormentes” o desejo de reformularem suas indidentidades. Assim como houve certo rechaçamento por parte do Estado moralista da época. Até então, quem descrevia a mulher, quem a caracterizava, a tipificava, a definia em seus meios e fins, eram os homens. Tudo que o mundo conhecia a respeito da mulher, veio através da visão masculina, e com isso, vários problemas como os estereótipos, os preconceitos e um mundo cada vez mais patriarcal. O mundo conheceu pelo menos seiscentos anos de escrita masculina, se contarmos a partir da *Bíblia* de Johannes Gutenberg (1400-1468), que foi publicada aproximadamente em 1455. Somente próximo dos últimos duzentos e cinquenta anos que fomos ter acesso à escrita feminina com o próprio pensar feminino, ou seja, antes disso a mulher só tinha acesso a tudo que fosse escrito por homens, mesmo se tratando de assuntos femininos, como anatomia e saúde da mulher. Não é de esperar que com tão pouco tempo de “palco” não há nenhuma escritora idolatrada ao nível de Homero ou Shakespeare, pois tudo que tínhamos até pouco tempo, era a imagem da esposa submissa e enfraquecida (ROSSI, 2007). Entretanto, os tempos estavam mudando no período de Brontë. O romance<sup>10</sup> era um gênero muito lido e conhecido pelo público leitor feminino de todas as idades, portanto, deveria ser escrito pelas mulheres e para as mulheres.

However, for at least a century before the start of the period in literary history we term "Victorian," the British novel had enjoyed cultural visibility and weathered critical scrutiny, so in a sense there was nothing momentarily new about the novel in 1837. But critical discussion generated by the genre's increasing popularity in a profitable marketplace acquired a distinctive intensity as authors and literary intellectuals initiated an almost century-long debate about the moral and aesthetic nature of the novel. The central questions that fueled this debate tended to revisit with some regularity issues of whether novels should retain their racy affiliations with romance, teach uplifting moral lessons, educate curious readers about a rapidly changing society, or aim for a narrative singularity that would provide aesthetic correlation for the domestic realism that ruled the form for most of the period. By the end of the nineteenth century, after decades of cultural rule, novel-reading itself had become identified with those attitudes we now term "Victorian" (primarily to do with sexual repression, stultifying middle-class family life, and cramped vistas for women's lives), then being vigorously rejected (DAVID, 2005, p. 1)<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> O termo em Inglês para este gênero é *novel*.

<sup>11</sup> “No entanto, pelo menos um século antes do início deste período na história literária que denominamos "vitoriana", o romance britânico desfrutou de visibilidade cultural e resistiu ao escrutínio crítico; portanto, em certo sentido, não havia nada momentaneamente novo no romance em 1837. Mas a discussão crítica que foi gerada pela crescente popularidade do gênero de maneira lucrativa no mercado adquirindo assim uma intensidade distinta quando autores e intelectuais literários iniciaram um debate de quase um século sobre a natureza moral e estética do romance. As questões centrais que alimentaram esse debate tenderam a rever algumas questões se os romances deveriam manter suas afiliações com o romance, ensinar lições morais, educar leitores curiosos sobre a rápida



No fragmento acima, a pesquisadora David (2005), realiza um resumo abordando assuntos que deveriam ser mencionados nos romances para as jovens da era vitoriana. Como o ensino de lições morais revigorantes e educar leitores curiosos sobre as mudanças rápidas na sociedade, sendo inclusive, uma narrativa que abordasse a vida doméstica que era regra ser mantida de uma determinada forma. Porém, ao término do século XIX, pesquisadores já estavam invadindo o romance do período vitoriano e descobrindo que na verdade, esse período tratava de repressão sexual, estruturação da classe média em um sistema capitalista e vistas grossas à vida das mulheres em sociedade. Outra menção importante que David (2005, p. 6) realiza é a seguinte: que com o romance vitoriano, “novels allowed you to learn something about things, places, and people”<sup>12</sup>, ou seja, os romances auxiliavam as pessoas a aprenderem sobre coisas novas, pois recebiam um conhecimento novo sobre locais que não conheciam ou não tinham condições financeiras para viajar, sobre outras pessoas e suas relações sociais.

Na citação abaixo, o pesquisador, Chassot (2004), expõe que desde que conhecemos o mundo como ele é vemos muitos homens no comando dele e pelo que podemos inferir, estão falhando indubitavelmente. Assim como os homens são a grande maioria na ciência, seja matemática ou filosofia, são eles que estão entre os grandes genocídios e as tragédias.

São homens os pregadores e líderes religiosos, na maioria das religiões, estas em geral criações masculinas. Na Igreja Católica há muitas ordens religiosas femininas fundadas por homens. Preliminarmente parece que se pode concluir que não é apenas a Ciência que é predominantemente masculina, mas nossa civilização, já há alguns milênios. [...] quais os nomes de mulheres que poderíamos colocar como similares aos dos sanguinolentos Hitler, Mussolini, Stalin, Franco, Milosevic, Pol Pot, Pinochet, Bush, Saddam, apenas para citar aqueles de quem somos mais próximos temporalmente? Não parece ocorrer nenhum (CHASSOT, 2004, p. 12).

Safo, poeta grega famosa e muito adorada por seus leitores e poetas do período, data de 600 a.C.<sup>13</sup>, o que aconteceu para que as mulheres perdessem totalmente seu espaço e serem tão perseguidas ao longo da história? Infelizmente já não éramos muitas, mas acabamos nos dissolvendo em nenhuma por mais de mil anos. Devemos inferir que nenhum dos argumentos seriam válidos para tentar responder a esta pergunta, uma vez que fossem justificados por homens através de textos e teorias misóginas ou altamente moralistas como, por exemplo, do

---

mudança da sociedade ou buscar uma singularidade narrativa que forneça correlação estética para o realismo doméstico que governou o estilo do romance na maior parte do período. No final do século XIX, depois de décadas de domínio cultural, a leitura dos romances se identificou com as características que hoje denominamos "vitoriana" (principalmente relacionadas à repressão sexual, à vida familiar estruturada da classe média e às severas normas da vida das mulheres) sendo fortemente rejeitada mais tarde” (tradução nossa).

<sup>12</sup> “[...] romances permitiam a você aprender alguma coisa sobre coisas, lugares e pessoas” (tradução nossa).

<sup>13</sup> A sigla a.C. significa ‘antes de Cristo’. Em contrapartida à a.D. (*anno domini*, ou ‘ano do senhor’) ou d.C., ‘depois de Cristo’.

puritanismo inglês que deixou rastros de medo, subjugação e morte por onde passou. O movimento puritano pregava a “purificação” da bíblia, do Estado, da Igreja e do povo. O termo já existia no século XIV, porém, entrou em vigor com a Reforma Protestante na Inglaterra no século XVI e ficou por pouco mais de cem anos, considerando que haveria “findado” em meados do século XVII. O puritanismo, essencialmente, tratava das relações sexuais, afetando profundamente a sociedade, visto que era uma visão política, religiosa e social da vida do homem (masculino) na Terra. Com isso, atividades e interesses foram divididos, propósitos e conhecimentos também. Se o conhecimento pertencia ao homem e não à mulher, então esta estaria sujeita ao homem e às relações sexuais dentro das normas puritanas (CAMPOS, 2008). Na citação abaixo, Campos (2008, p. 53) refere-se à perseguição das mulheres sob a desculpa de serem “bruxas”:

Se saber é poder, todo conhecimento aos homens. Todo poder aos homens. As mulheres não deviam saber e as que sabiam deviam se calar ou ser caladas. As mulheres não foram consideradas bruxas apenas religiosamente por causa de seus curandeirismos, benzeduras, remédios, chás, poções, milagres, mas porque as ciências passavam a ser monopólio dos homens na modernidade.

Como foi falado no começo desta análise, a imagem da mulher estaria atrelada apenas a dois extremos: à santa imaculada (pura, angelical, virgem) ou à herege (a feiticeira, a prostituta, a pecadora, a impura) (GUBAR; GILBERT, 1980). O puritanismo expressou justamente esse pensamento. E como o conhecimento (as ciências da natureza, da saúde, da economia, da política) cabiam aos homens, toda mulher que atentasse para essas áreas seria a herege, portanto, eliminada. A Inquisição já havia levado um número absurdo de pessoas para a fogueira e para as câmaras de tortura; homens e mulheres, mas principalmente mulheres, em Portugal, Espanha, França, Alemanha, e outras nações. Embora na Inglaterra não tivesse ocorrido uma Inquisição com este termo próprio, as mulheres sofreram com um dos piores períodos da Inglaterra.

Quando se fala na presença de nomes de mulheres na Ciência, é importante referir por primeiro o nome da matemática neoplatônica Hipácia (370-415) que trabalhava na Biblioteca de Alexandria, assassinada por instigação de religiosos fanáticos. Ela aparece como uma estrela feminina quase solitária numa galáxia masculina, em toda a História da Ciência do mundo antigo, no medieval e mesmos nos primeiros séculos dos tempos modernos. [...] Hipácia representa o início de um quase vácuo feminino nas produções da Ciência por cerca de 1.500 anos (CHASSOT, 2004, p. 14).

Quer dizer que, aquelas famosas mulheres das aldeias, as curandeiras, parteiras, as que realizavam pequenas simpatias ou conheciam as superstições, as que conheciam todas as ervas e plantas da floresta e as usavam para curar febres, infecções, doenças que ainda não possuíam nome na medicina, detinham um conhecimento que os homens não tinham acesso. E tudo aquilo que fugia à norma puritana deveria ser castigado, punido e eliminado, como exemplo para as demais (CHASSOT, 2004). O puritanismo buscava não apenas dominar um dos sexos, mas tornar mais forte e superior o homem, sem porquês, sem explicações. É uma relação de poder e de subjugação que se estabeleceu, pois buscava-se “domesticar”, tornar dócil aquele inferiorizado, no caso, as mulheres (CAMPOS, 2008).

Retornando ao contexto do romance, a situação se desenrola com a chegada do diretor Mr Brocklehurst ao asilo Lowood e desprende inúmeras críticas absurdas ao sistema de vestimentas e alimentação das meninas. Exigindo que elas tenham acesso a um número mínimo de roupas possíveis, para que não precisem trocar com muita frequência e, assim, não gastar com lavagem. Percebemos os maus tratos e o abuso de autoridade por parte do diretor dentro e fora do asilo. É importante reforçar o uso deste termo (asilo), visto que o local se fazia passar por escola, porém não era uma instituição de ensino, mas sim de abandono.

And, ma'am,' he continued, the laundress tells me some of the girls have two clean tuckers in the week: it is too much; the rules limit them to one.  
i think I can explain that circumstance, sir. [...]  
Well, for once it may pass; but please not to let the circumstance occur too often. And there is another thing which surprised me: I find, in settling accounts with the housekeeper, that a lunch, consisting of bread and cheese, has twice been served out to the girls during the past fortnight. How is this? I look over the regulations, and I find no such meal as lunch mentioned. Who introduced this innovation? and by what authority?  
i must be responsible for the circumstance, sir,' replied Miss Temple: 'the breakfast was so ill-prepared that the pupils could not possibly eat it; and I dared not allow them to remain fasting till dinner-time (BRONTË, 2001, p. 52-53)<sup>14</sup>.

O diretor informa no excerto acima que apenas uma camisa é permitida por aluna e não duas como ele havia visto nos relatórios da lavanderia que eram prestados a ele. Outra situação

---

<sup>14</sup> “– Madame – ele continuou – a roupeira me disse que algumas das meninas receberam duas camisas limpas esta semana. É muito. O regulamento só permite uma.

– Acho que posso explicar isso, senhor.

– Bem, por uma vez passa. Mas não deixe que essa circunstância ocorra com muita frequência. E há mais uma coisa que me surpreendeu. Descobri, vendo as anotações da governanta, que um lanche de pão e queijo foi servido duas vezes às meninas na última quinzena. Como foi isso? Olhei nos regulamentos e não havia nenhum lanche mencionado ali. Quem introduziu esta inovação? E com que autoridade?

– Eu fui a responsável por isso, senhor – respondeu Miss Temple. – O café da manhã foi tão mal preparado que as meninas não tiveram como comer. E não ousei permitir que ficassem em jejum até o almoço” (BRONTË, 2010, p. 39).

precária que se desenvolve é com relação à alimentação das crianças. A professora, Miss Temple, deve explicar porque estava escrito no relatório que elas haviam sido servidas duas vezes com pão e queijo. Ao relatar o ocorrido com o mingau queimado e que as crianças não conseguiram comer e que, portanto, ela não permitiria que as crianças ficassem com fome até a noite, o diretor abominou a situação.

'Madam, allow me an instant. You are aware that my plan in bringing up these girls is, not to accustom them to habits of luxury and indulgence, but to render them hardy, patient, self-denying. Should any little accidental disappointment of the appetite occur, such as the spoiling of a meal, the under or the over dressing of a dish, the incident ought not to be neutralised by replacing with something more delicate the comfort lost, thus pampering the body and obviating the aim of this institution; it ought to be improved to the spiritual edification of the pupils, by encouraging them to evince fortitude under the temporary privation (BRONTË, 2001, p. 53)<sup>15</sup>.

Neste ponto, o diretor demonstra o que foi discutido até o momento. Mesmo que o romance não se desenvolva mais no período puritano, sabemos que a Igreja ainda domina grande parte das “leis” e normas sociais do período. São pensamentos retrógrados que permanecem, por mais que a nação não seja mais puritana, foi um grande período vigente sob rígidas e autoritárias regras que mantinham, principalmente as mulheres, sob um espaço restrito. O diretor afirma que as meninas não podem ter uma vida de “extravagâncias”, de “luxo”, por isso, deve rendê-las e domá-las ao ponto de serem capazes de renunciarem a si mesmas. O diretor afirma que a situação descrita pela professora deve ser tomada como exemplo para tornar as meninas fortes e resistirem a tempos de privação, e não “mimadas” pela substituição por uma refeição prazerosa, pois jamais deve-se nutrir os desejos da carne. Os termos usados pelo diretor remetem a objetificação do corpo feminino. Este termo – objetificação – poderia não existir no período, porém, o ato em si já existia. É possível comprovar isto com o material da área médica de William Acton (1857), já mostrado nessa pesquisa. Ao designar ao homem total liberdade a sua natureza sexual e aos seus desejos, ao passo que força a mulher a satisfazê-lo, sendo que esta não encontraria satisfação alguma no ato sexual, a menos que fosse doente mentalmente.

If one ideological function of the Victorian novel was to provide knowledge about industrial culture, then another was to construct rules for the management of gender and sexuality. Nancy Armstrong and Jeff Nunokawa explicate these rules. Armstrong argues that the novel allies itself with the emergent human sciences to refine the rules

---

<sup>15</sup> “– Madame, um momento... permita-me uma observação. A senhora está ciente que minha ideia de educar essas meninas não é acostamá-las ao luxo e à indulgência, mas torná-las fortes, pacientes e capazes de renúncia. Se houver algum desapontamento do paladar – comida estragada, mais ou menos guarnição num prato – não deve ser repostado com uma refeição mais saborosa, pois seria mimar o corpo e atentaria contra os objetivos desta instituição. Isso deve contribuir para a edificação moral das alunas, para encorajá-las a tornar-se fortes sob condições de privação” (BRONTË, 2010, p. 39).

governing the social and biological reproduction of the respectable classes; in this alliance, the novel performs a containing, constraining, and normalizing function in order to reinforce emerging systems of social classification. [...] Armstrong concludes that our late twentieth century and early twenty-first-century ideas about gender differences originate in the Victorian novel's discursive alliance with non-fictional writings about reproduction and correct modes of masculine and feminine behavior. Nunokawa argues that Victorian sexual desire is similarly regulated and that social, cultural and political history is felt in the depiction of erotic passion. Through analysis of five case studies taken from Victorian fiction he shows how sexual desire is described and organized, how individual characters express erotic passion and how they are trained to define and discipline it (DAVID, 2005, p. 12)<sup>16</sup>.

Nesta citação fica claro como os estudos de pesquisadores da área, encontraram fatos narrativos que explicam como a era vitoriana desejava manter regras e normas morais sociais como uma regulação social. A fim de que ninguém agisse de maneira “anormal” com relação à sexualidade e a paixão erótica. No caso do século XX e XXI, as ideias que temos hoje são derivadas desta forma de pensar no período vitoriano. Que além disso, procurava regular as regras a fim de separar as classes sociais, pois a ascensão da burguesia era algo que poderia trazer grandes problemas às classes mais nobres da sociedade. Com isso, o que importavam eram as classes sociais mais altas e, assim, uma grande preocupação com o estilo de vida sexual dessas pessoas. O romance se uniu às ciências sociais a fim de propagar uma regularização do sexo e sua representação na literatura.

[...] in the course of the nineteenth century, the novel problematized that individual and sought to contain, constrain, and normalize him or her in ways that at once created, reinforced, and updated a new and distinctively modern social classification system. The novel not only linked the fate of the emergent middle class, its norms, values, customs, and concept of nationality with the nation itself, it also insisted that fate in turn depended on biological reproduction (ARMSTRONG, 2005, p. 98)<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> “Se uma função ideológica do romance vitoriano era fornecer conhecimento sobre a cultura industrial, então outra era construir regras para o gerenciamento de gênero e sexualidade. Nancy Armstrong e Jeff Nunokawa explicam essas regras. Armstrong argumenta que o romance se alia às ciências humanas emergentes para refinar as regras que governam a reprodução social e biológica das classes nobres; nessa união, o romance desempenha uma função de contenção, restrição e normalização, a fim de reforçar os sistemas emergentes de classificação social. [...] Armstrong conclui que nossas idéias do final do século XX e do início do século XXI sobre diferenças de gênero se originam na união discursiva do romance vitoriano com narrativas não-ficcionais sobre reprodução e modos corretos de comportamentos masculino e feminino. Nunokawa argumenta que o desejo sexual vitoriano é igualmente regulado e que a história social, cultural e política é sentida na representação da paixão erótica. Através da análise de cinco estudos de caso retirados da ficção vitoriana, ele mostra como o desejo sexual é descrito e organizado, como personagens individuais expressam paixão erótica e como são treinados para defini-la e discipliná-la” (tradução nossa).

<sup>17</sup> “[...] no decorrer do século XIX, o romance problematizou esse indivíduo e procurou contê-lo, constrangê-lo e normalizá-lo de uma maneira que ao mesmo tempo criou, reforçou e atualizou um novo, diferente e moderno sistema de classificação social. O romance não apenas ligou o destino da classe média emergente, suas normas, valores, costumes e conceito de nacionalidade à própria nação, mas também insistiu que o destino, por sua vez, dependia da reprodução biológica” (tradução nossa).

No fragmento acima, Armstrong (2005) explana exatamente a situação que foi descrita anteriormente. A literatura do século XIX foi definida pelo romance e este modificou toda a forma de pensar, questionar, criticar e de viver dos ingleses desse período. Devemos isso principalmente à ascensão da burguesia, a introdução dos seus costumes e sua cultura, como o próprio romance, gênero lido especialmente pelas moças dessa classe que ascendia rapidamente. Esse movimento alterou o próprio conceito de nacionalidade.

Malthus's Essay on the Principle of Population translates an insurmountable problem in the domain of production (e.g. the growing of food) into a seemingly manageable problem in the domain of reproduction (e.g. the production of human beings). If heterosexual desire caused overpopulation, which is in turn the source of war and misery, then, he reasoned, it was imperative to bring such desire under control. [...] The solution that presented itself not only to Malthus but also to generations of concerned authors and intellectuals who followed him was to control the problem at its source - in the female body. [...] As newly impoverished migrants from all over an agrarian England began to accumulate in the industrial centers, the blame for their deplorable physical condition could be deflected back onto the promiscuity of their women. Even someone so critical of capitalism as Friedrich Engels was sucked into this rhetorical trap in 1845 [...] (ARMSTRONG, 2005, p. 99)<sup>18</sup>.

De acordo com a citação acima, Armstrong explica como surgiu o preconceito com o corpo feminino e o desejo sexual, no período vitoriano, que até os romances de Austen isso ainda não havia sido explorado. De forma clara e simples, o desejo entre um homem e uma mulher gerava um crescimento populacional exacerbado e descontrolado, com isso, surgiam guerras e miséria, portanto este corpo que seduzia deveria ser contido, no caso, o corpo da mulher. Na citação, Armstrong refere-se não apenas a Malthus que publicou pesquisas a respeito disto, mas inúmeros pensadores e intelectuais que o seguiam. A situação piorou com a chegada de inúmeros migrantes das zonas rurais, que procuravam se concentrar em torno das indústrias. Com isso, a população crescia mais ainda, novamente, precisava ser encontrada a fonte dos problemas, a culpa recaiu sobre a promiscuidade das migrantes próximas aos centros industriais.

If a good woman could compensate for socio-economic inequities, then a bad one could be represented as the cause of economic disaster for the very reasons that

---

<sup>18</sup> “O Ensaio de Malthus sobre o Princípio da População traduz um problema insuperável no domínio da produção (por exemplo, o cultivo de alimentos) em um problema aparentemente gerenciável no domínio da reprodução (por exemplo, a reprodução de seres humanos). Se o desejo heterossexual causou a superpopulação, que por sua vez é a fonte de guerra e da miséria, Malthus argumentou que era imperativo controlar esse desejo. [...] A solução que se apresentou não apenas a Malthus, mas também a uma geração de autores e intelectuais interessados que o seguiram foi controlar o problema em sua origem - no corpo feminino. [...] Quando os migrantes recém-empobrecidos de toda a Inglaterra agrária começaram a se acumular nos centros industriais, a culpa por sua condição física deplorável poderia ser desviada à promiscuidade de suas mulheres. Mesmo alguém tão crítico do capitalismo como Friedrich Engels caiu nessa armadilha retórica em 1845 [...]” (tradução nossa).

Malthus spells out early on and that Father Time reiterates in Thomas Hardy's *Jude the Obscure* at the end of the century. Once a novel relocated the cause of economic inequity and the exploitation of labor in the female body, it was a relatively simple matter to resolve those problems symbolically by bringing that body under control, whether through that woman's reform, her incarceration, or her banishment from the text (ARMSTRONG, 2005, p. 100)<sup>19</sup>.

A partir disso, se uma “boa mulher” poderia ser considerada como uma compensação para o mercado econômico em crise, uma “mulher má” seria a causadora deste enorme desastre nacional, da superpopulação e da miséria. Onde as casas se misturavam às ruas, a sujeira e a falta de higiene aumentavam. Com isso, quando o romance apontou a causa maior para este grande problema nacional, a exploração do corpo feminino para o trabalho, a solução foi controlar este corpo a todo custo. Fosse reformando a situação feminina, através do cárcere da mulher, ou seu exílio total das narrativas.

Emily and Charlotte Bronte's fiction performs exactly this translation of social and economic change into emotional and sexual turbulence, as if to suggest that no end of destruction could issue from one apparently powerless human being, if that human being were female. [...] In the fiction of the Victorian period, gender ceased to be the means of guaranteeing reproduction of the ruling class and provided instead the means of limiting sexual reproduction. Thus set in opposition to natural desire, or what might be called "femaleness," a woman's display of Victorian femininity marked the difference between middle-class reproductive practices and those specific to the working classes, the Irish, and so-called "native" peoples. Or so we might conclude from comparing Austen's fiction to that of Emily and Charlotte Bronte (ARMSTRONG, 2005, p. 100)<sup>20</sup>.

Por isso a literatura de Emily e sua irmã, Charlotte Brontë, apresentam perfeitamente toda essa revolução social e essa perseguição ao corpo feminino e como isso afetava a mulher a níveis emocional e sexual. Explicando que nenhuma desgraça desse tamanho poderia acontecer por culpa de um ser tão frágil e que não detinha poder algum na sociedade, a mulher era apenas um pretexto da elite que lucrava com essa perseguição. Com isso, surgiram duas

---

<sup>19</sup> “Se uma boa mulher pudesse compensar as desigualdades socioeconômicas, uma má poderia ser representada como a causa do desastre econômico pelas mesmas razões que Malthus explicou no início e que Father Time reitera em *Judas o Obscuro*, de Thomas Hardy, no final do século. Uma vez que um romance realocava a causa da desigualdade econômica e a exploração do trabalho no corpo feminino, era uma questão relativamente simples de resolver simbolicamente esses problemas, colocando esse corpo sob controle, seja através da reforma da mulher, de seu encarceramento ou de seu banimento na literatura” (tradução nossa).

<sup>20</sup> “A ficção de Emily e Charlotte Bronte realiza exatamente essa tradução da mudança social e econômica em turbulência emocional e sexual, como se sugerisse que nenhuma tragédia poderia resultar de um ser humano aparentemente impotente, se esse ser humano fosse feminino. [...] Na ficção do período vitoriano, o gênero deixou de ser o meio que garantia a reprodução da classe dominante e forneceu, em vez disso, o meio de limitar a reprodução sexual. Assim, em oposição ao desejo natural, ou o que poderia ser chamado de "feminilidade", a exibição feminina de feminilidade vitoriana marcou a diferença entre as práticas reprodutivas da classe média e aquelas específicas das classes trabalhadoras, dos irlandeses e dos chamados "nativos". É o que podemos concluir comparando a ficção de Austen com a de Emily e Charlotte Bronte” (tradução nossa).

formas diferentes de reprodução sexual e o contingenciamento do desejo sexual: uma para as classes nobres e outra para os migrantes irlandeses que correspondiam à classe operária do período. Essas são conclusões de Armstrong (2005) baseado nas comparações entre Austen e as irmãs Brontë e o que mudou neste período.

A brief address on those occasions would not be mistimed, wherein a judicious instructor would take the opportunity of referring to the sufferings of the primitive Christians; to the torments of martyrs; to the exhortations of our blessed Lord himself, calling upon his disciples to take up their cross and follow him; to his warnings that man shall not live by bread alone, but by every word that proceedeth out of the mouth of God; to his divine consolations, "if ye suffer hunger or thirst for my sake, happy are ye." Oh, madam, when you put bread and cheese, instead of burnt porridge, into these children's mouths, you may indeed feed their vile bodies, but you little think how you starve their immortal souls! (BRONTË, 2001, p. 53)<sup>21</sup>.

Retornando ao romance, após essa explanação acerca da intolerância do corpo feminino, o diretor continua com seu discurso sobre como é importante deixar que as meninas passem por privações como sede, fome e frio, que elas devem comer o mingau queimado ou simplesmente não se alimentar. Podemos inferir com certeza que ele mesmo compartilhava dos pensamentos expostos por Armstrong (2005). Com base neste autor, entende-se que as classes nobres não queriam que os operários e a burguesia continuassem a ascender socialmente, assim eles ganhariam mais poder e mais espaço.

O diretor implica no seu discurso que as alunas devem passar pelas provações que o Salvador passou, assim como mártires e outros. É que a oração é uma medida necessária e útil em um momento difícil como este. O diretor ainda acusa a professora de estar alimentando os corpos vis das meninas ao mesmo tempo que deixa faminta suas almas imortais. É curioso como este tipo de comportamento procede a uma vida geralmente oposta. Isto é, é fácil para o diretor falar em privações, fome, miséria e momentos difíceis quando ele mesmo estava a desviar dinheiro que deveria ir para o asilo, fato descoberto mais tarde no romance<sup>22</sup>. Assim como a vida do diretor era repleta de supérfluos como roupas na última moda para sua esposa e filhas,

---

<sup>21</sup> "Uma breve oração nessas ocasiões não deve ser subestimada, quando a oradora poderá aproveitar a oportunidade para referir-se aos sofrimentos dos primeiros cristãos, ao tormento dos mártires, às exortações do nosso próprio mestre, conclamando os discípulos para levantarem a cruz e segui-lo. Aos seus ensinamentos de que nem só de pão vive o homem, mas de cada palavra saída dos lábios de Deus para sua divina consolação. "Benditos sejam os que têm fome e sede". Ah, madame, quando a senhora pôs pão e queijo na boca dessas crianças, ao invés de mingau queimado, alimentou seus corpos vis, mas nem imagina como esfomeou suas almas imortais!" (BRONTË, 2010, p. 39).

<sup>22</sup> Na edição da Landmark de 2016, de Brontë (2016), é possível descobrir os desvios de dinheiro feitos por Brocklehurst na página 118, no segundo e terceiro parágrafos do Capítulo X. Exponho este dado para que o leitor possa saciar, ao menos um pouco, o senso de justiça por Jane e pelas demais crianças e funcionárias do asilo.



vestidos com tecidos caríssimos, ou seja, uma vida não apenas de conforto, mas com muito luxo e as ditas extravagâncias.

—'Miss Temple, Miss Temple, what—*what* is that girl with curled hair? Red hair, ma'am, curled—curled all over?' And extending his cane he pointed to the awful object, his hand shaking as he did so.

'Julia's hair curls naturally,' returned Miss Temple, still more quietly.

'Naturally! Yes, but we are not to conform to nature: I wish these girls to be the children of Grace: and why that abundance? I have again and again intimated that I desire the hair to be arranged closely, modestly, plainly. [...] Tell all the first form to rise up and direct their faces to the wall.'

'All those top-knots must be cut off.'

Miss Temple seemed to remonstrate.

'Madam,' he pursued, i have a master to serve whose kingdom is not of this world: my mission is to mortify in these girls the lusts of the flesh; to teach them to clothe themselves with shamefacedness<sup>23</sup> and sobriety, not with braided hair and costly apparel; and each of the young persons before us has a string of hair twisted in plaits which vanity itself might have woven: these, I repeat, must be cut off; think of the time wasted (BRONTË, 2001, p. 54)<sup>24</sup>.

Continuando com a situação contraditória do diretor com o fragmento acima: é curioso como ele parece se invocar e ficar realmente indignado com os mínimos detalhes das vestes e dos maneirismos das alunas. Isto é porque ele realmente ficava embasbacado. Com certeza acreditava que aquilo era um absurdo, meninas pobres, órfãs, abandonadas naquele local horrível precisando de alimentos, roupas, moradia, atenção, cuidado, afeto, educação, enquanto que tudo isto deveria ser direito apenas de uma classe social e não de todas. A massa trabalhadora não deve usufruir dos mesmos direitos daqueles que detêm o poder e a alta posição social. Infelizmente é uma relação de poder que se estabelece em virtude do rápido crescimento do capitalismo e do “susto” que a burguesia em ascensão provocou no Estado e na Igreja.

<sup>23</sup> Curioso o termo usado nesta fala do diretor, poderíamos traduzir cruamente para o português como “vergonha do próprio rosto”, ou seja, submissão, cabeça baixa, olhar para os pés, vergonha de si.

<sup>24</sup> “– Miss Temple, Miss Temple, o quê... *o quê* significa essa menina com o cabelo cacheado? Cabelo ruivo, Miss Temple... e todo *cacheado*? – E estendendo a bengala apontou para o estranho objeto, com a mão tremendo.

– Trata-se de Julia Severn – respondeu calmamente Miss Temple.

– Julia Severn, madame! E por que ela, ou qualquer outra, está usando cabelo cacheado? Por que, desafiando todos os preceitos e princípios desta casa, ela faz uma concessão tão escancarada ao mundo – aqui, neste estabelecimento de caridade evangélica – a ponto de usar seu cabelo todo em cachos?

– O cabelo de Julia é naturalmente cacheado – respondeu Miss Temple, ainda mais calma.

– Naturalmente! Sim, mas não devemos nos conformar à natureza. Quero que essas meninas sejam filhas da Graça. E por que tanta abundância? Já falei muitas e muitas vezes que quero que as meninas usem os cabelos presos, modestos e simples. Mande que a primeira fila inteira se levante e vire para a parede!

– Todos esses penachos devem ser cortados.

Miss Temple pareceu protestar.

– Madame – ele prosseguiu – eu sirvo a um Mestre cujo reino não é deste mundo. Minha missão é abrandar nessas meninas a tentação da carne. Ensiná-las a vestir-se com pudor e sobriedade, não com cabelos cacheados e roupas caras. E cada uma dessas meninas tem uma trança de cabelos que a própria vaidade deve ter trançado. Essas tranças, repito, devem ser cortadas. Pense no tempo perdido” (BRONTË, 2010, p. 39-40).

O diretor acabou por detestar os cabelos cacheados de uma aluna, exigindo explicações da professora e demandando que o cabelo fosse cortado pois aquilo não era permitido. Sem entender, a professora tentou explicar que os cabelos da menina eram assim naturalmente, ao passo que o diretor respondeu que não deveriam se conformar com a natureza, que essas meninas deveriam ser graciosas (no sentido de puras), “reclusas”, modestas e simplórias. Ávido em sua causa contra a feminilidade e a graciosidade das meninas que pareciam causar-lhe tanta perturbação, o diretor continuou com as indagações e ordenando a professora que cortassem todos os cachos, tranças e enfeites que as meninas usavam. Afirmou ser um domínio da carne, açgoimpuro, que aquelas meninas deveriam ser “amortizadas” (ou mortificadas) imediatamente. Vale relembrar aqui os conceitos utilizados durante o puritanismo na Inglaterra, referente ao sexo, às relações sexuais e à situação de poder (pré)estabelecida pelos homens de posse na sociedade. É importante relembrar que nem todos os homens eram vistos como superiores ou como autoritários. Os pais de Jane morreram com ela ainda muito nova, ambos trabalhando inúmeras horas por dia, mortos pela péssima condição de vida e nenhum acesso aos cuidados com a saúde. A misoginia, assim como qualquer radicalismo afeta a todos de diferentes formas, não apenas a um grupo. Sem direito de defender-se, de dirigir a palavra ou de um senso mínimo de justiça, as meninas sofriam privações e morriam caladas. Não apenas calaram e subjugaram o sexo feminino, mas o amorteceram, esmagaram, perseguiram e o reduziram a nada. De acordo com Jane, “semi-starvation and neglected colds had predisposed most of the pupils to receive infection: forty-five out of the eighty girls lay ill at one time. Classes were broken up, rules relaxed” (BRONTË, 2001, p. 65)<sup>25</sup>, ou seja, das oitenta meninas que havia no asilo, quarenta e cinco estavam doentes, com isso, o medo da morte e da alta contaminação afrouxaram as regras tão rígidas da casa. Jane prossegue nas próximas páginas relatando experiências, passeios e brincadeiras na floresta junto de suas colegas que não estavam doentes. Jane viveu períodos bons em meio a tanto sofrimento e morte, é possível que isto tenha auxiliado em torná-la um ser humano empático e respeitoso com os direitos universais. Infelizmente foi algo tão doloroso e triste que causou esse relaxamento das normas, a doença levou à morte a melhor amiga de Jane, Hellen. Jane adormeceu com a amiga durante uma noite e, ao despertar, Hellen já não estava mais no mesmo mundo.

---

<sup>25</sup> “A nutrição deficiente e os resfriados mal curados haviam predisposto muitas das alunas à infecção: quarenta e cinco das oitenta meninas caíram doentes ao mesmo tempo. As classes foram suspensas e as normas afrouxadas. As poucas que não adoeceram era concedida uma liberdade quase ilimitada” (BRONTË, 2010, p. 47).

Mais adiante, Jane revela que no alto do inverno, mais de 60% das meninas morreram de Tifo<sup>26</sup>. A notícia atingiu a popularidade da aristocracia, chamando a atenção para os maus-tratos. Muitas pessoas foram até o asilo com grandes e generosas doações, descobriram a precariedade do local, as comidas estragadas além de mínimas para uma vida com dignidade e valor. Vale lembrar que a causa em favor dos direitos humanos até então não existia, é uma invenção moderna do final do século XX.

Mr. Brocklehurst was here interrupted: three other visitors, ladies, now entered the room. They ought to have come a little sooner to have heard his lecture on dress, for they were splendidly attired in velvet, silk, and furs. The two younger of the trio (fine girls of sixteen and seventeen) had grey beaver hats, then in fashion, shaded with ostrich plumes, and from under the brim of this graceful head-dress fell a profusion of light tresses, elaborately curled; the elder lady was enveloped in a costly velvet shawl, trimmed with ermine, and she wore a false front of French curls. These ladies were deferentially received by Miss Temple, as Mrs. and the Misses Brocklehurst (BRONTË, 2001, p. 54-55)<sup>27</sup>.

Para encerrar este longo trecho, abordo a parte final, mas com certeza a mais hipócrita do diretor. Em meio ao seu discurso, o diretor é interrompido pelas três belas damas exageradamente bem vestidas que adentram a sala. Sua esposa e filhas. Vestindo peles nobres de animais, seda pura, veludo, chapéus de castores e plumas de avestruz. E o mais curioso de todos: belos cabelos encaracolados com a maior perfeição. Vale a pergunta: será que estes “grandes” homens apenas não permitiam pessoas de classes baixas usufruindo do mesmo gosto e prazer? Com o consumismo crescente, é comum que vários ornamentos sofressem uma queda de preço no mercado, não haveria o suficiente para, pelo menos, uma vida digna para as meninas e as professoras do asilo Lowood?

Infelizmente o romance de Brontë traz uma exemplificação estarrecedora dos teóricos desta pesquisa. É assustador como sempre coube um espaço tão pequeno e tão limitado às mulheres. Podemos pensar que hoje não é mais assim, que os tempos modernos são diferentes, e que com certeza as mulheres estão livres em comparação ao que era. Porém, apenas há 66

---

<sup>26</sup> O Tifo é uma doença facilmente contagiosa que é transmitida por parasitas comuns, como piolhos, causada pela bactéria *Rickettsia prowazekii*. Demora duas semanas após o contágio para apresentar sintomas. Porém, esta doença é diferente da Febre Tifóide. A febre Tifóide é derivada da *Salmonella enterica*, derivada de alimentos e água contaminados. Jane parece se referir às duas condições ao longo do romance, ela especifica “Typhus fever” ao falar da morte de seus pais, e ao falar na doença que levou suas colegas, apenas “Typhus” (VARELLA BRUNA, 2020).

<sup>27</sup> “Mr. Brocklehurst foi interrompido. Três outros visitantes entravam agora na sala, três damas. Deviam ter chegado mais cedo para ouvir seu sermão sobre roupas, pois estavam esplendidamente trajadas em veludo, seda e peles. As duas mais jovens do trio (belas meninas de dezesseis e dezessete anos) usavam chapéus de castor cinza, então na moda, sombreados com plumas de avestruz. Debaixo da aba desses graciosos ornamentos de cabeça, saía uma profusão de leves madeixas, caprichosamente cacheadas. A dama mais velha estava envolta em uma caríssima estola de veludo, entremeada de arminho, e usava um aplique de cachos franceses” (BRONTË, 2010, p. 40).

anos atrás, uma mulher foi impedida ao ingressar como professora em uma escola de Engenharia (CHASSOT, 2004). Quão livre estamos? Acredito na afirmação de que estamos sendo mais toleradas e permitidas pois estamos ganhando espaço por nosso próprio esforço, pois aquele que está em um patamar de dominação, dificilmente cede espaço. Foram as quatro ondas feministas, as inúmeras mortes, as injustiças, e as nossas mães e avós que nos impulsionaram a não admitir que nos enclausurassem ao lar e ao chamado da maternidade como um objetivo superior e absoluto. Ainda assim não podemos nos acomodar, pois a disputa pelo direito ao mesmo espaço masculino não foi totalmente adquirido. De acordo com Chassot (2004), há um dado muito importante e interessante que comprova este pensamento. De acordo com a lista dos cem nomes mais importantes da história, feita em 2006, apenas duas mulheres foram citadas, sendo estas duas, rainhas.

Não é preciso nenhum esforço para se verificar o quanto vivemos numa civilização que ainda tem uma conotação predominantemente masculina. Um exemplo quantitativo, mesmo que possa ter seus critérios de objetividade contestados, é uma lista dos 100 nomes – *The One Hundred* (Hart, 1996) – que em toda a História da Humanidade são considerados como os mais significativos em termos de influências, na visão de um amplo universo de respondentes. O resultado é uma lista com 98 nomes de homens e de 2 mulheres e estas são 2 rainhas – Isabel, a Católica (n. 65), e Elizabeth I (n.94) – que foram personagens muito importantes (CHASSOT, 2004, p. 14).

A representação da mulher na literatura esteve presa ao longo dos séculos às amarras de um sistema patriarcal que a mantinha e, sob muitos aspectos, ainda mantém constantemente sob severa rigidez e restrição de movimentos. É o único dos sexos que sempre esteve condicionado ao espaço familiar do lar, um espaço restrito onde era permitido somente que ela exercesse toda a sua capacidade em obedecer e servir às necessidades de todos que por ali passassem. A mulher que desejasse se libertar dessa prisão, via-se excluída e se tornava um exemplo causador de medo em outras mulheres que desejassem fazer o mesmo. Lhe foi permitida total liberdade para explorar sua criatividade desde que este estivesse voltado para o entretenimento da família e do marido, bem como para as atividades domésticas que pudessem surgir, com exceção do direito a sua própria sexualidade e atividades externas ao lar. De acordo com Acton (1857), cabia a dona do lar ser uma moça recatada, delicada e bem-comportada, um ser praticamente assexuado, com exceção às prostitutas e às ninfomaníacas. Não poderiam se negar às obrigações sexuais com o marido. Desde jovem, a menina teria lições de etiqueta como o canto, o bordado, as noções de etiqueta, exclusividade de uma classe social aristocrata do período inglês do século XVIII e XIX (BEAUVOIR, 2016), com intuito de despertar o olhar de algum moço de uma família nobre que lhe propusesse casamento (MONTEIRO, 1998). A mulher deste período não

era considerada um cidadão íntegro e importante como o homem, portanto ela não tinha direito legal à liberdade, se uma mulher quisesse ter alguma liberdade seria através do casamento. Através do matrimônio a mulher poderia alcançar uma estabilidade econômica, poderia sobreviver. Qual liberdade e autonomia é possível ao estar atrelada ao sentido de propriedade e à mercê do marido?

Com a evolução constante das sociedades e as revoluções que aconteciam na época, principalmente a industrial, o comércio passou a crescer com muita facilidade e rapidez, sendo necessário mais mão de obra que atuasse nas indústrias. A mulher não possuía o direito de seguir uma profissão que desejasse, mas era demandada que trabalhasse nas fábricas, ganhando um salário inferior e em uma posição de subjugação em relação ao homem.

É muito importante o papel da literatura no estudo acerca da formação de identidade das mulheres inglesas do período histórico em questão. Os estereótipos formados nesse período são modelos que influenciaram o desenvolvimento de outras mulheres em diversos locais e afetam o modo de pensar e de agir de inúmeras pessoas ainda hoje. O desejo de Jane e de inúmeras outras mulheres deste período era de conseguir uma posição que a dignificasse, que a fizesse sentir-se importante e ter a sensação de pertencimento, e não o de ser mera escrava do lar, dos filhos e objeto dos desejos masculinos. As personagens criadas por Brontë são conhecidas por não se conformarem com o estereótipo de seu período (com o “ideal” de conduta) e com a opressão realizada pelos homens, são personagens que comandam essa reviravolta na sociedade inglesa do século XIX.

A importância de Charlotte Brontë é significativa numa época em que as relações sociais e econômicas da sociedade se transformavam, onde [sic] as mulheres eram consideradas apenas como um mero adorno social. Charlotte Brontë bravamente enfrentou os obstáculos da sociedade através de sua obra e seus romances falam sobre a opressão da mulher, o que a caracterizam [sic] como uma das primeiras mulheres modernas; entretanto, classificá-la apenas como feminista seria uma má-representação de sua verdadeira importância (GOETTEMS, 2016, p. 5).

É importante mencionar que Jane representa o descontentamento feminino com o período, o desejo de liberdade total, não em migalhas, o poder de transformar e explorar suas identidades com direito a respeito, dignidade, integridade e reconhecimento social (BEAUVOIR, 2016). Através de uma profissão da escolha delas, com a garantia de um trabalho honesto e justo, bem remunerado, com nenhum direito a menos que seus colegas masculinos. Inúmeras mulheres acabavam encontrando uma realidade bem diferente do esperado sonho de independência. Muitas recebiam apenas o mínimo, uma quantia irrisória, caricata, que não cobria o suficiente para sobreviver; sendo obrigadas a procurarem o caminho da prostituição,

ficando a mercê de todo o tipo de violência e problemas públicos de saúde (ACTON, 1857). É necessário apontar aqui como as pessoas do sexo feminino são representadas ao longo dos séculos como pecaminosas, provocadoras e que devem ser mantidas sob constante restrição e obedientes. Vemos vários exemplos disto no Instituto Lowood, para onde Jane é enviada. Principalmente se quiserem algum tipo de salvação e segurança diante do representante masculino. Isso era lei para as mulheres que se casavam e se tornavam as donas do lar. Porém para as prostitutas, as leis nas ruas e becos eram diferentes:

A sociedade das prostitutas foi muito diversificada, indo da simples mulher das ruas a mais sedutora das mulheres. Chega-se ao ponto de se afirmar que a prostituição era a contrapartida indispensável da solidez da família, nascida de um casamento racional que unia um homem sensual e uma esposa educada no desprezo ao ato sexual, e que se baseava num código de relações em que os papéis eram cuidadosamente distribuídos entre o marido-mantenedor e a esposa-dona-de-casa; a célula familiar só se sustentaria porque os homens à procura de prazer poderiam entregar-se a prazeres "condenáveis" na rua, para serem apenas adoráveis pais e esposos em casa. De acordo com alguns autores, é por isso que se diz muitas vezes que a era vitoriana (ou albertiana)<sup>28</sup> foi a era da hipocrisia (BARBOSA, 2007, p. 3-4).

Ou seja, de acordo com o trecho acima, não só o homem seria compreendido caso tivesse algum caso amoroso longe da esposa, como a prostituição era trabalho necessário para os "homens de família". Visto que era possível justificar seus atos imprudentes de paixão carnal, enquanto seres que tinham liberdade para tal, ao contrário da mulher que suas únicas funções se encerravam em atender ao marido, procriar e cuidar do lar. A maioria das esposas não eram bem vistas nem mesmo para educar os próprios filhos, para tal ofício havia a preceptora. As prostitutas eram vistas como doentes mentais e "sujas", apenas um objeto de prazer e estudo, pois para Acton (1857), a única explicação para que uma mulher tivesse qualquer apetite sexual, seria uma doença e/ou um desvio. Embora o mesmo autor tenha modificado um pouco sua forma de pensar, foi algo que levou ainda alguns anos, quase duas décadas, para que ele mesmo associasse a prostituição com o desemprego em Londres e o crescimento em demasia da cidade. A mulher sem um espaço livre na arquitetura, medicina, engenharia, ciências, entre outras, acabavam indo para às ruas a procura de qualquer serviço. Não estou desmerecendo às mulheres que buscavam a área do ensino, como as professoras e as preceptoras, muito pelo contrário, são essas as que sofriam com o preconceito, as humilhações, os maus tratos, pois estavam no que podemos chamar de "linha de frente" da guerra. Eram mulheres que não eram bem quistas por outras mulheres, porém eram necessárias nos lares e nas escolas. Estudavam e sofriam mesmo

---

<sup>28</sup> A autora destaca que: "De acordo com alguns historiadores, o príncipe Alberto contribuiu mais para a definição da moral vitoriana, do que sua esposa, então mais tolerante, realista e mais atenta à procura do lazer e do prazer, que o príncipe Alberto" (BARBOSA, 2007, p. 4).

diante de tanta rigidez, por anos e décadas fazendo aquilo que, supostamente, nasceram para fazer e fazer com gosto: cuidar das crianças, da educação dos homens, do lar, ou seja, do futuro da nação. Tudo isso de total responsabilidade delas. É muito importante estudar as relações sociais existentes quando um grupo é subjugado em favor de outro. Este grupo é considerado inferior, inapto, indigno, no entanto, será responsabilizado por tarefas de tamanha importância para a sobrevivência de todos. Não apenas as preceptoras, mas as prostitutas eram malvistas e ainda assim, necessárias, procuradas, usadas e fustigadas. Vemos claramente uma moral de conduta imposta às mulheres que não é imposta aos homens, são resquícios de um período severo que hoje ainda é repercutido, muitas mães e esposas são complacentes com os atos de seus filhos e maridos. Elas não estão de fato erradas pois são séculos de permissividade e normas morais e religiosas com dois pesos de justiça diferentes.

As mulheres passam a querer uma posição na sociedade e o meio pelo qual elas conseguem é através da arte. Beauvoir (2016, p. 152) afirma que “a burguesia, classe em ascensão e cuja existência se consolida, impõe à esposa uma moral rigorosa”, no entanto, “nem os conventos nem o lar conjugal conseguem conter a mulher”. É possível comprovar isto com a personagem Jane e com a escritora Brontë, que fora criada dentro de uma forte cultura moral protestante (ROSSI, 2007). A personagem se revela especialmente habilidosa nas artes, realiza belíssimos desenhos, desde pequena possuía um gosto forte pela literatura, embora fosse rechaçada. Assim, deve-se destacar a própria autora da obra, Charlotte Brontë e suas irmãs, que conseguiram publicar seus livros no século XIX em meio a tamanha opressão e imposições morais. A literatura foi, sob vários aspectos, um candidato bem adequado a essa empresa ideológica. Nas palavras de Eagleton (2006, p. 37), a literatura como atividade liberal, é “humanizadora”, podia proporcionar “um antídoto poderoso ao excesso religioso e ao extremismo ideológico”.

Para Rossi (2007, p. 49), “não é de se espantar que os textos considerados canônicos, fundadores da tradição literária ocidental, tenham sido escritos por homens (Homero, Dante, Camões, Shakespeare, Goethe, Flaubert etc.)”. Podemos notar até que ponto a opressão masculina interfere na imagem e no estereótipo das mulheres ao longo da história, ao passo que a literatura é um meio para crítica social, denúncia de inúmeros traumas, memórias sufocadas. Sendo ficção ou não, ela pode manipulada a fim de criar uma construção negativa em torno de um gênero, credo, etnia, etc. Visto isso, a imagem das mulheres foi calcada sob dois aspectos: de que ela constitui o que chamamos de “santa”, representando a dona de casa, angelical, obediente e servilente, ou a “vilã”, a rebelde, herege, prostituta, o monstro. E nesse caso, podemos comparar a primeira à Jane, e a segunda, à Bertha (GUBAR; GILBERT, 1980).

Isso fica ainda mais evidente quando se observa como a tradição literária masculina [...] tem representado a mulher no decorrer dos séculos: foi a beleza de Helena que provocou as carnificinas da Guerra de Tróia; foi o amor incondicional que levou Inês de Castro à morte; foi Lady Macbeth que incitou seu marido a matar Duncan por ganância; Dulcinéia, uma lavadeira elevada ao posto de dama, era o motivo último pelo qual Dom Quixote travava suas batalhas imaginárias; Emma Bovary suicidou-se por arrependimento; teria Capitu traído Bentinho Santiago? (ROSSI, 2007, p. 21).

Foi durante a época vitoriana que a mulher conseguiu se livrar dessas acusações, sendo um período mais forte e favorável para a mudança dessa realidade. Elas passaram a conquistar seu espaço nas artes e como estudantes, constituindo inclusive, a maioria nas salas de aula de Letras em Cambridge (EAGLETON, 2006). Neste período surgiram obras literárias de autoria feminina com potencial para empoderar as mulheres como as irmãs Brontë (Emily, Anne e Charlotte), Jane Austen, Mary Wollstonecraft, Virginia Woolf, entre outras autoras que surgiram ao longo dos séculos XVIII e XIX. Elas foram fortemente influenciadas pelas pioneiras na literatura feminina contra os padrões opressores patriarcais, inspirando outras ao longo dos séculos XX e XXI.

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 1995, p. 175).

De acordo com Beauvoir (2016), o século XVIII foi severo com as mulheres, a jovem recebia uma educação básica, então os pais decidiam se a casavam ou a enviavam para um convento. De qualquer forma, duas escolhas que mostram como a mulher estava à mercê dos outros. Novamente temos uma demonstração de como a religião maneja o controle da forma de pensar de diversas classes sociais, atuando na decisão das famílias com relação ao futuro da prole feminina.

Excluída do mundo público dos negócios e recolhida ao mundo privado do lar, por injunções de uma estratificação social fundada na diferença dos sexos, era de se esperar que as jovens de 'boa família' recebessem uma educação ou (i)lustração destinada apenas a fazê-las reluzir nas salas de visita e a cativar com o seu brilho o olhar de algum pretendente (MONTEIRO, 1998, p. 62).

Entretando, a mulher conquista uma forma de “liberdade” e independência com a decomposição da nobreza e, juntamente com a falência do sistema religioso, apontado por Eagleton (2006). É uma situação que permite que as mulheres comecem a buscar mais oportunidades para si e passem a valorizar suas vontades e a própria existência do prazer



feminino. Sendo estes últimos, fatores importantes da formação de identidade e pertencimento igualitário em uma sociedade patriarcal onde a mulher não era valorizada nem reconhecida por suas inúmeras obrigações nas diversas áreas do conhecimento. As mulheres não desejavam superioridade e controle acerca dos homens, mas sim, o tratamento que estes recebiam desde meninos.

Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: pretenderam criar um campo de domínio feminino – reinado da vida, da imanência – tão somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso. O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade (BEAUVOIR, 2016, p. 100).

O sistema patriarcal não perdoou as mulheres ao impor tamanhas exigências: quanto ao homem caberia o intelecto, a aventura e a simbologia do herói, às mulheres caberiam as tarefas domésticas, a maternidade e assegurar a felicidade de todos no lar. A prisão que detinha os movimentos femininos, a busca pela liberdade, a mordaza que sufocava às suas vozes e seus gritos, lhes eram impostas pelos seus próprios pais, mães, irmãos, cônjuges. Aquela que decidisse ir além seria colocada de lado, excluída da sociedade, e não muito distante do século XIX, seria dada por louca, rebelde, herege, bruxa (ROSSI, 2007).

As mulheres desejavam ter o direito de escolher se queriam ou não seguir carreiras intelectuais ou artísticas, ou mesmo, manter sua atual situação, e não se sentirem constantemente oprimidas e perseguidas em vista de seus desejos e suas ações. Beauvoir (2016) afirma que as mulheres só conquistaram o direito às artes no século XIX, elas ainda demorariam muito a conseguir algum reconhecimento no mesmo patamar que um homem.

Se faz necessário mencionar que essas mulheres que buscavam autonomia e uma independência econômica, muitas vezes acabavam malvistas pela sociedade. Infelizmente, aquelas mulheres que desejavam buscar uma posição de respeito e de igualdade no mundo, acabavam por ficar mais solitárias, pois eram comparadas às prostitutas. Muitas mulheres sofreram com a desigualdade de salários e situações trabalhistas, como as horas e os direitos, diferentemente dos seus colegas masculinos. Embora as preceptoras fossem altamente educadas, políglotas, talentosas e inclusive crentes da fé cristã e das regras morais, as mesmas sofriam com o preconceito de não serem iguais às outras mulheres da época. Que se contentavam com o matrimônio, lar e filhos. As preceptoras acabavam encontrando-se em um “entre lugar” uma espécie de “meio”, não eram as damas da sociedade e não eram como seus

colegas homens, assim, não se encaixavam. Porém, serviam aos propósitos mais diversos e ainda assim, mesmo sendo necessárias, eram desvalorizadas. Não só eram desrespeitadas pelos homens, mas principalmente por outras mulheres. Fala-se muito, principalmente na atualidade, em ‘sororidade’. O conceito que explica as relações de empatia, amizade e como as mulheres devem apoiar e ajudar umas às outras. Porém, tanto no século XIX como no XXI, muitas mulheres não praticam a ‘sororidade’, e não é tão fácil assim como parece. Muitas mulheres do século XIX, dependiam de seus pais e maridos para tudo, muitas vezes não tendo coragem para ir contra as leis e normas da sociedade e do lar, pois poderiam sofrer graves repreensões. Um número ainda muito alto de mulheres vive a mercê de pais e/ou maridos/namorados, dependem deles para sacar dinheiro no banco, para comprar uma peça de roupa, um sapato, um livro, um agrado que for mesmo sendo do seu próprio salário. Muitos dos homens controlam tudo dentro do lar, desde a documentação que garante a individualidade e a identidade da mulher, como seu direito de ir e vir. Muitos homens ainda acreditam possuírem o poder de decisão sob os corpos femininos que moram embaixo do mesmo teto que eles. Muitos ainda proclamam e ditam as “leis da casa” contra a sexualidade e o desejo feminino de desprender-se às amarras do lar. De estudar, percorrer o mundo, se relacionar com quem desejarem, serem livres. Infelizmente ainda há cenários como estes citados. Mas geralmente são situações ligadas à ignorância e a pobreza, onde há maior déficit de escolaridade e de acesso à informação e à educação.

A profissão da mulher era ser enfermeira, babá, mãe, professora de línguas, de exatas, costureira, chef gastronômica, sem direito à dignidade e respeito pela sociedade em si. As mulheres acabavam buscando essas profissões pois eram as que mais faziam falta no desenvolvimento e do crescimento das crianças, visto que os homens deviam fornecer à família uma vida digna. Não é sem motivo que as áreas das Letras foram tomadas por mulheres e ainda são até hoje. Infelizmente muitas mulheres ainda aceitam esta imposição, e não é fácil se desprender com tantas amarras impostas e muitas vezes estando sozinhas, sob o risco de serem perseguidas inclusive por outras mulheres.

Outro aspecto que merece destaque nesse subtítulo é o culto à aparência física e à beleza, no período vitoriano, como garantia de um bom casamento, adicionado a uma soma considerável de poder monetário; fator que causa um transtorno à Jane, visto que esta deseja a autonomia financeira e não um matrimônio. Sua classe social é inferior à do patrão por motivos óbvios. Assim as mulheres submetiam-se caladas a situações degradantes com receio de perder seu lugar. Já com relação aos homens, aqueles de posição significativa e importante perante a sociedade, eram considerados pilares da moralidade, sendo quase impossível levantarem suspeitas de assédio por serem tão bem vistos em sua comunidade (BARTLEY, 2003). De

acordo com Irigaray (1985, p. 133-134), “they submit to the dominant economy of desire in an attempt to remain “on the market” in spite of everything. But they are there as objects for sexual enjoyment, not as those who enjoy”<sup>29</sup>.

For example, in its oppositions, its schisms, between empirical and transcendental, perceptible and intelligible, matter and idea, and so on. That hierarchical structure has always put the feminine in a position of inferiority, of exploitation, of exclusion with respect to language. But, in the same stroke, as it were, it has confirmed the impracticable character of the sexual relation. [...] A fortiori: why are men not objects of exchange among women? (IRIGARAY, 1985, p. 161-171)<sup>30</sup>.

Outro ponto importante a ser mencionado novamente é o fato de as preceptoras serem ligadas às prostitutas, por não serem casadas, serem muito jovens e de acordo com as regras morais da sociedade, desejavam conquistar o patrão, seduzindo-o e casando-se com ele. Se tornariam assim uma esposa melhor que a dona da casa, pois esta era culta e plenamente educada para as tarefas da casa e para oferecer a devida educação às crianças. Na sociedade, o fato de as preceptoras serem solteiras e desejarem a independência financeira como os jovens solteiros e galãs da época era relacionado ao desejo sexual. Assim, ficavam marcadas como mulheres com o apetite sexual de uma prostituta, porém, com os atributos para cuidar de um lar, eram dadas como interesseiras e vulgares. Aos homens do lar, muitas vezes era tolerado que a ideia de amante existesse, inclusive. Assim ela seria a “válvula de escape” do bom cidadão honesto e trabalhador que sustentava arduamente sua família, sem lhe causar maiores incômodos. Visto que a mulher do lar do período vitoriano não possuía desejos sexuais de nenhum tipo, muito pelo contrário, sua alegria residia em cuidar da casa e dos filhos, de acordo com Acton (1867), e que se não fosse por isso, preferiria não ter que fazer sexo com seu marido. Assim, o homem viril buscava prazer fora de casa, e quando estivesse no lar, dedicaria todo seu tempo a ser um exemplo de pai de família e esposo (BARBOSA, 2007).

A preceptora combina características da nobreza, pela educação, com as da classe operária, pela independência. Ao executar por dinheiro tarefas da mulher doméstica, ela obscurece a distinção de que depende a noção de gender, questionando assim a distância rígida entre dever doméstico e trabalho remunerado. Essa distinção era tão marcada na mente do público que a figura da prostituta era sempre associada à da preceptora, razão por que se tornou conveniente insistir na relação entre a preceptora e a solteirona. A figura da preceptora ameaçava combinar os mais inquietantes

<sup>29</sup> “Elas se submetem à economia dominante do desejo, na tentativa de permanecer “no mercado” apesar de tudo. Mas elas estão lá como objetos de prazer sexual, não como aqueles que desfrutam do prazer” (tradução nossa).

<sup>30</sup> “Por exemplo, em suas oposições, suas cismas, entre os estados empírico e transcendental, perceptível e inteligível, matéria e idéia, e assim por diante. Essa estrutura hierárquica sempre colocou o feminino em uma posição de inferioridade, de exploração, de exclusão em relação à linguagem. Mas, ao mesmo tempo, confirmou o caráter impraticável da relação sexual. [...] A fortiori: por que os homens não são objetos de troca entre as mulheres?” (tradução nossa).

aspectos desses dois arquétipos, de modo que o desejo da solteirona, por segurança social e econômica, se fundia com a agressividade sexual da prostituta, para criar um ser cuja ambição seria seduzir o homem do lar e deixar a sala de aula para trás (MONTEIRO, 1998, p. 64).

Neste ponto é importante nos questionarmos quais moças completavam a árdua educação com o propósito de tornarem-se preceptoras? A que classe social pertenciam? Para responder essas questões, recorrerei a um trecho do romance “*Jane Eyre*”, em que há uma explicação do porquê as primas de Jane, Mary e Diana, se tornariam preceptoras. E assim, a explicação se torna bem simples: aquelas moças que não possuíam os meios econômicos para própria sobrevivência procuravam os empregos possíveis às mulheres, que não eram muitos nem muito agradáveis. Isso em virtude das rígidas regras morais da sociedade. Uma mulher deveria ser uma bela dama, que tivesse os mais diversos talentos, que soubesse recitar poesias, cantar, tocar um instrumento musical, ler “bons livros”, ter filhos e cuidar do lar. Porém, com a crescente sociedade e a indústria em constante evolução e rápido desenvolvimento, as mulheres tornaram-se uma mão de obra fácil e que não precisaria receber um salário significativo, muito menos a ter direitos trabalhistas. Isso configurava um lucro fantástico para os donos dessas indústrias e a exploração de muitas mulheres e crianças. Que para não recorrer à prostituição, aceitavam qualquer condição de trabalho. Mulheres que procuravam essas “oportunidades” estavam desesperadas por qualquer ganho que fosse, para comprar o alimento do dia ou simplesmente fugir de uma situação perigosa no lar em que viviam. Outras situações, diferentes da citada, eram as mulheres que simplesmente desejavam o mesmo direito que seus pais, irmãos e pretendentes, o direito ao estudo, à informação e a independência econômica. Não ficando a mercê da boa vontade do outro (masculino).

Mr. St. John, when he grew up, would go to college and be a parson; and the girls, as soon as they left school, would seek places as governesses: for they had told her their father had some years ago lost a great deal of money by a man he had trusted turning bankrupt; and as he was now not rich enough to give them fortunes, they must provide for themselves (BRONTË, 2001, p. 292)<sup>31</sup>.

Neste excerto, percebemos qual seria o destino dos primos de Jane, caso ela não tivesse dividido a herança com eles, St. John<sup>32</sup> iria para a faculdade e se tornaria um sacerdote (um

---

<sup>31</sup> “Mr. Sr. John, quando cresceu, foi para a escola estudar para ser pastor. E as moças, logo que deixaram o colégio arrumaram colocação como governantas, pois alguns anos atrás seu pai havia perdido muito dinheiro, confiando num homem que entrou em falência. E como ele não era mais rico o suficiente para lhes deixar uma herança, elas tiveram que cuidar de si mesmas” (BRONTË, 2010, p. 196).

<sup>32</sup> O nome do primo é Saint John, por isso fica abreviado St. John. O termo ‘*saint*’ em Inglês, traduz-se para ‘santo’ em português, porém a pronúncia ocorre de maneira diferente no Inglês Britânico, sendo dito da seguinte forma: ‘sin-jun’ (BRONTË, 2019).

padre), as moças se tornariam preceptoras, assim como Jane. O homem, que contralava as finanças da família, havia fugido com o dinheiro, e como os três não tinham como ser sustentados pela herança familiar, que já não existia mais, deveriam encontrar profissões para sobreviver.

## 2.2 A CARACTERIZAÇÃO DE JANE EM UM ROMANCE DE FORMAÇÃO

O romance de Brontë, “*Jane Eyre*”, é categorizado por alguns teóricos como um romance de formação, fato que explica muitas questões a respeito da evolução da narradora, Jane. Mas o que é exatamente um romance de formação? É aquele gênero que acompanha a vida de uma personagem desde sua infância e/ou adolescência até a fase adulta, mostrando as transformações sociais, políticas, identitárias, até espirituais, que acontecem com ela. Porém, há teóricos que discutem este gênero de maneira mais complexa. Há muito debate em torno desta expressão oriunda da Língua Alemã, *Bildungsroman*. O termo foi concebido por Karl von Morgenstern, em 1817, ficando com pouco uso até o século XIX. Em torno de 1950 o termo já era usado amplamente na Inglaterra e nos EUA. A “receita” de um romance de formação ocorre assim: o herói da história, geralmente abandona o lar devido a algum conflito ou outro motivo sério, passando por várias dificuldades nessa nova jornada. Dessa forma cresce e evolui, sendo colocado à prova pelo espaço e circunstâncias ao redor, até que encontre um local onde possa ser valorizado e se tornar altamente habilidoso em seu já demonstrado talento. Para os escritores alemães, origem deste gênero, características como conflitos internos e psicológicos costumam ser amplamente explorados no romance de formação. Já na Inglaterra o caso é um pouco diferente. Os escritores ingleses costumam fazer com que o herói tenha que se esforçar muito para conseguir estabelecer uma identidade própria, visto que ele encontraria vários conflitos externos. Nisso, o protagonista estaria expondo e dialogando com os problemas sociais e morais de uma época, algo que pode ser usado pelo próprio escritor como forma de crítica social (THAMARANA, 2015).

Se tratando de um romance que é contado do ponto de vista da personagem principal, surge um termo moderno que pode causar confusão entre leitores e pesquisadores da área, a palavra ‘autobiografia’. Por exemplo, nas prateleiras das livrarias modernas, “*Jane Eyre*” consta como um ‘romance autobiográfico ficcional’. No entanto, para vários teóricos, é considerado um romance de formação. Svensson (2009, p. 2) explica o conceito de *bildungsroman*:

A Bildungsroman is a novelistic genre that arose during the German Enlightenment in the eighteenth century, following the dissolving of the feudal system and the spreading of democratic ideas. The genre focused on new ideas about the psychological, moral and social shaping of the personality of a protagonist in relation to society.<sup>33</sup>

Todavia, o termo está em constante atrito entre os teóricos, visto que não conseguem entrar em um consenso quanto ao seu significado. Svensson (2009) menciona dois pesquisadores que procuram explicar o romance de formação a sua maneira, Gohlman (1990) e Buckley (1974), e que por sua vez, nos auxiliam a classificar o romance de Brontë em um *Bildungsroman*. Por exemplo, para o autor Gohlman (1990, p. 3) o romance de formação seria “any novel containing a young hero (usually male), a wide range of experiences and a sense of the ultimate practical value of these experiences in later life can be said to belong to the Bildungsroman genre”<sup>34</sup>. Isto é, basta termos um personagem herói (jovem e geralmente do sexo masculino), com uma gama de experiências e transformações ao longo de sua jornada, que ao final dela ele encontrará uma certa satisfação e comodidade. Essa descrição explica resumidamente a narrativa de Jane. Apesar de não ser um jovem rapaz, Brontë publicou a obra sob um pseudônimo masculino e fez sua heroína principal não muito atraente. Jane é vitoriosa apesar dos percalços e das injustiças às quais é submetida no decorrer de sua vida até atingir um desfecho satisfatório. Já no caso de Buckley (1974), Svensson aborda a teoria do autor explicando que um *Bildungsroman* clássico apresenta o percurso de um protagonista ainda na fase infantil até a idade adulta, e que essa criança provavelmente reside no interior de uma cidade ou em um local provinciano. Também afirma que o protagonista deve possuir uma razão forte para embarcar em sua jornada, que seu lar na infância deverá ser carregado de hostilidade e que os seus familiares não aceitarão os talentos artísticos desse jovem. Isso devido a uma família extremamente insensível e leiga na área. Geralmente o personagem mais hostil de todos será o pai do protagonista. Frente a uma situação injusta e desesperadora, o protagonista sai de casa em busca de um verdadeiro sentido para a vida que ele ainda não tem, mas idealiza. Marcada pela dor e geralmente por uma perda ou mais, a difícil vida do protagonista o impulsiona a sair de casa e deixar sua família para trás. Porém, o próprio personagem pode

---

<sup>33</sup> “Um Bildungsroman é um gênero do romance que surgiu durante o Iluminismo alemão no século XVIII, após a dissolução do sistema feudal e a disseminação de idéias democráticas. O gênero focou em novas idéias sobre a formação psicológica, moral e social da personalidade de um protagonista em relação à sociedade” (tradução nossa).

<sup>34</sup> “qualquer romance que tenha um herói jovem (geralmente do sexo masculino), e que na vida adulta possua uma vasta gama de experiências e um senso do valor prático do resultado final delas, pertence ao gênero Bildungsroman” (tradução nossa).

sentir dificuldades a se libertar de amarras intelectuais que o prendem às normas sociais ou morais. Svensson (2009, p. 3) também reitera que:

The process of maturation is long, arduous and gradual, involving repeated clashes between the hero's needs and desires and the views and judgments enforced by a rigid social order. Buckley states that the protagonist's first schooling may be frustrating since it may suggest options not available to his present setting; he therefore leaves the repressive atmosphere of home to make his way independently in the city. There his real "education" begins, not only his preparation for a career but also his direct experience of urban life. The experience of urban life involves at least two love affairs or sexual encounters, one debasing and one exalting, thus demanding that in this respect and others, the hero reappraise his values (ibid.).<sup>35</sup>

A partir da detalhada descrição fornecida primeiramente, por Buckley (1974), percebemos que a grande maioria dos fatos encaixam com a narrativa contada por Jane. Que desde sua árdua e dolorida infância, luta consigo mesma e com o julgamento moral das outras pessoas. Jane se vê incompreendida e deslocada grande parte da história. Um diferencial entre “*Jane Eyre*” e a “receita” fornecida acima, é que o pai de Jane não é presente na vida dela, nem mesmo há fatos de que ele fosse hostil. Jane deseja intensamente abandonar o lar da tia com quem reside e por quem é maltratada, deseja ir para a escola onde poderá aprender, ter acesso a livros e a conviver com pessoas mais semelhantes a ela. Porém, acaba se deparando com outro ambiente hostil, onde não há comida o suficiente para todas, nem mesmo roupas para o inverno, isso porque o local para onde Jane é enviada não é uma escola, mas sim um asilo para órfãos. No entanto, é lá em Lowood que Jane realizará as primeiras trocas verdadeiras de conhecimento e onde terá contato físico com outras meninas, que assim como ela, também são indesejadas em seus lares. Jane fica oito anos de sua vida lá, até embarcar para o seu primeiro trabalho como preceptora. Neste local, na mansão de Rochester, ela terá seu primeiro encontro amoroso e seus primeiros conflitos internos; seus pensamentos duelam entre os valores morais impostos durante toda a sua vida pela igreja, e seus desejos momentâneos. Após o clímax e a decepção terem destruído os planos de Jane e Rochester, ela abandona o local, momento em que sofre uma batalha interna, entre o desejo de permanecer ao lado de Rochester mas para isso, abrir mão de sua dignidade e honestidade. Jane descobre que ele já era casado com outra mulher,

---

<sup>35</sup> “O processo de amadurecimento é longo, árduo e gradual, envolvendo choques repetidos entre as necessidades e desejos do herói e as visões e julgamentos impostos pela rígida ordem social. Buckley afirma que a primeira escolaridade do protagonista pode ser frustrante, pois não condizem com a sensibilidade artística do protagonista; ele, portanto, deixa a atmosfera repressiva do local para seguir seu caminho de forma independente, geralmente, na cidade grande. Lá começa sua “verdadeira educação”, não apenas sua preparação para a carreira, mas também sua experiência na vida urbana. Esse trecho da narrativa envolve pelo menos dois casos de amor ou dois encontros sexuais, um que será desagradável e outro que será encantador, demandando do protagonista que reflita sobre si mesmo e seus valores morais, sociais, etc (ibid.)” (tradução nossa).

Bertha Mason, a qual sofria de problemas mentais graves e vivia trancada em um quarto escondido na mansão.

Com relação ao desfecho de um *bildungsroman*, abordo novamente a fala de Svensson (2009) para comprovar as semelhanças com o final em “*Jane Eyre*”. Para o autor recém citado, o romance é finalizado com os princípios e valores do protagonista principal sendo manifestados nele. Este ocupa uma nova posição na sociedade, geralmente ocorrido através de um contrato social, sendo comum o uso do casamento para esta representação. Simbolizando mais que apenas uma nova posição social, mas sim uma conexão, um laço, entre homem e sociedade. No caso do romance de Brontë (2001), Jane finaliza o romance casada com Rochester, por sua própria escolha. Afinal, ela não mais precisará exercer sua função de preceptora, pois recebeu uma herança de um falecido tio. Herança grande o suficiente para dividir com seus novos primos, St. John, Mary e Dianna, em virtude do auxílio prestado em uma hora de muita necessidade, de vida ou morte, literalmente. Jane acaba reencontrando Mr Rochester, este está abalado com o incêndio e a tragédia em sua casa em Thornfield Hall. Rochester ficou cego e perdeu um braço ao tentar salvar Bertha das chamas, porém, esta indica ter se suicidado, ao pular do topo da casa diretamente nas chamas em um momento de delírio. No trecho abaixo fica claro como Svensson (2009, p. 3) aborda o término de um romance de formação:

However, the spirits and values of the social order eventually become manifest in the protagonist who is ultimately accommodated into society. The novel ends with the protagonist's appraisal of himself and his new place in society, usually manifested by a social contact, most commonly in the shape of marriage since this is regarded as a kind of physical and psychical bond between man and society.<sup>36</sup>

No dia do casamento de Rochester e Jane, ela percebe que ele estava ansioso, irritado e apressado para realizar a cerimônia. Sem entender, Rochester parte às pressas para a pequena igreja, quase que arrastando Jane pelo braço. Durante a cerimônia, entra um rapaz impedindo o casamento, Richard Mason, cunhado de Rochester. Após o triste desenrolar do momento, Rochester é completamente honesto com Jane, coisa que não havia sido antes disso. Rochester explica que foi seu pai quem lhe arranjou o casamento com Bertha e que logo ela estava sofrendo de delírios graves e sem nexos algum, uma fala desordenada.

---

<sup>36</sup> “No entanto, os espíritos e valores da rígida ordem social se manifestarão na vida do protagonista que esta com uma vida cômoda em sociedade. O romance termina com a avaliação do protagonista de si mesmo e de sua nova posição na sociedade, geralmente marcado pelo casamento, uma vez que este é considerado um tipo de vínculo físico e psíquico entre o homem e a sociedade” (tradução nossa).



O divórcio era impossível para Rochester devido às leis e normas do período, fazendo com que ele permanecesse casado com Bertha até que um dos dois viesse a falecer. Nesse caso, Jane teria que tornar-se sua amante, e seria vista por todos como se fosse uma prostituta. É pertinente a esta situação que seja abordado parte do diálogo entre Jane e Rochester, quando ela já sabe da existência de Bertha e está face a face com a decisão de permanecer como uma mulher ilegal e imoral ou abandoná-lo, mas manter sua integridade. É nesta discussão que o leitor enxerga uma parte da personalidade de Jane que é muito importante para os estudos feministas, o respeito com que Jane tratará a si própria. Algumas feministas modernas diriam que ela não deveria ter se importado com a situação, levando em conta que os valores morais da época sufocavam e subjugavam a mulher. Por outro lado, outras diriam que ela fez bem e que jamais deveria cogitar ter um relacionamento com Rochester novamente. No entanto, Jane não toma uma decisão precipitada e radical, abstém-se do “tudo ou nada”. Assim como tudo em sua vida, ela pondera, reflete, pensa, questiona Rochester e principalmente, questiona a si, procura ver com os olhos da razão qual seria a decisão correta a tomar. Ela não coloca Rochester em primeiro lugar, como seria esperado, mas coloca a si mesma e procura se desfazer dos sentimentos que a cegam diante da deliberação que está prestes a tomar.

Mas por que estes fragmentos da obra são pertinentes a esta pesquisa? É importante mostrar ao leitor e a outros colegas da área como é vital analisar todo discurso quando se deseja uma solução mais justa para um problema. Peço ao leitor que seja paciente ao ler tantos trechos selecionados, porém eles são de extrema importância para a compreensão da pesquisa. Toda pessoa deve ter plena capacidade de interpretar um discurso que lhe é dado, infelizmente muitas vezes ele é imposto, ou por alguém do lar ou pela mídia e pelo Estado. E assim é exatamente como Jane conduz sua vida, Jane reflete e raciocina constantemente sobre tudo a sua volta. Desde criança Jane mostra ser uma pessoa com alta capacidade de interpretação e de cuidado na escolha das palavras. Mostrando que está sempre atenta, muitas vezes tendo suas palavras distorcidas por pessoas mal-intencionadas, como sua tia Mrs Reed.

'Why are you silent, Jane?'

I was experiencing an ordeal: a hand of fiery iron grasped my vitals. Terrible moment: full of struggle, blackness, burning! Not a human being that ever lived could wish to be loved better than I was loved; and him who thus loved me I absolutely worshipped: and I must renounce love and idol. One drear word comprised my intolerable duty—'Depart!' (BRONTË, 2001, p. 269)<sup>37</sup>.

<sup>37</sup> “– Por que está calada, Jane?”

Eu passava por uma prova: uma garra de ferro dilacerava-me as entranhas. Terrível momento: pleno de luta, escuridão, fogo! Nenhum ser humano que jamais tenha vivido podia desejar ser amado tanto quanto eu era. E àquele que me amava assim, eu simplesmente idolatrava. E devia renunciar ao amor e à idolatria. Uma única palavra resumia o meu inexorável dever: “Partir!” (BRONTË, 2010, p. 180-181).

Dando continuação, o trecho inicia com uma pergunta levantada por Rochester e continua com Jane passando por uma turbulência de emoções que duelam entre a razão e a emoção. A razão faz com que ela pondere cada pergunta e cada resposta. Ela sabe que Rochester a ama como nenhum outro poderia, ela o idolatra, porém, a razão aconselha a renunciar. Rochester, ao longo do romance, demonstra ser atraído por Jane por justamente esse motivo: a inquietação e a inteligência da jovem heroína. A capacidade de pensar com profunda riqueza de detalhes e cuidado, que causa estranhamento nos outros que a conhecem e não se deparam com uma moça rasa, superficial. Como exemplo da personagem oposta à Jane, podemos referenciar Blanche Ingram, uma das pretendentes de Rochester, que apesar de muito bela, humilhava Jane por ser de uma posição social inferior. O fragmento consiste em um trecho do diálogo entre Rochester e Jane, que diz respeito à triste descoberta do estado civil de Rochester.

Embora Rochester tenha sido honesto com Jane após a cerimônia de casamento, ele não fora antes. Rochester havia sido omissivo e desonesto com ela. Ele a havia pedido em casamento sabendo que já era casado e que, sendo a Inglaterra uma nação que não permite múltiplos casamentos, isto seria ilegal, para ambos. No entanto, Rochester ainda possuiria meios para defender-se, sendo dono de pelo menos três propriedades, mais a fortuna guardada. Em oposição a Jane, que nada possuía em seu nome e dependia totalmente do seu salário, que receberia de Rochester, futuro esposo e patrão. Há de se convir que Jane agiu de acordo com a razão e com o bom senso ao se afastar de Rochester, mesmo este sendo perdidamente apaixonado por ela, pois o que impera na sociedade atual é a lei, o Direito, e não os sentimentos e impulsos humanos.

'Jane, you understand what I want of you? Just this promise—"I will be yours, Mr. Rochester."

'Mr. Rochester, I will not be yours.'

Another long silence.

'Jane!' recommended he, with a gentleness that broke me down with grief, and turned me stone-cold with ominous terror—for this still voice was the pant of a lion rising—

'Jane, do you mean to go one way in the world, and to let me go another?

'I do.'

'Jane' (bending towards and embracing me), 'do you mean it now?'

'I do.'

'And now?' softly kissing my forehead and cheek,

'I do'—extricating myself from restraint rapidly and completely (BRONTË, 2001, p. 269-270)<sup>38</sup>.

<sup>38</sup> “– Jane, você entendeu o que quero de você? Apenas esta promessa: ‘Serei sua, Mr. Rochester.’

– Mr. Rochester, eu *não* serei sua.

Outro longo silêncio.

– Jane – ele recomeçou, com uma gentileza que me arrasou de tristeza e me deixou fria de sinistro terror, pois esta calma era o arquejar do leão que se erguia. – Jane, você pensa em seguir um caminho no mundo e me deixar seguir outro caminho?

– Penso.

No fragmento acima, Jane expõe as artimanhas de Rochester ao tentar convencê-la a ficar com ele. Ele utiliza ferramentas como a gentileza e a doçura na voz e na escolha das palavras, de modo a provocar empatia em Jane e convencê-la a ficar com ele. Ela mesma o compara a um leão que está prestes a se levantar, no trecho abaixo. Ela sentia a doçura e o cuidado de Rochester em dirigir a palavra a ela, porém, ela percebe a frieza com que ele utiliza essas ferramentas para manipulação, como o carinho e o afeto, de maneira a conseguir o que deseja.

'Oh, Jane, this is bitter! This—this is wicked. It would not be wicked to love me.'  
'it would to obey you.'

A wild look raised his brows—crossed his features: he rose; but he forbore yet. I laid my hand on the back of a chair for support: I shook, I feared—but I resolved (BRONTË, 2001, p. 269-270)<sup>39</sup>.

Mas Jane não se deixa enganar, afinal, ele já traiu sua confiança uma vez. Jane sentia que havia algo errado, algo que ele escondia, nada deveria ser assim tão fácil, principalmente um patrão casar-se com a subalterna vinte anos mais nova que ele. Jane sentia que havia algo muito estranho, então ela não se entregou diretamente à paixão e aos desejos carnisais, o manteve um tanto afastado até que o casamento estivesse concretizado de fato (GUBAR; GILBERT, 1980).

Há algo que merece atenção nesta parte, a relação entre romances vitorianos e um crime a ser resolvido. De acordo com David (2005), Ronald Thomas estabelece que quase todo o romance oriundo do período vitoriano tem um crime a ser investigado e a ser resolvido diante dos olhos do público leitor. Ou até mesmo alguma identidade falsa que precisa ser desmascarada, um segredo a ser exposto, característica marcante do período devido ao desenvolvimento das técnicas forenses da criminologia.

Há trechos do romance em que Rochester afirma gostar da submissão de Jane. Blanche Ingram por exemplo é o oposto. Ela não satisfazia as vontades de Rochester, se considerava tão poderosa economicamente quanto ele. Já com Jane é diferente. Jane é uma funcionária em Thornfield Hall, ela deve obedecer ao patrão. Levando isso em consideração, observamos outro

---

– Jane (inclinando-se para mim e me abraçando), ainda pensa isso agora?

– Penso.

– E agora? – beijando-me suavemente a testa e o rosto.

– Penso – disse, arrancando-me do abraço rápida e inteiramente” (BRONTË, 2010, p. 181).

<sup>39</sup> “– Oh, Jane! Isso é doloroso! Isso é... Isso é cruel. Amar-me não devia ser cruel.

– Mas obedecê-lo seria. Um olhar selvagem cruzou-lhe o semblante e ele arqueou as sobrancelhas. Ergueu-se, mas ainda hesitava. Pousei a mão no encosto de uma cadeira para me apoiar. Eu tremia, tinha medo. Mas estava decidida” (BRONTË, 2010, p. 181).

problema. É estabelecida uma relação de poder em uma acordo entre patrão-funcionário. Sendo necessário questionar se, no surgimento de um romance entre eles, haveria a troca de favores sexuais entre um homem muito mais velho que a jovem preceptora a trabalhar em sua residência. Nós, os leitores do romance, sabemos que não, pois Jane estava apaixonada por ele e este não a forçava a nada. Porém, as pessoas da época não sabiam disso, e poderiam ver com suspeita o romance entre os dois, principalmente se o patrão já fosse casado. Mesmo com medo, Jane mantém firmemente sua posição de deixá-lo.

One instant, Jane. Give one glance to my horrible life when you are gone. All happiness will be torn away with you. What then is left? For a wife I have but the maniac upstairs: as well might you refer me to some corpse in yonder churchyard. What shall I do, Jane? Where turn for a companion, and for some hope? Do as I do: trust in God and yourself. Believe in heaven. Hope to meet again there (BRONTË, 2001, p. 270)<sup>40</sup>.

Rochester solicita à Jane que tente se colocar no lugar dele, que perceba a situação horrível em que ele se encontra. Este era um homem amargo, solitário, desesperançoso com a vida até Jane Eyre chegar em sua casa. Rochester explica à Jane que toda a felicidade que ele sente será arrancada dele e levada embora com ela. Ele tenta explicar que a esposa dele é uma “maníaca no andar de cima”, e que ele será um cadáver a vagar pelo gramado. Que sem Jane, ele ficará sem companhia, sem esperança, sem ninguém para dividir a vida. Nesse momento vemos como a religião ainda é uma ideologia forte que está a manipular a vida de Jane, pois ela afirma que ambos devem confiar em Deus e acreditar na existência de um paraíso, onde possam se reencontrar.

Rochester refere-se a ela como se ela tivesse o poder de abençoar ou amaldiçoar os outros. Informa que se ela partir, estará condenando-o a viver uma vida miserável e a morrer amaldiçoado, pois não terá felicidade. Para Jane e suas crenças, a situação é diferente. Ela está preocupada em como será julgada diante de Deus, e assim, informa a Rochester que deseja que ele viva livre de pecados, para que possa morrer tranquilo. Jane teme o julgamento no dia de sua morte, pois foi educada para que temesse e agisse de acordo como os outros, obedientes à Igreja, ao Estado, ao chefe da família. Mulheres contidas em seus lares, ignorantes ao fato de que, em um Estado justo, todos têm os mesmos direitos, visto que são seres humanos, não deveria haver diferença de direitos por ser de determinado sexo, etnia, raça, credo, etc. A

---

<sup>40</sup> “– Só um momento, Jane. Pense um instante na vida horrível que terei quando você partir. Toda a felicidade vai partir com você. O que restará então? Como esposa tenho apenas a louca lá de cima: seria melhor que tivesse um cadáver em algum cemitério. Que devo fazer, Jane? Onde procurar uma companheira e alguma esperança? – Faça como eu: creia em Deus e em si mesmo. Acredite no céu e espere que nos encontremos de novo lá” (BRONTË, 2010, p. 181).

religião ainda é, na modernidade, um dos melhores meios de manipulação e controle (EAGLETON, 2006). Mais ao final do fragmento, percebemos que Jane assume também o fato de viver sem o homem que ama, porém, com a esperança de revê-lo no paraíso. Percebemos também a conformação que a religião oferece às pessoas que tiveram uma vida de muito sofrimento. Isto é, Jane afirma que tanto ela quanto ele nasceram para sofrer e perdurar, ela está conformada com o seu destino, ele não.

'Then you will not yield?'

'No.'

'Then you condemn me to live wretched, and to die accursed?' His voice rose.

'I advise you to live sinless; and I wish you to die tranquil.'

'Then you snatch love and innocence from me? You fling me back on lust for a passion—vice for an occupation?'

'Mr. Rochester, I no more assign this fate to you than I grasp at it for myself. We were born to strive and endure—you as well as I: do so. You will forget me before I forget you' (BRONTË, 2001, p. 270)<sup>41</sup>.

No final do trecho acima, Jane diz a Rochester que ele esquecerá dela com mais rapidez do que ela dele. Isso pois ela tem conhecimento que ocupa uma posição inferior e não acredita que, por ele levar uma vida de conforto e luxo, não sentiria tanto assim a perda de Jane, pois ela não significaria muito, ao contrário do quanto Rochester pode significar para ela. No entanto, dando continuação ao diálogo, Rochester implica gravemente que isso não poderia ocorrer. Jane pouco sabe da vida que Rochester teve. Sempre à sombra do irmão e suas conquistas, o filho favorito. Rochester teve o casamento arranjado, e assim como Jane, não era querido por sua família, rejeitado e excluído foi forçado a casar-se com uma mulher que não conhecia, por sua fortuna. Acabou descobrindo com o pouco tempo de casamento que ela sofreria em breve de uma doença mental, fato que afastou ainda mais sua família para longe, vivendo como um excluído, pois não poderia mais assumir relacionamento romântico algum, e jovem, ficou por quinze anos cuidando de Bertha. Rochester informa que a visão pessimista e inferior que Jane possui das coisas e dele é uma distorção e uma perversidade. Jane possui essa visão devido às privações que teve na vida, como já dito, não apenas de questões básicas como alimento disponível e conforto, mas principalmente de afeto e empatia. Rochester deixa

---

<sup>41</sup> “– Então não vai ceder?

– Não.

– Então me condena a viver miserável e morrer maldito? – alteou a voz.

– Eu o aconselho a viver sem pecado, e desejo que morra tranquilo.

– Então você arrebatada de mim o amor e a inocência? Você me atira de volta à luxúria e ao vício, em vez da paixão e da atividade?

– Mr. Rochester, não desejo esse destino para o senhor, como não o desejo para mim. Nascermos para lutar e sofrer, o senhor e eu: então lute e sofra. O senhor me esquecerá antes que eu consiga esquecê-lo” (BRONTË, 2010, p. 181).

implícito também, que ela prefere fazer com que ele sofra, sem demonstrar compaixão alguma, do que simplesmente transgredir uma lei humana sem muita importância. E que por ela ser sozinha, qual familiar ficaria ofendido por sua escolha? No entanto, como leitores, sabemos que isso seria um fardo demasiado grande para Jane carregar, ser vista como uma mulher criminosa, vulgar, ilegítima, pois somente assim conseguiria ficar ao lado de Rochester. Jane sabe que seus familiares a trataram assim a vida inteira. Se ela fizesse isto, talvez estivesse apenas confirmando o que eles já pensavam; Jane precisou lutar por reconhecimento, dignidade, respeito, pelo seu direito de existir, desde criança. Sabemos também como é importante para Jane adquirir a tão buscada autonomia, independência financeira para que tivesse sua liberdade. Ficar com Rochester dessa forma, seria abdicar de tudo isto, pois ela não precisaria mais trabalhar e ninguém da sociedade vitoriana do século XIX iria aceitar uma mulher vulgar em seu lar. Jane tomou a única decisão que poderia em virtude de sua trajetória.

'You make me a liar by such language: you sully my honour. I declared I could not change: you tell me to my face I shall change soon. And what a distortion in your judgment, what a perversity in your idea, is proved by your conduct! Is it better to drive a fellow-creature to despair than to transgress a mere human law—no man being injured by the breach? for you have neither relatives nor acquaintances whom you need fear to offend by living with me.'

Still indomitable was the reply—'I care for myself. The more solitary, the more friendless, the more unsustained I am, the more I will respect myself' (BRONTË, 2001, p. 270)<sup>42</sup>.

Ao final do segmento Jane profere uma das frases mais importantes do seu relato, que quando ninguém mais se importar com ela ou se ofender com a sua decisão, ela irá se importar. Quanto mais solitária e sem amigos ela for, mais abandonada, ela se respeitará e isso tem uma carga de muita importância para ela pois se ela não cuidar de si e não se respeitar, ninguém o fará.

I will keep the law given by God; sanctioned by man. I will hold to the principles received by me when I was sane, and not mad—as I am now. Laws and principles are not for the times when there is no temptation: they are for such moments as this, when body and soul rise in mutiny against their rigour; stringent are they; inviolate they shall be. If at my individual convenience I might break them, what would be their worth? They have a worth—so I have always believed; and if I cannot believe it now, it is because I am insane—quite insane [...] (BRONTË, 2001, p. 270)<sup>43</sup>.

<sup>42</sup> “– Falando dessa maneira você me declara um mentiroso, e fere a minha honra. Eu lhe disse que não posso mudar, e você me diz, na cara, que logo mudarei! Sua conduta está mostrando a distorção do seu julgamento e a perversidade das suas ideias! Acha melhor condenar ao desespero uma criatura amiga do que transgredir uma simples convenção humana, mesmo que ninguém seja ferido por essa transgressão? Existe algum parente ou amigo seu a quem ofenderá se viver comigo?” A resposta foi implacável: Eu cuido de mim. Quanto mais solitária, quanto mais sem amigos, quanto mais desamparada estiver, mais respeitarei a mim mesma” (BRONTË, 2010, p. 181).

<sup>43</sup> “Mantereí a lei deixada por Deus e sancionada pelo homem. Mantereí os princípios que recebi quando era sã, e

Neste segmento acima, Jane realiza um juramento a si mesma. Mesmo que influenciada pela doutrinação religiosa cristã, ela ainda mantém seus princípios, que para ela são como “guardiões” da sua honra e dignidade. Jane também pondera que cogitou permanecer ao lado dele, porém, ela não estaria em seu estado são, mas sim, insana. Justamente por não estar agindo de acordo com as leis divinas, sancionadas pelo homem. Jane explicita que as leis e os princípios não servem para os momentos livres de tentação, mas são para momentos exatamente como o que ela está vivendo com Rochester, em que sua identidade e seus desejos estão sendo testados. Interpretamos aqui que ela também está agindo dessa forma devido à grande repressão sexual que a moral e os bons costumes da época infligiam sob a sociedade. E digo sociedade pois não apenas as mulheres sofriam com isso como os homens também. Jane não vê propósito na existência de princípios se não irá segui-los nos momentos em que será “testada”. Jane acredita fielmente em seus valores morais durante sua jornada, deduz que se não está querendo acreditar agora, é porque está insana e, portanto, não pode tomar decisões contrárias. Porém, não podemos esquecer que é assim que a religião “trabalha” nas pessoas, através do medo de tudo aquilo que é desconhecido e inquestionável, como os desejos carnis. Assim a doutrina religiosa consegue manter seus fiéis obedientes e cegos, alienados do próprio corpo. Entendemos que Jane construiu um longo caminho até chegar aqui, foram anos de sofrimento com Mrs. Reed e com seus primos, sofrendo abusos físicos e psicológicos. Mais oito anos em um asilo, sofrendo mais abusos juntamente das professoras mais autoritárias. Ou seja, as figuras adultas femininas com quem ela mais construiu laços, implicavam em uma vida resignada e submissa ao homem.

No romance, o escândalo que envolveu Lowood denunciou o diretor do asilo à sociedade, pois ele desviava doações das crianças e das professoras. Não havendo muito que elas pudessem fazer já que ocupavam uma posição inferior a ele, precisou passar um tempo até que as pessoas ficassem sabendo e auxiliassem a escola. Estes são pilares que acabam tomando fundação e forma na vida de milhões de mulheres, que se conformam devido a religião, e obedecem ao marido pois Deus ordenou que fosse assim. Embora Jane fosse questionadora e inteligente, algumas questões permanecem como são, mas é possível observar o descontentamento e a descrença diante dos valores morais e religiosos impostos pela época. Este é um período em que a Igreja ficará fragilizada e seus métodos serão questionados (EAGLETON, 2006).

---

não louca como agora. As leis e os princípios não foram feitos para as horas em que não há tentação. São para momentos como este, em que corpo e alma se insurgem contra o seu rigor. São leis severas, devem ser invioláveis. Se eu pudesse quebrá-las segundo a minha conveniência, qual seria o seu valor? E elas têm valor, foi o que sempre acreditei. E se não consigo mais acreditar nisso é porque estou louca – completamente louca [...]” (BRONTË, 2010, p. 181).

Para compreender melhor o pensamento de Jane nos trechos citados que se referem às leis divinas sancionadas pelo homem, trago a reflexão da autora Mangerona (2013). Ela explica em uma de suas análises de Maquiavel, sobre religião e política no antigo Império Romano, como a religião, mais especificamente a pagã, era o meio mais eficaz para controle da sociedade. Para ela, as leis e normas do Estado serão adotadas pela sociedade com facilidade caso sejam leis “divinas” e não humanas, isto é, o Estado será bem-sucedido em implementar determinadas normas e regras (sejam elas morais ou não) quando forem justificadas como sendo ordem divina. Caso explique que as leis são mandamentos humanos do Direito, estas podem não ser seguidas e/ou gerar conflitos. Mangerona (2013) afirma que o Direito nada mais é que uma faceta para as leis que foram instituídas primeiramente pela guerra e por Deus. Ou seja, tendo uma sociedade temente a Deus, o Estado conseguirá, com sucesso e facilidade, controlar seus cidadãos. Mas por que este assunto é pertinente? Vemos em nossa heroína, Jane, que ela se depara temente a Deus em inúmeros momentos, inclusive afirmando que as leis que moldam seus princípios, são sancionadas pelos homens, porém, são leis divinas. Fica perfeitamente claro o controle exercido nos cidadãos através da religião como sustentação para as normas sociais. A autora citada também explica que a religião pagã era um meio mais eficaz do que o cristianismo, mais tarde instaurado em Roma, auxiliando em sua decadência. A exemplo, Mangerona (2013) cita as guerras e o uso dos oráculos e as diversas divindades a “aconselhar” os generais e soldados de guerra. Com isso, vemos a justificativa para Jane temer a Deus, ou à Deusa, como representado em um de seus sonhos, em que a lua se aproxima dela e a adverte para fugir da tentação. Jane assume também a posição de temente a Deus quando aconselha Rochester a levar uma vida desprovida de pecados, e que acredite em um paraíso para que assim possam se encontrar no pós-morte.

As regras políticas serão facilmente aceites [sic] se justificadas por mandamento divino e não pelo mandamento das leis e do Direito. Para Maquiavel, a lei não é a base da política e não reconhece ao Direito o alicerce para a aquisição, manutenção e exercício do poder. O Direito é uma máscara, um alinhamento dado a uma determinada realidade depois de caracterizada pela religião e pela violência. O Poder adquire-se e mantém-se pela força das armas e não pela força das leis. O político deverá ter a capacidade de despertar nos cidadãos o medo, o temor a Deus, tal como acontecia com o povo romano [...] (MANGERONA, 2013, p. 140).

Finalizando a análise da decepção de Jane com Rochester, ou seja, o que seria o primeiro encontro amoroso de acordo com Svensson (2009), separei este fragmento abaixo que mostra como Jane é influenciável pela doutrina do paganismo. São comuns na fala de Rochester suas



comparações de Jane com fadas, bruxas e outros seres da floresta, porém, a própria Jane se deixa influenciar pela religião pagã, como já mencionado acima.

I lifted up my head to look: the roof resolved to clouds, high and dim; the gleam was such as the moon imparts to vapours she is about to sever. I watched her come—watched with the strangest anticipation; as though some word of doom were to be written on her disk. She broke forth as never moon yet burst from cloud: a hand first penetrated the sable folds and waved them away; then, not a moon, but a white human form shone in the azure, inclining a glorious brow earthward. It gazed and gazed and gazed on me. It spoke to my spirit: immeasurably distant was the tone, yet so near, it whispered in my heart—'My daughter, flee temptation!' 'Mother, I will' (BRONTË, 2001, p. 272)<sup>44</sup>.

O trecho acima refere-se a um sonho que Jane tem algumas horas antes de abandonar Thornfield Hall. Algumas palavras se destacam como, por exemplo, na segunda linha, Jane chama a lua pelo pronome 'ela' (her), quando o correto na língua inglesa seria o pronome 'it' (que se refere a objetos, coisas e inclusive animais de estimação). Ou seja, Jane personifica a lua como uma figura feminina. Em seguida, a lua teria um brilho fantástico de cor branca e afastava as nuvens escuras com as mãos até chegar à Jane. Mais ao final do trecho, Jane afirma que esta mulher falou diretamente ao espírito dela, sussurrando diretamente em seu coração e mandando-a abandonar o local, mais precisamente, abandonar a tentação. E esta seria a frase mais importante do trecho: Jane responde 'mãe, eu vou'. Ela não apenas personifica a lua como a considera sua mãe, isso não é apenas visível aqui neste sonho, mas em vários outros trechos do romance em que Jane sente uma ligação muito forte com a natureza, como se fossem mãe e filha. É compreensível visto que a menina cresceu sem uma figura materna e a Igreja sofria um momento de fraqueza neste período.

Como leitora e pesquisadora, senti a necessidade de abordar este tema pois, ao ler outras obras que tratam da religião, é inegável o caráter manipulador e dissimulado com que a política utiliza a religião para manter a sociedade obediente e resignada. Assim, ao temer a Deus, teme-se a Igreja, ao temer a Igreja, a sociedade colocará esta acima de tudo. A parceria entre Igreja e Estado sempre foi muito forte, como maneira de atingir um povo submisso (MANGERONA, 2013).

---

<sup>44</sup> "Levantei a cabeça para olhar: o teto se desfez em nuvens, altas e turvas. O brilho era intenso, emprestado pela lua às nuvens de onde vinha surgindo. Observei a lua aproximar-se em estranha expectativa, como se alguma profecia estivesse escrita no seu disco. Ela surgiu, perfurando as nuvens como nunca antes uma lua havia feito. Primeiro uma grande mão penetrou nas sombras escuras, afastando-as. Então, não a lua, mas uma branca forma humana brilhou no espaço azul, inclinando sua gloriosa frente para a terra. Olhou e fixou seu olhar em mim. Falou para o meu espírito. A voz vinha de uma distância imensurável, mas parecia próxima ao sussurrar dentro do meu coração: – Minha filha, fuja da tentação. – Sim, mãe, fugirei" (BRONTË, 2010, p. 183).

Jane tem seu segundo encontro amoroso, o qual se mostra favorável, casar-se com seu primo e pastor St. John Rivers. Com ele, ela viajaria para a Índia enquanto ele converte os infiéis (aqueles de religião diferente à da Inglaterra), e ela atenderia às crianças e aos necessitados e às necessidades do marido. Jane se vê tomada por questões de ordem moral, social, religiosa, e como ela seria julgada no futuro. Ela passa por uma grande transformação, Jane agora é herdeira de uma grande fortuna que ela decide dividir com os recém conhecidos primos, o que a faz desistir da proposta de casamento de St. John e retornar à mansão em Thornfield Hall. Descobre que agora ela pode permanecer com Rochester sem nenhum empecilho. Uma tragédia abalou a vida dele, Bertha teria começado um incêndio e tirado a própria vida. Rochester, ao tentar salvá-la, ficou cego e perdeu um braço. Jane descobre tudo isso ao retornar para o local. É curioso como Brontë decidiu fazer com que Jane se tornasse herdeira antes de casar-se. Ao mesmo tempo em que ela ganha a herança de seu falecido tio, Rochester passa por uma grande perda, tornando-se viúvo e perdendo parte de seus bens em meio ao fogo.

No final do romance ambos se casam e é importante frisar neste momento que Rochester não a obriga nem a induz, Jane retorna e decide ficar e se casar por livre vontade, visto que agora ela possui independência financeira e o grande problema moral de se tornar uma amante não existe mais. Neste caso, o primeiro encontro amoroso de Jane é degradante, pois exigiria que ela se tornasse a amante, e o segundo encontro, com St. John, seria glorioso, pois exigiria que ela se tornasse a esposa de um clérigo missionário, ou seja, um homem de grande valor aos olhos da Igreja. No entanto, para Jane, o maior problema que amaldiçoava Thornfield Hall, não seria tornar-se a amante em si, mas sim, agir contra as normas sociais e morais do período e tornar-se novamente alguém indesejado. O(a) amante sempre representará alguém malquisto por todos, necessário apenas para satisfazer os desejos carnis do outro, daquele de quem depende. E como Rochester já havia demonstrado como tratava suas amantes de outrora, isso significou um sinal de perigo para Jane. Suspeitava-se que a mãe de Adèle fosse uma prostituta francesa com quem Rochester havia tido um romance em uma de suas tantas viagens para a Europa. Quando Adèle já havia nascido e estava maior, mandou que viesse para a Inglaterra, para que pudesse receber uma “verdadeira” educação, a educação inglesa. No entanto, Rochester não a reconhecia como filha, apesar de demonstrar certo interesse e preocupação. Mas se admitisse Adèle como filha, seria o mesmo que se apresentar como infiel à esposa. Portanto, se Jane fosse ficar com Rochester, teria que ser da maneira correta, como ditava a sociedade. Foi por isso que ela havia estudado e buscava sua independência, para que encontrasse uma posição social em meio aos demais e não seria mais a excluída, a deslocada.

Após essa visão resumida sobre o final do romance de Brontë e como ele segue os parâmetros de um *bildungsroman*, é necessário explicar os tópicos principais que são pertinentes à essa análise. Inicialmente, Jane foge da casa de Rochester sem levar nada consigo, após o sonho que teve com a lua personificada lhe dizendo para fugir da tentação. Saiu de Thornfield Hall apenas com aquilo que trouxe no dia em que chegou. Deixou o vestido e a jóia que havia ganho de Rochester, colocou o vestido que usava ainda em Lowood. Fugiu sem despedir-se de ninguém, nem mesmo de Mrs Fairfax. Vagou como uma andarilha por dias, dormindo na floresta, passando pelos vilarejos. Jane estava decidida a não retornar a Thornfield Hall, por mais que estivesse chegando ao ponto máximo de privação. Para Gubar e Gilbert (1980), orgulho é o pecado de Jane que a acompanha ao longo de toda a narrativa.

'What was the chief trade in this place? What did most of the people do?'  
 'Some were farm labourers; a good deal worked at Mr. Oliver's needle-factory, and at the foundry.'  
 'Did Mr. Oliver employ women?'  
 'Nay; it was men's work.'  
 'And what do the women do?'  
 'I know'n't,' was the answer. 'Some does one thing, and some another. Poor folk must get on as they can' (BRONTË, 2001, p. 278)<sup>45</sup>.

Acima, percebemos que Jane pergunta a uma vendedora que tipo de trabalho os homens costumam realizar no local, a vendedora responde que trabalham em uma fábrica de fundição, ao passo que Jane questiona se Mr. Oliver emprega mulheres, pois Jane menciona anteriormente que aceitaria qualquer trabalho, desde que pudesse receber para se sustentar, pois estava vagando há dias, sem água, sem comida e sem um local coberto para dormir.

I asked if a servant was wanted here. 'No,' said she; 'we do not keep a servant.'  
 'Can you tell me where I could get employment of any kind?' I continued, 'I am a stranger, without acquaintance, in this place. I want some work: no matter what.' But it was not her business to think for me [...] If she had held it open a little longer, I believe I should have begged a piece of bread; for I was now brought low. [...] I was so sick, so weak, so gnawed with nature's cravings, instinct kept me roaming round abodes where there was a chance of food. Solitude would be no solitude—rest no rest—while the vulture, hunger, thus sank beak and talons in my side (BRONTË, 2001, p. 279)<sup>46</sup>.

<sup>45</sup> “– Qual é o negócio principal da cidade? O que faz a maioria das pessoas?

– Alguns trabalham nas fazendas. Muitos trabalham na fábrica de agulhas de Mr. Oliver e na fundição.

– Mr. Oliver emprega mulheres?

– Não. É trabalho de homem.

– E o que fazem as mulheres?

– Não sei... – foi a resposta. – Algumas fazem isso, outras aquilo. As mulheres pobres se agarram ao que aparece” (BRONTË, 2010, p. 187).

<sup>46</sup> “Eu perguntei se precisavam de uma criada.

– Não – ela disse. – Não temos criadas.

– Sabe me dizer onde posso encontrar um emprego de qualquer tipo? – continuei. – Sou forasteira, não tenho

No próximo fragmento é possível perceber o desespero em que Jane se encontra devido à fome, quase implorando por alimento ou qualquer trabalho que estivesse à disposição. Porém o vilarejo era pobre, humilde, não havia oferta de trabalho. Ainda assim, Jane bate de porta em porta em busca de comida. É possível dizer que Jane sente grande vergonha por mendigar comida. Ela busca por emprego mesmo quando já não teria mais forças para trabalhar. No entanto, talvez por orgulho, ela não consiga mendigar. Nem mesmo em Lowood ela fazia isso quando ficava com fome, muitas vezes tinha que dividir seu alimento com as outras colegas, pois todas estavam famintas. Na segunda linha, percebemos a simplicidade de Jane em solicitar um emprego de qualquer natureza à pessoa que abre a porta. Ou seja, Jane possui oito anos de aprendizado e, no entanto, aceita trabalhar em qualquer outra posição, desde que possa receber algum pagamento ou até mesmo alguma refeição em troca de seus serviços. Jane menciona ao final do trecho que o descanso e o isolamento que ela tanto precisa não será possível enquanto ela não se alimentar. Ela descreve a fome como um abutre, que afunda as garras e o bico ao seu lado e ali permanece, atormentando-a.

A noite é desagradável para Jane, que precisa dormir novamente na floresta e fica encharcada devido à chuva. É imprescindível reconhecer o talento de Brontë com a verossimilhança dos eventos, visto que é doloroso para Jane narrar as experiências sofridas do passado. Ela relata parte de suas experiências com certa moléstia devido à dor que essas memórias trazem a ela. A dor da fome, da solidão, da sensação de abandono, são feridas antigas, que a acompanham desde sua infância. Jane afirma que para algumas pessoas, olhar para um passado sofrido traz alguma alegria, alguma satisfação. Porém, ela expõe que sofre muito ao fazer isso, pois lembra das degradações morais, o sofrimento físico, e que isso tudo gera uns conjuntos de lembranças que a deixa em desequilíbrio, sendo impossível de seguir em frente. Ela inicia o trecho abaixo falando desta dificuldade em olhar para o passado e, na quinta linha, solicita ao leitor que não lhe peça para continuar.

Reader, it is not pleasant to dwell on these details. Some say there is enjoyment in looking back to painful experience past; but at this day I can scarcely bear to review the times to which I allude: the moral degradation, blent with the physical suffering, form too distressing a recollection ever to be willingly dwelt on. [...] Let me condense now. I am sick of the subject. [...] Do not ask me, reader, to give a minute account of that day; as before, I sought work; as before, I was repulsed; as before, I starved; but

---

conhecidos neste lugar. Preciso de um trabalho: qualquer coisa serve.

Mas não era obrigação dela pensar por mim [...] se ela mantivesse a porta aberta um pouco mais acredito que teria implorado por um pedaço de pão, pois eu atingira o ponto mais baixo. [...], mas eu estava tão fraca, tão fatigada, tão atormentada pelas necessidades da natureza, que o instinto me manteve perambulando pelas moradias, onde havia esperança de obter comida. A solidão não seria solidão, o descanso não seria descanso enquanto aquele predador – a fome – assim cravasse o bico e as garras nas minhas entranhas” (BRONTË, 2010, p. 187).

once did food pass my lips. At the door of a cottage I saw a little girl about to throw a mess of cold porridge into a pig trough. 'Will you give me that?' I asked. She stared at me. 'Mother!' she exclaimed; 'there is a woman wants me to give her this porridge.' 'Well, lass,' replied a voice within, 'give it her if she's a beggar. T' pig doesn't want it.' The girl emptied the stiffened mould into my hand, and I devoured it ravenously (BRONTË, 2001, p. 280-281)<sup>47</sup>.

No excerto acima observamos como é doloroso e desagradável para Jane ter que relatar com detalhes todas as vezes que passou fome, dor, frio ou demais privações de todos os tipos. Inclusive a falta de empatia ou afeto de qualquer pessoa que fosse. Na passagem dela por uma fazenda, ela implora por restos de um mingau que nem mesmo os porcos querem comer. Mas devido à fome, ela devora com grande comoção. É fato que Jane não apenas sofreu em sua infância e juventude, mas em sua vida adulta também. A maneira como a personagem se dirige ao leitor é pessoal e informal, nos chamando pelo substantivo ‘*reader*’ trinta e oito vezes ao longo de todo o romance, isso é um fato que merece destaque. Nos deixando muitas vezes com o sentimento de culpa se não lermos seu relato até o final, pois desenvolvemos uma certa intimidade com Jane.

Por fim, ela chega até uma residência e nota duas moças dentro da casa, em seguida uma das moças lê um trecho do livro que segura. Alguns dias mais tarde Jane descobrirá que o livro era *Os Ladrões* (1781), de Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805). Ela bate na porta da casa onde uma criada atende e não lhe dá muita atenção, enxotando-a e dizendo que Jane não aparentava ser o que era e que, provavelmente, possuía más intenções. A criada, Hanna, não estava errada, Jane não era uma prostituta, não era uma mendiga, nem mesmo uma louca como haviam pensado pelo vilarejo. Jane desmaia e desiste de viver, ficando a mercê de tudo, pois ela simplesmente não tem mais forças e sabe que não tem controle sobre o que está acontecendo. Jane chega ao ponto de afirmar que prefere morrer do que continuar sofrendo desta maneira ou ter que voltar a Thornfield Hall e se tornar a amante de Rochester.

Um rapaz que mora na residência assistia a tudo de soslaio, se compadece do estado de Jane mesmo sem conhecê-la e coloca-a para dentro de casa, oferecendo abrigo, cama, calor perto da lareira, alimento e cuidados necessários. Jane é recebida com muita atenção e carinho

---

<sup>47</sup> “Leitor, não é agradável narrar esses detalhes. Alguns dizem que existe alegria em recordar as experiências dolorosas do passado. Mas até agora mal pude suportar reviver os tempos a que me refiro. A degradação moral misturada ao sofrimento físico constitui uma recordação por demais dilacerante para ser voluntariamente evocada. [...] Vou resumir. Estou cansada do assunto. [...] Não me peça, leitor, para fazer um relato minucioso desse dia. Como antes, procurei trabalho. Como antes, fui repelida. Como antes, passei fome. Apenas uma vez, alguma comida passou pelos meus lábios. Na porta de uma cabana vi uma menina a ponto de jogar uma porção de mingau frio no cocho dos porcos. – Você me daria esse mingau? – perguntei. Ela me olhou. – Mamãe! – exclamou. – Tem uma mulher aqui que quer que eu dê esse mingau para ela. – Pode dar – respondeu uma voz, lá de dentro. – Se for uma mendiga, pode dar. O porco não quer mais. A menina derramou a massa endurecida do mingau na minha mão, e eu devorei-a com entusiasmo” (BRONTË, 2010, p. 188).

por todos, Hanna, acabou se tornando próxima de Jane com o passar dos dias. Assim como Mary e Diana. St. John apresentou-se como pastor e deixou claro ser o dever dele ajudar a quem precisasse de auxílio. Jane, por receio de ser relacionada ao escândalo que aconteceu em Thornfield Hall, não quis que seu nome fosse ligado ao de Rochester, e apresentou-se como Jane Eliot. Os dias se transformaram em semanas e Jane conseguiu um emprego humilde como professora para as crianças locais, que não possuíam escola alguma. Tudo parecia calmo, até o dia em que St. John confronta Jane em busca de seu verdadeiro nome, pois recebe a notícia de que uma moça chamada Jane Eyre está desaparecida de Thornfield Hall e que seu tio, Mr. Eyre, quem ela nunca conheceu, lhe havia deixado uma herança de vinte mil libras<sup>48</sup>. Com o passar dos dias, todos descobriram que eram primos de Jane por parte do falecido tio, Mr Rivers. Precisamos levar em consideração que como esta região é um local muito pequeno da Inglaterra, as famílias costumavam morar umas próximas das outras. Elas acabavam por ter seus filhos e se afastavam do núcleo principal, porém, sem residir tão longe. Encontros como esse eram na realidade bastante simples de acontecer.

[...] there is my glory and joy. I am the servant of an infallible master. I am not going out under human guidance, subject to the defective laws and erring control of my feeble fellow-worms: my king, my lawgiver, my captain, is the All-perfect. It seems strange to me that all round me do not burn to enlist under the same banner, - to join in the same enterprise (BRONTË, 2001, p. 342)<sup>49</sup>.

Com o passar das semanas e até mesmo dos meses, Jane observa o comportamento e o trabalho de St. John como pastor. Ele não permanecia por muito tempo na residência pois morava na paróquia do vilarejo, onde pregava com frequência. Jane teria o assistido certa vez, ficando assustada com a maneira como ele interpretava o conceito de cristianismo. No excerto acima podemos observar na fala de St. John como ele considera a religião algo inquestionável e ao mesmo tempo infalível, tanto no sentido de punição divina quanto no sentido de a religião estar sempre correta. E por inúmeras vezes esta é a maneira como ele se porta com os demais. Como se ele, sendo mensageiro de Deus, estivesse sempre correto e fosse também inquestionável.

<sup>48</sup> Nota da tradutora de *Jane Eyre*: “Equivalem a aproximadamente dois milhões de libras esterlinas, corrigidas para os valores de hoje (2015), de acordo com os índices do ‘Office for National Statistics’, da ‘UK Statistics Authority’” (BRONTË, 2016, p. 547).

<sup>49</sup> “Esta é a minha glória e a minha alegria. Sou o servo de um Mestre infalível. Não partirei guiado pelos homens, sujeitos a leis falhas e incapazes de controlar meus indefesos irmãos-vermes. Meu rei, meu legislador, meu comandante é o Todo-Perfeito. Me parece estranho que todos ao meu redor não anseiem por alistar-se sob a mesma bandeira e juntar-se à mesma empresa” (BRONTË, 2010, p. 228).

Se aproximando do tópico que desejo abordar nesta seção que corresponde ao segundo encontro romântico de Jane, temos St. John interessado por uma moça chamada Rosamond. No entanto, como pastor e devoto restrito à igreja ele deixa claro à Jane que aquela moça é de grande beleza exterior e isso faz dele um homem cego. Que o essencial para ele seria alguém como Jane, e assim ele a descreve como uma moça simples e sem nenhum atrativo. Tanto ele quanto suas irmãs apontavam como Jane possuía uma fisionomia simples e sem muita beleza. Por exemplo, na primeira noite que Jane foi acolhida, Jane narra que “he stood considering me some minutes; then added, 'She looks sensible, but not at all handsome.' 'She is so ill, St. John.' ill or well, she would always be plain. The grace and harmony of beauty are quite wanting in those features” (BRONTË, 2001, p. 289)<sup>50</sup>. É triste e ao mesmo tempo inquietante que tantos personagens julgam Jane por sua (falta de) beleza física, porém é fácil de explicar uma vez que estamos falando da era vitoriana. Um período em que as moças belas e discretas atendiam a um único propósito, estarem apresentáveis para um moço de bolsos gordos que pudesse se casar.

Ao abordar este assunto é importante também repassar o próprio preconceito que a jovem Jane possuía em sua infância. Não lhe agradava a ideia de ser pobre, tinha medo e vergonha de dizer que era. Considerando que o oposto significaria ter tudo, inclusive afeto e amigos. O que é compreensível uma vez que Jane havia visto uma vida com suas facilidades, como a vida de sua tia Mrs Reed e seus primos. Ao mesmo tempo em que ela residia com eles, lhe negavam o direito de desfrutar das mesmas oportunidades e mordomias que seus primos, sabemos que Jane não tinha direito ao básico. Jane ficava confinada em um quarto fechado, marcado pela morte e por ignorância disfarçada de superstições tolas sobre fantasmas, mas que são o suficiente para assustar qualquer criança. Jane cresceu em um ambiente vazio, vivendo de sobras e necessitando da pouca empatia alheia para sobreviver. Contudo, após toda a vivência em Lowood e Thornfield Hall, e agora em Moor House (ou Marsh End), Jane era menos preconceituosa.

It was full of the fragrance of new bread and the warmth of a generous fire. Hannah was baking. Prejudices, it is well known, are most difficult to eradicate from the heart whose soil has never been loosened or fertilised by education: they grow there, firm as weeds among stones. Hannah had been cold and stiff, indeed, at the first: latterly she had begun to relent a little; and when she saw me come in tidy and well-dressed, she even smiled (BRONTË, 2001, p. 290)<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> “Continuou examinando meu rosto por alguns minutos. Então disse: – Ela parece sensível, mas não é bonita, absolutamente. – Ela está enferma, St. John. – Enferma ou sã, sempre será comum. Faltam ao seu rosto a graça e a harmonia da beleza” (BRONTË, 2010, p. 194).

<sup>51</sup> “Meus sentidos foram envolvidos pelo perfume de pão recém assado e pelo calor de um generoso fogo. Hannah fazia pão. Os preconceitos, todos sabem, são mais difíceis de erradicar do coração cujo solo nunca foi revolvido nem fecundado pela educação. Eles se enraízam ali, firmes como ervas daninhas no meio das pedras. No início

Hanna, a criada da casa de St. John, enxotou Jane em um primeiro encontro, julgando que pelas roupas e pelo estado em que a jovem se encontrava, certamente não possuía dinheiro. E se não possuía condições, também não possuía educação e, assim sendo, deveria ser desonesta, pilantra, ou pior, ladra. Jane, ainda decepcionada com o preconceito inicial de Hanna, comenta o assunto. Com relação ao segundo encontro amoroso, St. John utiliza diversos argumentos, desde a obrigação dela com a igreja como a culpa cristã que a atordoava. Jane é pressionada numerosas vezes pelo primo.

*I can do what he wants me to do: I am forced to see and acknowledge that,' I meditated—That is, if life be spared me. But I feel mine is not the existence to be long protracted under an Indian sun.—What then? He does not care for that: when my time came to die he would resign me, in all serenity and sanctity, to the God who gave me. [...] I must say, Yes—and yet I shudder. Alas! If I join St. John, I abandon half myself: if I go to India, I go to premature death. And how will the interval between leaving England for India, and India for the grave, be filled? [...] I will throw all on the altar—heart, vitals, the entire victim. He will never love me; but he shall approve me; I will show him energies he has not yet seen, resources he has never suspected. Yes: I can work as hard as he can; and with as little grudging (BRONTË, 2001, p. 344-345, grifo do autor)<sup>52</sup>.*

No segmento, Jane realiza uma autoreflexão, uma meditação com seu eu mais íntimo e pondera o pedido de casamento de seu primo St. John. Jane reconhece que poderia aceitar o pedido de partirem casados para a Índia, onde se acomodariam por um bom tempo, ela reconhece que teria uma morte prematura e que ele não se importaria com ela em virtude do fanatismo religioso. Para ele, nada mais é tão importante quanto o Mestre que ele segue. E assim, ninguém é tão importante. Jane também sente que receberia uma aprovação moral de seu primo caso aceitasse o pedido de casamento, pois ela estaria abdicando da própria vida para casar-se com um pastor e mudar-se para a Índia. No entanto, Jane sabe que não seria amada, e aquilo que ela tanto buscou ao longo de sua vida, afeto, compaixão, empatia, ela não encontraria casando-se com seu primo. Por último Jane também reconhece que pode trabalhar tão arduamente quanto ele, até mais, e reclamando menos. Porém sente o peso de tornar-se sua esposa.

---

Hannah foi fria e rígida, é verdade. Depois começou a demonstrar um pouco de pena. E quando me viu chegar, limpa e bem vestida, ela até sorriu” (BRONTË, 2010, p. 195).

<sup>52</sup> “Posso fazer o que ele me pede: sou forçada a reconhecer” pensei “isto é, se a vida me permitir. Mas sinto que a minha existência não duraria muito tempo sob o sol da Índia. E depois? Ele não se preocupa com isso. Quando chegasse a minha hora de morrer, me entregaria, com toda serenidade e santidade, ao Deus que me concedeu a vida. [...] Ai de mim! Se juntar-me a St. John, abandonarei metade de mim mesma. Se for para a Índia, caminho para uma morte prematura. E como preencheri o intervalo entre a partida da Inglaterra para a Índia, e da Índia para o túmulo? [...] Lançarei tudo ao altar – coração, entranhas, a vítima inteira. Ele nunca me amará, mas me aprovará. Vou mostrar-lhe energias como ele jamais viu, recursos de que nunca suspeitou. Sim, posso trabalhar tão duro quanto ele, e com menos rancor” (BRONTË, 2010, p. 229).



'Consent, then, to his demand is possible: but for one item—one dreadful item. It is—that he asks me to be his wife, and has no more of a husband's heart for me than that frowning giant of a rock, down which the stream is foaming in yonder gorge. He prizes me as a soldier would a good weapon; [...] As his sister, I might accompany him—not as his wife: I will tell him so' (BRONTË, 2001, p. 345)<sup>53</sup>.

Já no fragmento abaixo, Jane chega a conclusão que pode aceitar o convite de St. John, porém, sob uma condição, que ela possa ir como uma mulher livre, e não como esposa dele. Ela faz referências a ele como se ele fosse um soldado e ela uma arma. Podemos interpretar da seguinte maneira: como ele é fanático pela religião, ele não oferecerá o catecismo aos indianos, mas irá impor, e usará Jane como ferramenta.

[...]—the mission of your great Master. To do so, you must have a coadjutor—not a brother; that is a loose tie: but a husband. I, too, do not want a sister; a sister might any day be taken from me. I want a wife: the sole helpmeet I can influence efficiently in life and retain absolutely till death.' [...] 'And I will give the missionary my energies—it is all He wants—but not myself: that would be only adding the husk and shell to the kernel. For them he has no use: I retain them' (BRONTË, 2001, p. 346)<sup>54</sup>.

Em seguida, temos outro trecho da narrativa que mostra como St. John fica insatisfeito com a notícia de Jane. Que esta seguirá como sua prima e lhe auxiliará no serviço, porém, não se casará com ele. Ao passo que ele informa não desejar uma prima, pois esta pode acabar seguindo outro rumo, e o que ele deseja é uma esposa, uma propriedade que será obrigada a caminhar junto a ele. Jane deixa claro que guardará a si mesma e que não será sua esposa. St. John também declara que apenas uma esposa ele poderia influenciar de maneira eficiente e mantê-la para si até a morte. Além disso, afirma para Jane que este não é o desejo dele, mas Dele, de Deus. Percebemos com facilidade como St. John procura manipular Jane através da religião, sendo ela cristã, e percebendo que faria com que ela sentisse culpa. Uma vez que Jane fora manipulada, ameaçada, castigada toda uma vida através da religião. Desde às criadas da casa de sua tia Mrs Reed, ou no asilo Lowood, e agora na vida adulta, inclusive por si mesma. É uma conduta esperada pelos patriarcas das grandes famílias e do Estado; esperam ver em suas mães, esposas e filhas, mulheres que se submetam à moral e aos “bons” costumes do período. Como já citado por Woolf (2014), retire a quietude, a privacidade, a liberdade e o direito à fala

<sup>53</sup> “É possível, pois, consentir no que me pede, exceto por uma coisa... uma coisa terrível. Ele me pede para ser sua esposa – e não me oferece um coração de esposo mais do que essa pedra enorme e bruta, em cuja direção corre o riacho. Aprecia-me como um soldado aprecia uma boa arma, [...] Como sua irmã, posso acompanhá-lo. Como esposa, não. E vou dizer-lhe isso” (BRONTË, 2010, p. 229-230).

<sup>54</sup> “a missão que lhe deu o grande Mestre. Para fazer isso precisa de um companheiro: não um irmão, pois o laço é fraco, mas um marido. Eu também não desejo uma irmã, pois um dia pode ser arrebatada de mim. Preciso de uma esposa. A única companheira que posso guiar durante a vida e reter, de forma absoluta, até a morte. [...] – Darei ao missionário as minhas energias – é tudo que ele precisa – mas não me entregarei a ele. Seria como misturar a casca do fruto com a polpa. A casca não tem serventia: vou guardá-la para mim” (BRONTË, 2010, p. 230).

da mulher, assim ela jamais terá tempo para si ou para reflexão, ela será demandada dentro do lar como uma empregada por seu pai, marido e filhos.

'You cannot—you ought not. Do you think God will be satisfied with half an oblation? Will He accept a mutilated sacrifice? It is the cause of God I advocate: it is under His standard I enlist you. I cannot accept on His behalf a divided allegiance: it must be entire.' 'Oh! I will give my heart to God,' I said. 'You do not want it.' [...] I was with an equal—one with whom I might argue—one whom, if I saw good, I might resist (BRONTË, 2001, p. 346)<sup>55</sup>.

Já no parágrafo acima é notável como St. John usa a chantagem religiosa para que Jane sintasse culpada. Para Jane, fica claro que ele não está preocupado com o fato dela aceitar o trabalho ou não, e sim em torná-la uma posse. Já estamos cientes do fato que Jane recebeu sua fortuna e dividiu com seus primos. Isso é outro fator agravante que pode fazer com que St. John queira casar-se com ela, tornando-se assim proprietário de seu salário, como Woolf (2019) explica em seu livro “Um Teto Todo Seu”. Inclusive, podemos observar na fala do personagem que ele utiliza o termo “sacrifício”, na segunda linha, ou seja, ele entende e é isso que está exigindo de Jane. A diferença entre o matrimônio com Rochester e com St. John é justamente esse fator, Rochester pediu Jane em casamento, St. John está demandando isso dela. Além de não ser nem um pouco romântico, questão importante para a protagonista, ele está praticamente obrigando-a. St. John também deixa claro em outros momentos que não acredita no amor, que Jane não é atraente, mas ainda assim seria um bom sacrifício. St. John pode estar interessado em adquirir uma escrava, uma proprietária ou em dar o “golpe do baú” em Jane, e se apossar do resto da fortuna. É importante deixar explícito aqui o que Jane informa ao leitor nas últimas duas linhas, que ela não se sente inferiorizada por ele ou subjugada, Jane diz se sentir na mesma posição que ele, ou seja, ambos têm a mesma quantia de dinheiro, e isso ocorre porque ela foi generosa e dividiu sua própria herança, então St. John não possui nenhum poder a mais que ela, nem pode subjugá-la, pois ela tem independência financeira.

Jane esclarece que lhe observou os traços faciais, os gestos e as palavras com muito cuidado. O próximo trecho a ser mostrado de “*Jane Eyre*”, é um dos mais importantes do romance, pois ela não vacila diante de um homem que é servo da religião e ao mesmo tempo tirano. Mas antes quero abordar novamente a fala de Mangerona (2013), a respeito do uso da religião como manipulação e distorção da realidade com intuito de criar uma sociedade

---

<sup>55</sup> “– Você não pode... não deve. Acha que Deus ficaria satisfeito com uma oferenda pela metade? Aceitaria um sacrifício mutilado? É a causa de Deus que defendo. Alisto-a sob o Seu estandarte. Não posso aceitar, em nome de Deus, uma lealdade pela metade. Ela deve ser completa. – Oh! Darei meu coração para Deus! – eu disse. – *Você não o quer.* [...] Estava diante de um igual – alguém com quem poderia argumentar... Alguém a quem, se estivesse certa, eu poderia resistir” (BRONTË, 2010, p. 230).

ignorante, medrosa, à mercê do Estado. A autora remete a análise novamente a Maquiavel, que mencionou as armas (força pela violência) e o temor a Deus como duas ferramentas de extrema importância para manipulação e controle social. Para que isso ocorra, a autora explica que é necessário existir uma condição favorável para tal. Qual seria esta condição que permite que um povo seja facilmente manipulado através da religião e da violência? Um povo ignorante de seus direitos como cidadãos e seres humanos, alienado, desesperançoso, a mercê da empatia alheia, desesperado. A falta de conhecimento conduz à obediência e a um conformismo cegos (MANGERONA, 2013).

Outro problema fatal, decorrendo do período do século XIX, residia no impedimento da participação feminina em assuntos primordiais como religião, política, Direito, economia, entre outros. À mulher cabia o dever de cuidar do lar, das crianças, reproduzir a espécie e satisfazer os desejos sexuais de seu marido sempre que este desejasse. Se ela conseguisse um trabalho fora do lar, sua remuneração pertenceria ao esposo. No caso de Rochester, esse se encontra preso a um matrimônio que na prática não existe. Rochester está preso a uma mulher com problemas mentais graves que deveria estar recebendo melhores cuidados. E a lei o proibiu de buscar o divórcio.

Na Inglaterra de 1857, houve uma brecha na lei marital que passou a permitir o divórcio apenas ao sexo masculino. Ou seja, apenas os maridos poderiam entrar com o pedido de divórcio, e apenas para casos onde se comprovasse o adultério da esposa.

Com o passar dos anos, a mulher também obteve quase o mesmo direito, desde que conseguisse comprovar adultério por parte do esposo e atos de crueldade. É importante mencionar que, a mulher não tendo muitos direitos, uma vez divorciada do marido, perdia a custódia dos filhos, estes passavam a ser propriedade do esposo, e a mulher poderia ser proibida de vê-los (SIMKIN, 2015)<sup>56</sup>. Relembrando neste caso, Rochester não pode se divorciar de Bertha, considerando que o romance fora publicado primeiramente em 1847. Vale lembrar que não era tão difícil o homem conseguir o divórcio neste período, porém, era quase impossível para a mulher. Então havia muito mais homens divorciados e a mulher era vista como adúltera, infiel, sendo tratada com um pouco mais de respeito que uma prostituta declarada.

É defendido por alguns grupos feministas e de negros que as mulheres não seriam capazes de inúmeras barbáries, ou que os negros também não seriam capazes, visto que foram

---

<sup>56</sup> John Simkin é o autor dos textos educativos em seu website Spartacus Educational. Simkin é professor de História, com graduação, Mestre em Artes e Mestre em Filosofia. Criou o site em 1997 e produziu artigos para o *Daily Telegraph*, *European Virtual School* e para o *The Guardian* por seis anos. Já escreveu mais de uma dúzia de livros de história e publicou dez e-books.

escravizados. Partindo de um exemplo do romance que está sendo analisado: por que Jane proclama tantos pensamentos racistas contra os franceses ao longo do romance? Jane sofreu quando criança demasiadamente, não deveria ser xenofóbica. Ao enunciar tamanhos extremismos e exigência de valores morais destes povos sofridos, praticamos um mesmo tipo de parcialidade que as mídias atuais tanto fazem. Retorno à fala de Mangerona (2013, p. 141) que afirma que “o poder de Deus é mais temido do que o poder dos Homens, lembra Maquiavel, e ninguém quer a ira de Deus, o seu temor revela-se um segredo pacificador das almas e das condutas”. Ou seja, todos os povos possuem seus fanáticos religiosos ou xenofóbicos extremistas que querem impor sua vontade ao próximo, geralmente à minoria. E isso é alcançado com facilidade através do temor a Deus, como vemos acontecer inclusive com Jane e demais personagens durante o romance, como St. John, assumindo o papel do fanático. Ainda podemos discordar afirmando que ele se fazia passar por extremista religioso apenas para manipular Jane, que talvez ele realmente não acreditasse no que estava dizendo, mas fosse, na verdade, um interesseiro. No entanto essas serão apenas suposições pois é impossível saber o que realmente ele estava pensando.

Retornando à questão do divórcio, já foi coberto o tema a respeito de Rochester, isso na Inglaterra Vitoriana, já no Brasil a situação foi diferente, por exemplo, até 1889 a Igreja ditava as ordens e as normas do matrimônio. Somente então a Igreja e o Estado passaram a agir como duas entidades diferentes, pois surgiu a necessidade de leis matrimoniais. Em 1969 o divórcio somente poderia ser aprovado através de emenda constitucional, por dois terços de senadores (44) e de deputados (207) (IBDFAM, 2010). Apenas a partir de 1977 foi permitido o divórcio, até este período havia apenas a possibilidade de desquite. Para Dias (2010), “a tentativa de manter o casamento acaba afrontando a dignidade feminina”, ou seja, devido às fortes influências cristãs no período imperial brasileiro, a mulher deve sofrer dentro de um casamento sem amor, à vontade masculina, tendo que entregar seus ganhos financeiros ao marido, estando sujeita a brigas, violência psicológica, física, patrimonial, etc. Neste momento, abordo o romance “*Jane Eyre*”, sob a perspectiva do divórcio de 1847. Relembrando que a separação matrimonial só era permitida diante da comprovação de adultério. Temos Rochester que não somente foi forçado por seu pai a casar-se com Bertha, por sua fortuna, e desde então vê-se preso a uma mulher que está há quinze anos completamente insana. Bertha constitui não somente um perigo para si como para os outros. Tendo inclusive atacado fisicamente seu irmão, com uma mordida grave no rosto. Revendo esta situação, nos resta sentir empatia por Rochester, que assim como as mulheres do período, estava preso a um casamento que já não existia mais, pois Bertha mal lembrava o ser humano que um dia foi. Neste caso, tanto Rochester quanto ela

sofrerão eternamente por normas cristãs que não se importam com a dignidade alheia. Bertha poderia ser levada para sua família, para que esta atendesse aos cuidados dela, e para que Rochester tivesse o direito de ter uma vida, de apaixonar-se novamente, de constituir família caso este assim desejasse. Considerando que Rochester possui em torno de quarenta anos, e Bertha está insana há quinze anos, ele casou com pouco mais de vinte anos, no auge de sua juventude. É perfeitamente compreensível que seja a pessoa amarga e carrancuda que é, quando Jane o conhece, é com ela que Rochester redescobre seu gosto pela vida. Apesar de Rochester ter se envolvido com outras mulheres, inclusive de uma dessas paixões ter nascido Adèle, o mesmo não fixa lar ao lado delas, mas estaria disposto a fazê-lo por Jane.

A doutrinação e a fé cega faziam parte do cotidiano de Jane e de seu desenvolvimento como menina, moça e mulher. Manipulada desde jovem pelas criadas Bessie e Abbot, pela tia Mrs Reed, pelo diretor do asilo, pelas professoras do asilo, por todos a sua volta. Não necessariamente manipulada com más intenções, pois muitas pessoas ao seu redor cresceram sob a influência de outras pessoas religiosas, ou que também foram doutrinadas religiosamente. Não precisa ser algo ruim, porém de fato o é quando limita a visão de mundo do sujeito e o mantém “preso” a certos conformismos e ignorante do verdadeiro conhecimento ao seu redor. Vale lembrar que as professoras em Lowood também sofriam com isso, está na fala de Jane. Ela relembra em suas memórias que as professoras saíam cedo no domingo, com as meninas, com frio e fome, para ouvirem o sermão na igreja, que ficava longe e levava boas horas de caminhada na neve. As meninas com os pés em carne viva dentro das botas congeladas. Receberiam o pão com carne apenas após a missa. De maneira empática entendemos também o porquê desta longa jornada aos domingos, não apenas para assistir à missa, mas para ter um alimento, algum alimento. Já que no asilo a fome e a falta de comida era algo costumeiro.

Maquiavel tem plena consciência das condições necessárias à manipulação. Quando o amor à pátria e às suas leis não bastam, é necessário o poder do juramento e o temor de o quebrar, como forma de compromisso e motivação. O temor a Deus será possível e eficaz quando existem condições favoráveis à instrumentalização e manipulação do povo. Assim considera ser necessário um povo analfabeto e inculto. Só a falta de conhecimento permite o medo e a obediência cega, garante Maquiavel (MANGERONA, 2013, p. 141).

De acordo com o que é explicado por Mangerona (2013), a culpa religiosa e as ameaças da religião só funcionam quando há uma circunstância própria para isso, isto é, o asilo para crianças órfãs (Lowood) sobrevivia com o pouco que Brocklehurst (o diretor) oferecia ao local. Dependendo inteiramente de um homem dogmático, hipócrita, moralista e desonesto, logicamente as crianças passariam por privações. O diretor percebendo essa dependência

extrema, poderia ditar as ordens que quisesse com a certeza de que seriam acatadas. É o local perfeito para instalar uma visão radical e opressora visto que as professoras não teriam a quem pedir ajuda a não ser ele, e as crianças dependiam das professoras. Levando em consideração que as professoras também depositavam sua fé religiosa nos bons clérigos e nas igrejas próximas, é construído o ambiente ideal para manipulação através do temor a Deus, fazendo com que as professoras realizassem penitências acreditando que mereciam, e com elas, as crianças ficavam a mercê disso tudo. É a “receita” correta para a exploração e escravidão social.

[...] I looked at his features, beautiful in their harmony, but strangely formidable in their still severity; at his brow, commanding but not open; at his eyes, bright and deep, and searching, but never soft; at his tall, imposing figure; and fancied myself in idea *his wife*. Oh! it would never do! As his curate, his comrade, all would be right [...] I should suffer often, no doubt, attached to him only in this capacity: my body would be under rather a stringent yoke, but my heart and mind would be free. I should still have my unblighted self to turn to: my natural unenslaved feelings with which to communicate in moments of loneliness. There would be recesses in my mind which would be only mine, to which he never came; and sentiments growing there fresh and sheltered, which his austerity could never blight, nor his measured warrior-march trample down (BRONTË, 2001, p. 347)<sup>57</sup>.

Retornando à proposta de casamento de St. John, Jane observa que apesar de belo, seus olhos e sua expressão jamais expressam suavidade, sempre imposição. Acreditava estar correto de sua ideia errônea de esposa e de matrimônio. Jane também reconhece que se viajasse ao lado do primo sem casar-se com ele, ainda assim, seu corpo e alma sofreriam em demasia, porém, sua mente seria livre, ela não estaria presa para sempre a uma pessoa sem amor, sem afeto. Novamente ela o compara com um soldado que marcha e é austero, inabalável. Ainda assim ela poderia ser livre para sentir o que quisesse e vagar para onde tivesse vontade.

Jane já possui sua independência, é culta e tem uma boa formação como educadora. A princípio, uma mulher com independência financeira pode escolher como deseja viver a sua vida dentro dos parâmetros morais sociais. Em segundo lugar, uma mulher independente financeiramente terá liberdade para ir e vir, para opinar, falar e ser escutada pelos demais. Não precisará que seu pai ou esposo fale por si. Enquanto criança, Jane sofria muito pelo fato de que as pessoas a sua volta não gostavam dela, conforme Jane cresce, ela percebe que não precisa

---

<sup>57</sup> “Olhei para os seus traços, belos em sua harmonia, mas estranhamente temíveis na sua severidade. Para sua frente autoritária, mas não aberta. Para os seus olhos, brilhantes e profundos e inquisidores, mas nunca ternos. Para sua figura alta e imponente. E me imaginei como *sua esposa*... Oh! Isso nunca! Como sua ajudante, sua discípula, tudo estaria bem. [...] Ligada a ele apenas nessa condição, muitas vezes sofreria, sem dúvida. Meu corpo estaria sob um estranho domínio, mas meu coração e minha mente seriam livres. Eu ainda teria o meu mundo indestrutível para onde me voltar, meus pensamentos livres para me amparar nas horas de solidão. Haveria recantos na minha mente que seriam só meus, aos quais ele nunca teria acesso, e ali cresceriam sentimentos, frescos e abrigados, que a austeridade dele jamais poderia destruir, nem sua marcha de soldado pisotear” (BRONTË, 2010, p. 231).

dessas pessoas para encontrar sua felicidade, não precisa que gostem dela para encontrar um propósito ou algo assim. Jane possui uma posição firme diante de sua profissão e de seus princípios morais, apesar da pouca idade que tem. Podemos dizer que, embora Jane tenha passado por situações precárias não só de comida e conforto, mas de afeto e atenção, foi em Lowood que teve contato com figuras femininas adultas independentes e fortes. Professoras que embora fossem rígidas algumas vezes, também representavam outros traços que ficaram marcados no crescimento da heroína. Jane não permitiria mais em sua vida adulta o mesmo sofrimento pelo qual passou quando criança. Ela havia se tornado uma mulher que sabia cuidar de si mesma, tinha uma boa formação profissional e não temia as intempéries que a vida pudesse lhe apresentar, pois já havia sobrevivido a coisas muito piores quando era criança e frágil.

[...] tell him you love him and will be his. Who in the world cares for *you*? or who will be injured by what you do?  
 Still indomitable was the reply—I care for myself. The more solitary, the more friendless, the more unsustained I am, the more I will respect myself” (BRONTË, 2001, p. 270)<sup>58</sup>.

Jane deixa claro no trecho acima, quando Rochester lhe indaga porque não ficar ao lado dele, quem no mundo se importará com o fato de ela se tornar amante, quem sairá ferido por esta ação. Jane afirma que ela cuidará de si mesma, que ela se respeitará, mesmo que seja sozinha, sem amigos, solitária. O quanto for necessário, ela terá a si mesma, será autosuficiente. Esta é uma fala de extremo valor para o período, comprova a revolução de Brontë ao publicar este romance e o porquê de este ser estudado ainda nos dias de hoje.

Jane reflete e analisa cautelosamente a situação, chamando pelo primo: 'St. John!' I exclaimed, when I had got so far in my meditation. 'Well?' he answered icily. I repeat: I freely consent to go with you as your fellow-missionary; but not as your wife; I cannot marry you and become part of you' (BRONTË, 2001, p. 347)<sup>59</sup>. Ou seja, novamente ela estava lhe dizendo com educação e bom senso que não desejava casar-se com ele, mas que iria para a Índia, como uma mulher livre. Em um momento de indignação e descontentamento, St. John aborda novamente a chantagem religiosa, dizendo à Jane que ela não está negando ao primo, mas a Deus. E que essa decisão tratá consequências desagradáveis para um futuro obscuro. Jane percebe o que St. John está fazendo, ela sabe que se o primo realmente quisesse a companhia dela para realizar o

<sup>58</sup> “[...] diga-lhe que o ama e que será dele. Quem, neste mundo, se importa com você? Quem será ofendido pelo que você fizer?” A resposta foi implacável: Eu cuido de mim. Quanto mais solitária, quanto mais sem amigos, quanto mais desamparada estiver, mais respeitarei a mim mesma” (BRONTË, 2010, p. 181).

<sup>59</sup> “– St. John! – exclamei, depois de chegar a este ponto tão avançado das minhas cogitações. – E então? – ele respondeu, friamente. – Repito que concordo livremente em acompanhá-lo como companheira missionária, mas não como sua esposa. Não posso desposá-lo e me tornar parte de você” (BRONTË, 2010, p. 231).

bem, não importaria a maneira como ela fosse, casada com ele ou não, desde que fosse para a Índia. Contudo, não é o que acontece. Jane é pressionada constantemente pelo primo para que se case com ele e então vá para a Índia como sua esposa e não como prima. Observamos nas palavras de St. John que ele está agindo assim sob duas hipóteses: 1<sup>a</sup>) Ele deseja alguém que esteja preso a ele e que não possa partir na hora que bem entende; e 2<sup>a</sup>) Ele deseja casar-se com Jane para que as posses que ela possui em seu nome passem a ser do marido, no caso, de St. John, assim ele fica com metade da herança, e não apenas  $\frac{1}{4}$  ou o equivalente a 25%. Há outro caso semelhante no romance, como sabemos, Rochester foi forçado pelo pai a casar-se com Bertha Mason pois esta pertencia a uma família abastada. Não é incomum que homens fizessem isso<sup>60</sup>, de fato há inúmeros casos mundialmente, pois não é algo condizente a apenas um gênero, e sim ao humano.

I have many friends there to whom I should wish to say farewell. I shall be absent a fortnight—take that space of time to consider my offer: and do not forget that if you reject it, it is not me you deny, but God. Through my means, He opens to you a noble career; as my wife only can you enter upon it. Refuse to be my wife, and you limit yourself for ever to a track of selfish ease and barren obscurity. Tremble lest in that case you should be numbered with those who have denied the faith, and are worse than infidels!’ (BRONTË, 2001, p. 348)<sup>61</sup>.

Acima, teremos St. John e sua intransigência ao perturbar Jane, afirmando que a mesma não está negando St. John como marido, mas está negando a Deus. E que Deus usa St. John como um meio condutor que levará Jane a uma nobre carreira caso esta se torne sua esposa. Do contrário ela estaria frente a um caminho egoísta e obscuro, afirmando inclusive que estes que negam a Deus são piores que os infiéis. Curiosamente, este termo (infiel) é utilizado pelos terroristas do Estado Islâmico (ISIS), segundo os quais todos os inféis são aqueles que discordam do Islamismo puro e verdadeiro. Sabemos que a religião vigente no romance não é o Islamismo, porém, com radicais e dogmáticos não há oportunidade para diálogo, são pessoas que geralmente não estão dispostas a mudar.

It began calm—and indeed, as far as delivery and pitch of voice went, it was calm to the end [...] The heart was thrilled, the mind astonished, by the power of the preacher:

<sup>60</sup> Na literatura brasileira podemos dar como exemplo o romance *Senhora* (1875), de José de Alencar, que abre a história com um jovem interesseiro e fútil, passando por uma grande transformação até atingir o final do romance, se tornando uma pessoa íntegra e honesta.

<sup>61</sup> “tenho muitos amigos ali a quem gostaria de dizer adeus. Ficarei fora quinze dias. Aproveite esse tempo para pensar na minha proposta, e não se esqueça de que, se rejeitá-la, não estará negando a mim, mas a Deus. Através de mim, Ele lhe oferece uma nobre carreira, na qual só poderá entrar se tornar-se minha esposa. Recuse o casamento e se confinará a um caminho de egoísmo e a uma obscuridade estéril pelo resto da vida. Trema, pois neste caso será contada entre aqueles que renegaram a fé – e que são piores dos que os infiéis!” (BRONTË, 2010, p. 232).



neither was softened. Throughout there was a strange bitterness; an absence of consolatory gentleness; stern allusions to Calvinistic<sup>62</sup> doctrines— election, predestination, reprobation—were frequent; and each reference to these points sounded like a sentence pronounced for doom. When he had done, instead of feeling better, calmer, more enlightened by his discourse, I experienced an inexpressible sadness; for it seemed to me—[...] that the eloquence to which I had been listening had sprung from a depth where lay turbid dregs of disappointment—where moved troubling impulses of insatiate yearnings and disquieting aspirations. I was sure St. John Rivers—pure-lived, conscientious, zealous as he was—had not yet found that peace of God which passeth all understanding; he had no more found it, I thought, then had I [...] (BRONTË, 2001, p. 300)<sup>63</sup>.

Neste segmento, temos a análise que Jane faz do sermão religioso proferido por St. John, do qual podemos inferir algumas interpretações inquietantes que apontam à personalidade de seu primo. Jane inicia descrevendo o que havia acontecido durante o sermão, como seu primo St. John havia se portado e como ela estava se sentindo após o término do discurso. Ela explica que iniciou de maneira calma e assim terminou, porém, após ler algumas vezes o trecho abaixo, compreendemos que de calmo, apenas o tom de voz de seu primo. As palavras haviam sido rígidas. Jane constatou que ele não estava bem, que não era um homem calmo nem em perfeita paz e harmonia como talvez devesse e/ou desejasse ser, já que vivia e trabalhava em virtude do cristianismo. Porém, Jane observou passagens em sua fala que remetiam ao Calvinismo, pois St. John trazia uma amargura em sua fala, uma falta de gentileza e bondade. Pelo contrário, ele abordava mais assuntos como predestinação, reprovação e condenação. Jane afirma que com o término do sermão, embora St. John fosse um homem de fala calma e tranquila, ela estava se sentindo incrivelmente triste e perturbada. Que estas eram as emoções que viviam no coração de seu primo, possivelmente. E que seu primo não havia encontrado a graciosidade e a paz de Deus, como ela também não encontrou.

[...] Rosamond a sufferer, a labourer, a female apostle? Rosamond a missionary's wife? No!  
 'But you need not be a missionary. You might relinquish that scheme.'  
 'Relinquish! What! my vocation? My great work? My foundation laid on earth for a mansion in heaven? My hopes of being numbered in the band who have merged all ambition in the glorious one of bettering their race—of carrying knowledge into the

<sup>62</sup> A doutrina Calvinista é de origem protestante e divide a humanidade em duas partes: as pessoas que serão salvas e as pessoas que serão condenadas.

<sup>63</sup> “Começou calmo – e, de fato, no que diz respeito à maneira com que foi dito e ao tom de voz, foi calmo até o final [...] Meu coração se agitou, minha mente espantou-se com o poder do pregador. Nada era suave. Havia uma estranha amargura e total falta de gentileza consoladora. Sérias alusões à doutrina calvinista – arbítrio, predestinação, reprovação – eram frequentes. E cada referência a essas coisas parecia uma sentença de condenação. Quando ele terminou, ao invés de me sentir melhor, mais calma e enlevada pelo sermão, experimentei uma profunda tristeza, pois me pareceu – embora eu saiba que não foi assim para todos – que a eloquência que eu estivera ouvindo vinha de uma profundidade onde jaziam turbidos depósitos de desapontamento. Onde se moviam, em perturbadores impulsos, desejos insatisfeitos e aspirações inquietantes. Tinha certeza que St. John Rivers, de vida ilibada, consciencioso, zeloso, ainda não havia encontrado a paz de Deus que superava tudo. Não a encontrara mais do que eu [...]” (BRONTË, 2010, p. 201).

realms of ignorance—of substituting peace for war—freedom for bondage—religion for superstition—the hope of heaven for the fear of hell? Must I relinquish that? It is dearer than the blood in my veins. It is what I have to look forward to and to live for' (BRONTË, 2001, p. 319)<sup>64</sup>.

Assim como Jane, St. John é uma pessoa perturbada em seu mais íntimo ser, a começar por ter interesse em duas jovens e se proibir de pedir a mão de qualquer uma delas em casamento pois ele acreditava já ter prometido seu sacrifício a Deus e, assim, não poderia voltar atrás. Jane o aconselha a levar a moça junto com ele na missão para a Índia, porém, St. John lhe responde de modo grosseiro, afirmando que a doce moça não fora destinada para este tipo de vida nem de trabalho. Nesse momento, Jane lhe sugere abandonar a vida de missionário e tomar outro rumo, quem sabe casar-se com a moça e permanecer na Inglaterra. Aquele período histórico ainda possuía uma cultura de penitência muito forte que por vezes, levava a uma autoflagelação, e com St. John não era diferente. Ele acreditava que se viesse a ceder aos encantos de alguma das moças, sua “casa no céu” seria perdida. Podemos perceber seu grande temor ao tratar do assunto com Jane. St. John não espera receber apenas uma casa qualquer após sua vida de sacrifícios e dedicação, mas sim uma mansão no paraíso. Acredita cegamente que quanto mais pesada e árdua a vida na Terra, maior será sua recompensa pós-morte.

'Oh, St. John!' I cried, 'have some mercy!'

I appealed to one who, in the discharge of what he believed his duty, knew neither mercy nor remorse. He continued: 'God and nature intended you for a missionary's wife. It is not personal, but mental endowments they have given you: you are formed for labour, not for love. A missionary's wife you must—shall be. You shall be mine: I claim you—not for my pleasure, but for my Sovereign's service' (BRONTË, 2001, p. 343)<sup>65</sup>.

Conforme St. John sobrecarrega Jane com as manipulações através da religião para que se case com ele, Jane passa a ficar impaciente e a sentir-se extremamente pressionada, pois

---

<sup>64</sup> “[...] Rosamond, uma sofredora, uma trabalhadora, um apóstolo mulher? Rosamond, a esposa de um missionário? Não!

– Mas o senhor não precisa se tornar um missionário. Pode abrir mão disso.

– Abrir mão? Renunciar à minha vocação? Desistir da grande obra da minha vida? Das fundações que farei na terra para erguer minha mansão no céu? Desistir da esperança de entrar para o rol daqueles que renunciam a todas as ambições pela glória de melhorar a vida dos seus semelhantes... de levar os conhecimentos ao reino da ignorância... de substituir a guerra pela paz... o cativo pela liberdade... a superstição pela religião... o temor do inferno pela esperança do céu? Devo renunciar a tudo isso? Isso me é mais caro do que o sangue que corre nas minhas veias. É isso que tenho que buscar, é para isso que devo viver” (BRONTË, 2010, p. 213).

<sup>65</sup> “– Oh, St. John! – exclamei. – Tenha um pouco de piedade!

Eu apelava a alguém que, para cumprir o que acreditava ser o seu dever, não conhecia piedade nem remorso. Ele prosseguiu: – Tanto Deus quanto a natureza a criaram para esposa de um missionário. Recebeu os dons da mente, não do corpo: foi talhada para o trabalho, não para o amor. Pode ser a esposa de um missionário... deve ser. Deve ser minha esposa: eu lhe peço... Não para o meu prazer, mas para o serviço do meu Soberano” (BRONTË, 2010, p. 228).

aquilo que começou como um pedido, havia se transformado em uma chantagem emocional, uma ordem. Chega ao ponto em que Jane implora por piedade da parte de John, e este procura convencê-la de uma forma patriarcal, informando-a que ela não foi talhada para o amor, algo que ela tanto busca, mas sim para o labor, para a ocupação que este intenciona a ela: que se torne sua esposa e o auxilie na Índia, mesmo em um casamento sem amor, pois o que interessa a St. John é a vida pós-morte e não a vida na Terra que é feita de desejos e pecados.

[...] the disappointment of an austere and despotic nature, which has met resistance where it expected submission— the disapprobation of a cool, inflexible judgment, which has detected in another feelings and views in which it has no power to sympathise: in short, as a man, he would have wished to coerce me into obedience: it was only as a sincere Christian he bore so patiently with my perversity, and allowed so long a space for reflection and repentance (BRONTË, 2001, p. 349)<sup>66</sup>.

Jane reflete sobre as palavras que dirigiu a St. John em um momento de extrema pressão, embora tenha sido rígida com ele, sabia que era necessário para que ele parasse de importuná-la e pressioná-la a aceitar, sendo que Jane já havia informado diversas vezes que não tinha interesse. Jane percebe que seu primo esperava uma submissão totalmente passiva, uma moça que não o questionasse e que se contentasse com qualquer oportunidade que lhe fosse ofertada.

He did not leave for Cambridge the next day, as he had said he would. He deferred his departure a whole week; and during that time he made me feel what severe punishment a good, yet stern, a conscientious, yet implacable man can inflict on one who has offended him. Without one overt act of hostility, one upbraiding word, he contrived to impress me momentarily with the conviction that I was put beyond the pale of his favour (BRONTË, 2001, p. 349)<sup>67</sup>.

O trecho acima encerra essa seção de insistência e pressão exercida por St. John, Jane informa que o mesmo mentiu para ela quando a informou que viajaria por alguns dias e iria deixá-la a sós para pensar melhor na oferta. No entanto, este adiou a viagem em sete dias e permaneceu em casa, atormentando-a de maneira passiva, com pequenos olhares e gestos que a fizeram sentir como se ele estivesse se vingando dela pelas palavras de oposição ao

---

<sup>66</sup> “[...] o desapontamento de uma natureza austera e despótica, que encontrara resistência onde esperava submissão; a desaprovação de um juízo frio e inflexível, que descobrira no outro sentimentos e pontos de vista com os quais não podia simpatizar. Em suma: como homem desejava coagir-me à obediência. Era apenas como um cristão sincero que ele suportou tão pacientemente a minha perversão, e me permitiu tão longo espaço para reflexão e arrependimento” (BRONTË, 2010, p. 232).

<sup>67</sup> “Ele não partiu para Cambridge no dia seguinte, como dissera. Adiou a partida por uma semana inteira, e nesse período me fez sentir que duro castigo um homem bom, porém severo, consciencioso, mas implacável, podia infligir a quem o ofendesse. Sem um ato de hostilidade aberta, sem uma palavra de censura, ele conseguiu imprimir em mim, progressivamente, a convicção de que estava excluída do pálio da sua generosidade” (BRONTË, 2010, p. 233).

casamento. Como fora explicado acima, ele esperava resignação, submissão, uma facilidade em convencê-la, no entanto, o período que Jane passou com Rochester a modificou drasticamente. Jane sabia que era capaz de ser amada como nunca havia sonhado na vida. Jane não se sentia mais órfã de afeto, de carinho, embora tivesse abandonado Rochester, em virtude de Bertha.

Meantime, let me ask myself one question—Which is better?—To have surrendered to temptation; listened to passion; made no painful effort—no struggle;—but to have sunk down in the silken snare; fallen asleep on the flowers covering it; wakened in a southern clime, amongst the luxuries of a pleasure villa: to have been now living in France, Mr. Rochester's mistress; delirious with his love half my time—for he would—oh, yes, he would have loved me well for a while. He *did* love me—no one will ever love me so again. [...] He was fond and proud of me—it is what no man besides will ever be.—But where am I wandering, and what am I saying; and, above all, feeling? Whether is it better, I ask, to be a slave in a fool's paradise at Marseilles—fevered with delusive bliss one hour—suffocating with the bitter tears of remorse and shame the next—or to be a village schoolmistress, free and honest, in a breezy mountain nook in the healthy heart of England? Yes; I feel now that I was right when I adhered to principle and law, and scorned and crushed the insane promptings of a frenzied moment. God directed me to a correct choice: I thank His providence for the guidance (BRONTË, 2001, p. 306-307)<sup>68</sup>.

Para finalizar esta parte da análise, temos este último excerto da obra que denota a reflexão feita por Jane diante de uma de suas maiores provas de caráter com as quais se deparou na vida. Certamente foi uma questão difícil, ter que se separar de quem ama para que pudesse manter sua dignidade. No trecho acima, Jane explica perfeitamente ao leitor e a si mesma qual decisão realmente foi a melhor para sua vida. Como o sentimento não desaparece com um simples obstáculo, por mais que eterno, Jane ainda sentia seu grande amor por Rochester, mas precisava se convencer de alguma maneira de que poderia viver sem ele. Afinal, já havia passado por situações horrendas, de verdadeira barbárie, antes de conhecê-lo. Deveria Jane ter escutado seu coração, se rendido a paixão por Rochester e ficado junto dele? Ela corria o risco de se tornar como a mãe de Adèle, uma prostituta morando isolada na França, longe dele, visto que a lei vigente não permitia adultério nem divórcio por qualquer motivo que não este. Porém,

---

<sup>68</sup> “Nesse meio tempo, faça-me uma indagação. O que teria sido melhor? Ter cedido à tentação, dado ouvidos à paixão, não ter feito esforços penosos, evitado a luta... ter me deixado capturar numa armadilha dourada, dormir nas flores que a cobrem e acordar num clima ameno, entre os luxos de uma casa no sul da França como amante de Mr. Rochester. Delirado com o seu amor por um bom tempo... Sim, porque ele teria me amado por muito tempo. Ele me *amou*... como ninguém jamais me amará outra vez. Nunca mais desfrutarei da doce homenagem prestada à beleza, à juventude e à graça, pois a ninguém mais parecerei possuidora desses encantos. Ele me tinha afeto e se orgulhava de mim... coisa que nenhum outro homem jamais fará. Mas o que estou imaginando, o que estou dizendo, e sobretudo o que estou sentindo? Devo na verdade me perguntar se é melhor ser escrava num paraíso em Marselha – encantada com a ventura de um momento, sufocada pelas lágrimas amargas do remorso e da vergonha no momento seguinte – ou ser uma professora de aldeia, livre e honesta, num saudável refúgio entre as montanhas no coração da Inglaterra? Senti então que estava certa quando escolhi os princípios e as normas e repudiei e esmaguei os insanos impulsos de um delírio momentâneo. Deus me conduziu para o caminho correto – e como sou grata à Ele por ter me guiado!” (BRONTË, 2010, p. 205).

Bertha não estava traindo seu esposo durante estes anos, estava gravemente doente. Jane reconhece que foi amada como nunca mais será na vida, que ela julga não existir alguém igual ou melhor a ele. Ela refere-se a traços importantes, como o orgulho que Rochester sentia dela, por ela ser do jeito que é, curiosa, inteligente, culta. Porém, Jane sabe que com o passar do tempo, se tornaria uma prostituta particular, em um paraíso bobo, aproveitando o conforto que este poderia lhe dar, porém, sofrendo com a vergonha de sua posição e com o remorso de ter se sujeitado a isso. É compreensível que agindo dessa forma, todo o orgulho que Rochester possui pelo caráter de Jane, poderá desaparecer com o tempo, e inclusive se transformar em desgosto. Visto que a verdadeira Jane, jamais se sujeitaria a uma situação destas, pois ela é honesta, íntegra, já havia provado do amargor e do ódio que a vida às vezes nos apresenta. Jane passou por humilhações e privações demais, tanto físicas quanto emocionais, para se rebaixar desta forma, continuando uma mulher ilegal, excluída, humilhada por onde quer que fosse. Mais ao final do trecho, Jane afirma que certamente fez a escolha certa, pois possui seu emprego, sua escola, suas alunas, e vive uma vida livre, honesta, onde pode exercer uma função que com certeza, melhorará o mundo. Pelo menos o mundo daquelas crianças que não tinham acesso algum a nenhum conhecimento. Porém, Jane não reconhece que foi ela quem tomou esta difícil decisão, ela agradece a Deus por sua divina providência (PALHARES; SQUINCA, 2013).



### 3 A TRAJETÓRIA DE JANE EYRE

#### 3.1 TECENDO A IDENTIDADE DE JANE

Neste subcapítulo, procuro esboçar como ocorre o desenvolvimento da identidade de Jane, que faz parte de seu ser e como a minha leitura percebe esta personagem. Observamos que no *bildungsroman* há a história de uma protagonista heroína, no caso, Jane Eyre. Ao analisar a identidade de um personagem partimos da ficção em busca das situações que moldaram o que este personagem representa, em um tempo e espaço específicos. As narrativas – ainda que ficcionais – são muito parecidas com histórias reais. Como se fosse um mapa ou um manual, auxiliando a compreender o ser humano e sua existência (COMPAGNON, 2014). Partindo deste pensamento, o homem tem a necessidade de repetir e errar, até que repete e acerta, ou seja, é através da representação logo nos anos iniciais que o indivíduo aprende a imitar e repetir os gestos dos demais ao redor de si. Assim, desenvolve suas capacidades físicas e mentais.

Na abordagem de Piaget, é pela evolução da imitação e do jogo, duas relações próprias entre a assimilação e a acomodação, que se constrói a representação. A representação para Piaget, no sentido restrito, é a reunião de um significante e de um significado e produto da interiorização gradativa da ação. Fica problemático explicar, entretanto, o isomorfismo que o sujeito introduz entre o seu comportamento e o do modelo, sem fazer uso de algum tipo de representação (MOURA; RIBAS, 2002, p. 209).

É por meio da representação que o ser humano aprende a acertar, com o propósito de satisfazer seus desejos e necessidades mais básicas e alcançar seus objetivos. A literatura nada mais é também, que uma representação da experiência humana através de, por exemplo: narrativas ficcionais, (auto)biográficas, o lirismo como veneração dos grandes heróis e seus feitos, relatos de testemunho, etc. Ao conhecermos o valor da representação como degrau na evolução do homem, percebemos que se faz necessária a presença de um Outro, e esse Outro despertará em nós fatos que não havíamos percebido antes. É através do conflito entre o Outro e Eu, que posso reconhecer como me comporto e quais as consequências das minhas atitudes, uma vez que nós dois dividimos as mesmas regras de existência, mesmo que em espaços/tempos diferentes. É por interagir com o Outro que se inicia um discurso, mesmo que não-verbal, formador de sentido, um “ato de presentificação” (LANDOWSKI, 2002, p. 10).

É justamente através desses conceitos que se torna possível perceber o que acontece com Jane na infância e adolescência. Ela convive com adultos que a rechaçam e com três primos que em nada se parecem com ela. Logo, Jane desenvolve uma carência muito grande de afeto,

amizade, confiança, parceria, um laço que a fizesse sentir-se aceita, parte de algo, parte de um todo. No entanto, Jane não possui laço com nenhum dos primos, pois a mando da mãe deles, Mrs Reed, as crianças também maltratam Jane, com a ilusão de serem agraciados pela mãe se o fizerem. Ao excluir o outro, passamos a representar o oposto, por exemplo, as crianças excluem e maltratam Jane, xingando-a constantemente de órfã, de pobre, e que irá para o inferno; se posicionam então como o oposto de tudo isso.

'You ought to be aware, Miss, that you are under obligations to Mrs. Reed: she keeps you: if she were to turn you off, you would have to go to the poorhouse.' I had nothing to say to these words: they were not new to me: my very first recollections of existence included hints of the same kind. This reproach of my dependence had become a vague sing-song in my ear; very painful and crushing, but only half intelligible. Miss Abbot joined in:—'And you ought not to think yourself on an equality with the Misses Reed and Master Reed, because Missis kindly allows you to be brought up with them. They will have a great deal of money, and you will have none: it is your place to be humble, and to try to make yourself agreeable to them' (BRONTË, 2001, p. 10)<sup>69</sup>.

No trecho acima podemos perceber quando Bessie, uma das criadas da casa, relembra Jane que ela tem obrigações com sua tia Mrs Reed, pois esta decidiu cuidar da menina. Como assim? Quem deveria ter certas obrigações não é a tia, visto que ela praticamente adotou a menina? A tia deveria cuidar, fornecer um lar decente, alimentação, educação e cuidados essenciais, como ela fornece aos filhos. No entanto, Jane se encontra em uma hierarquia ainda mais baixa que as criadas da casa. Em seguida ela é lembrada do quão pequena e indesejada ela é neste local, afirma já estar acostumada desde que tem consciência de si mesma. Logo, a outra criada, Abbot, une-se a Bessie para lembrar Jane de seu lugar.

A tia, os primos e inclusive as criadas apontam a orfandade de Jane, a rejeitam e a percebem como se fosse apenas algo passageiro, como se no futuro ela fosse servir à tia também, quem sabe se tornar uma criada na casa. Ela é rejeitada constantemente, não recebe afeto nem mesmo é defendida por ninguém. E como punição, ainda é trancada dentro do quarto onde seu tio morreu, quarto que ninguém tem coragem de entrar. É muito fácil de perceber que a tia só acolheu Jane para cumprir com o pedido do marido que se encontrava em seu leito de morte.

---

<sup>69</sup> “Bessie não respondeu, mas olhou-me longamente antes de se dirigir a mim. Então disse: – Fique ciente, Miss Eyre, de que tem obrigações para com Mrs. Reed. É ela que a mantém. Se chegar a mandá-la embora daqui, você teria que ir para o asilo. Eu não tinha nada a dizer sobre essas palavras, nem representavam novidade para mim. Minhas mais remotas recordações incluíam insinuações do mesmo tipo. Essa acusação de dependência se tornara uma vaga cantilena em meus ouvidos: muito dolorosa e opressiva, mas apenas meio inteligível. Miss Abbot acrescentou: – E não ouse pensar que é igual às meninas Reed ou ao jovem Mr. Reed, só porque a senhora bondosamente permitiu que fosse criada junto com eles. Eles terão muito dinheiro e você não vai ter nenhum. É sua obrigação ser humilde e tentar tornar-se agradável para eles” (BRONTË, 2010, p. 10).



Jane, assim como toda criança, necessita de um lar estável, estruturado, organizado. Ao ser excluída pela tia – que representaria a sua figura materna – Jane perde seu lugar no mundo. Nas palavras de Gubar e Gilbert (1980, p. 339), Jane era “Excluded from the Reed family group in the drawing room because she is not a “contented, happy, little child” – excluded, that is, from “normal” society”<sup>70</sup>. Isto é, a família de Jane, Mrs Reed e seus primos, John, Eliza e Georgiana, representavam a sociedade como um todo, pois eram ditos como “normais”. Jane não se encaixava com seus gostos e seus costumes. Era uma criança diferente, que desde jovem era isolada, e assim acabou ficando até a idade adulta.

Tanto é que a menina sente uma grande felicidade ao ser levada para a “escola”. Lá, Jane encontra a si mesma, pois conhece outras meninas que como ela, não possuíam um lar e/ou também foram expulsas de onde moravam. Jane havia sido expulsa, pois sua tia a enviou para um asilo de crianças órfãs e a proibiu de retornar para a casa mesmo em período de férias. Embora Jane possuísse uma família, fora tratada a vida inteira como alguém sem lar, sem nome, sem identidade. É importante mencionar aqui, que pouco antes de ser transferida para a instituição (o asilo Lowood), Jane ficou acamada por semanas, sem uma doença identificada, porém, extremamente debilitada, fraca e febril. Isso ocorreu pois fora colocada no quarto vermelho com frequência, onde permanecia por horas a fio, dormindo no frio e com fome. Isso afeta severamente Jane, que não constrói bases familiares para conduzir sua vida adulta. Durante o estado febril em que se encontrava, Jane sentia que poderia morrer, pois não possuía o amor de nenhuma pessoa, sentia-se abandonada e não havia nada que pudesse prendê-la no mundo. Para Silva e Silva (2017, p. 89) a família:

[...] é um fator que determina o desenvolvimento do indivíduo e exerce sobre ele uma forte influência, desde a infância até a vida adulta, e é responsável pelos primeiros contatos afetuosos. É na família que se encontra todo o referencial de costumes, crenças e valores [...] em que a criança inicia sua jornada de vida e evolui de um estado de intensa dependência para uma condição de autonomia pessoal (SILVA; SILVA, 2017, p. 89).

É na instituição que Jane consegue desenvolver suas habilidades e descobrir mais a respeito de si mesma, pois entra em contato com outras meninas que sofreram o mesmo que ela. Partilham histórias de vida, sentimentos, desejos e sonhos semelhantes. Ao ser exposta à mesma realidade, diante das outras colegas, Jane consegue desenvolver habilidades de convívio social, obedecer às normas, cultivar reflexão crítica, empatia, tudo que fosse necessário para

---

<sup>70</sup> “Era excluída da família Reed, no quarto de desenho, porque ela não era uma “contida e feliz pequena criancinha” – excluída, na verdade, da sociedade “padrão” (tradução nossa).

viver em sociedade. E Jane consegue se tornar uma mulher autônoma, reflexiva, confiante e funcional para a sociedade através das representações realizadas quando criança.

Há três etapas importantes e que se fazem necessárias ao estar na presença do Outro: identificação, presentificação e representação. Ou seja, na primeira delas, o Outro é aquele diferente de nós, o “estrangeiro”, como Landowski (2002) delimita. O Outro está diante de nós, no mesmo ambiente, e eis que surge o primeiro conflito: enfrentar esse ser diferente, com suas práticas culturais, religiosas, linguísticas, que pode nos provocar tanto fascínio quanto horror, pois para este, o Outro está representado em minha pessoa. No caso de Jane e sua primeira (e mais importante) amizade, Helen, a primeira é a Outra, quando chega em Lowood. Jane é a estranha, até ser inserida e aceita no grupo. Para evidenciar melhor o que está sendo dito, abordarei um longo trecho de uma das situações em que Jane foi humilhada em Lowood.

'A careless girl!' said Mr. Brocklehurst [...] 'Let the child who broke her slate, come forward!' [...] I was paralysed: but the two great girls who sat on each side of me, set me on my legs and pushed me towards the dread judge, and then Miss Temple gently assisted me to his very feet, and I caught her whispered counsel,— 'Don't be afraid, Jane, I saw it was an accident; you shall not be punished.'  
 [...] and an impulse of fury against Reed, Brocklehurst, and Co. bounded in my pulses at the conviction. I was no Helen Burns. 'Fetch that stool,' said Mr. Brocklehurst [...]. 'Place the child upon it.'  
 [...] I was in no condition to note particulars: I was only aware that they had hoisted me up to the height of Mr. Brocklehurst's nose, that he was within a yard of me [...]. Mr. Brocklehurst hemmed. 'Ladies,' said he, turning to his family; 'Miss Temple, teachers, and children, you all see this girl?' [...]  
 'You see she is yet young; you observe she possesses the ordinary form of childhood; God has graciously given her the shape that he has given to all of us; no signal deformity points her out as a marked character. Who would think that the Evil One had already found a servant and agent in her? Yet such, I grieve to say, is the case.'  
 A pause—in which I began to steady the palsy of my nerves, and to feel that the Rubicon<sup>71</sup> was passed and that the trial, no longer to be shirked, must be firmly sustained (BRONTË, 2001, p. 55-56)<sup>72</sup>.

<sup>71</sup> \*Nota da edição: “She has made an irrevocable decision such as Julius Caesar took by crossing this boundary of Italy in a military campaign” (BRONTË, 2001, p. 55).

\*Tradução minha: “Ela tomou uma decisão irrevogável assim como fez Júlio César ao atravessar a fronteira da Itália em uma campanha militar.”

<sup>72</sup> “– Menina descuidada! – disse Mr. Brocklehurst [...] – Deixem a menina que quebrou o ábaco vir até a frente! [...] Eu não conseguiria me mexer, se dependesse da minha vontade. Estava paralisada. Mas as duas meninas que sentavam nos meus lados puseram-me de pé e me empurraram na direção do terrível juiz. Miss Temple, então, gentilmente me auxiliou a chegar aos pés dele, e ouvi suas palavras sussurradas: – Não tenha medo, Jane, eu vi que foi um acidente. Você não será punida. [...] E um impulso de fúria contra Reed, Brocklehurst e Cia. latejou nas minhas veias, ante essa convicção. Eu não era Helen Burns.

– Tragam aquele tamborete! – disse Mr. Brocklehurst [...]  
 – Coloquem a menina sobre ele. [...]

Não estava em condições de perceber detalhes, só sei que fui alçada até a altura do nariz de Mr. Brocklehurst, que estava a um metro de distância. [...]

Mr. Brocklehurst pigarreou.

– Senhoras – disse ele, dirigindo-se à família. – Miss Temple, professoras e alunas, vocês estão vendo essa menina? [...] – Observem que ela ainda é uma criança. Vejam que possui a forma de uma criança normal. Deus graciosamente lhe deu a mesma forma que deu a todos nós. Nenhum sinal denuncia que é um caráter marcado. Quem poderia dizer que o próprio demônio achou nela uma seguidora e agente? Todavia, lamento dizer, essa é a

São fragmentos longos que demandam uma grande atenção nesta pesquisa em virtude da seleção de palavras escolhidas por Brontë ao interpretar a fala de heroína vitoriana, Jane. Na segunda linha, Jane afirma estar paralisada, o leitor pode inferir que é de medo, algo comum em uma criança que se encontra nesta situação. É importante abordar os conceitos de coragem e covardia, algo que se fala muito nos dias de hoje, principalmente nos grupos feministas. A vítima jamais deve se sentir humilhada ou inferiorizada por não ter tido forças para fugir da situação ou resistir a ela, pois geralmente toda resistência irá gerar sofrimento assim como machucados psicológicos ou físicos. Não se trata de uma questão de coragem ou covardia, é covarde o perpetrador destes atos monstruosos contra crianças que são frágeis fisicamente e necessitam de apoio e afeto. Ao abordarmos o medo que Jane sente, percebemos como o trauma estará presente em sua vida por um tempo indeterminado, sabemos que não se trata de falta de coragem, mas sim de temor. O medo é paralisante, ele impede que as pessoas consigam reagir em inúmeras situações distintas. Inclusive, o medo atua como forma de sobrevivência, é um instinto do corpo humano informando para não se mover, não continuar, em virtude de um perigo iminente que coloque a vida da pessoa em risco. Continuando, o diretor afirma que ela possui o corpo físico igual ao de todo mundo, que Deus lhe fez assim, sem nenhuma marca aparente que possa denunciar seu mau caráter, ou seja, isto revela alguns dos preconceitos da época. Por exemplo, pessoas deformadas, com marcas de nascimento, poderiam ser interpretadas de maneira supersticiosa, característica forte do romance, inclusive. Encerrando parte de seu discurso, o diretor afirma que o “Próprio Mal” encontrou uma agente devota em Jane, ou seja, que ela estaria atuando em favor do Diabo.

'My dear children,' pursued the black marble clergyman, with pathos<sup>73</sup>, 'this is a sad, a melancholy occasion; for it becomes my duty to warn you, that this girl, who might be one of God's own lambs, is a little castaway: not a member of the true flock, but evidently an interloper and an alien. You must be on your guard against her; you must shun her example: if necessary, avoid her company, exclude her from your sports, and shut her out from your converse. Teachers, you must watch her: keep your eyes on her movements, weigh well her words, scrutinise her actions, punish her body to save her soul: if, indeed, such salvation be possible, for (my tongue falters while I tell it) this girl, this child, the native of a Christian land, worse than many a little heathen who says its prayers to Brahma and kneels before Juggernaut<sup>74</sup>—this girl is—a liar!'

---

verdade.'

Uma pausa. Comecei a conter a paralisia dos meus nervos, e a sentir que passara o Rubicão. E que o julgamento, não podendo mais ser evitado, devia ser firmemente enfrentado” (BRONTË, 2010, p. 40-41).

<sup>73</sup> Pathos: Palavra que deriva do grego e significa sofrimento, afeto, compaixão.

<sup>74</sup> “Referring to shibboleths of Hindu worship Brocklehurst is denigrating Jane by holding her to be of less worth than a polytheistic Hindu. To many English, worship of Brahma and Jagannatha (Juggernaut) were the worst aspects of Hindu worship” (“Referindo-se aos xiboletes<sup>1</sup> (do hebraico *shibōleth*) da adoração hindu, Brocklehurst está denegrindo Jane, dizendo que ela vale menos que um hindu politeísta. Para muitos ingleses, a adoração a Brahma e Jagannatha (Juggernaut) eram os piores aspectos da adoração hindu” (BRONTË, 2001, p. 55, tradução nossa).

Now came a pause of ten minutes; during which I, by this time in perfect possession of my wits, observed all the female Brocklehursts' [...] (BRONTË, 2001, p. 56)<sup>75</sup>.

Já neste segundo trecho, Jane começa relatando como o diretor se comportava diante dela e de todos, como um verdadeiro juiz, coisa que ele não era. A palavra utilizada por Brontë, *pathos*, implica que o “juiz” buscava convencer o seu “júri” através da compaixão e do sofrimento. Podemos inferir que a cena toda, além de tirana e severa, tinha a função de teatro para o diretor, pois este queria ganhar a atenção e a concordância de todos. Seguindo, Brocklehurst inicia um tipo de discurso fundamental para esta análise, informa a todos que, apesar de Jane ser uma das ovelhas do Senhor, ela é como a ovelha desertora do rebanho, chamando-a de naufragada, alienígena, forasteira. O discurso do diretor faz com que se observe que apesar de ele ser um homem que se diz justo, correto, ele já desistiu da menina. Ele informa que é dever dele alertar a todos para evitar a companhia dela, evitar ficar perto dela, excluir dos jogos e esportes e, ao mesmo tempo, observá-la e vigiá-la com cuidado. E uma das frases mais importantes dele: punir o corpo dela para salvar sua alma. Aqui há a justificativa para qualquer tortura física. Indicando aos professores que podem agir dessa maneira se quiserem salvar a alma de Jane. Continua durante o discurso humilhando e diminuindo Jane, é muito difícil que Jane fosse conseguir reagir diante desta situação. E é ainda uma covardia maior por parte do leitor exigir coragem da protagonista numa situação dessas.

Mr. Brocklehurst resumed.

"This I learned from her benefactress; from the pious and charitable lady who adopted her in her orphan state, reared her as her own daughter, and whose kindness, whose generosity the unhappy girl repaid by an ingratitude so bad, so dreadful, that at last her excellent patroness was obliged to separate her from her own young ones, fearful lest her vicious example should contaminate their purity: she has sent her here to be healed, even as the Jews of old sent their diseased to the troubled pool of Bethesda"<sup>76</sup>;

<sup>1</sup> Xibolete: é uma forma diferente de pronunciar as palavras que serve para identificar um grupo específico de pessoas.

<sup>75</sup> “– Minhas queridas crianças – prosseguiu, patético, o clérigo de mármore negro – esta é uma ocasião triste e melancólica! É minha obrigação prevenir-vos que essa menina, que devia ser uma das ovelhas do Senhor, é uma pequena pária. Não é um membro do verdadeiro rebanho, mas uma intrusa, uma forasteira. Deveis ficar em guarda contra ela, deveis evitar o seu exemplo, evitar até mesmo a sua companhia. Deveis excluí-la das vossas brincadeiras e bani-la das vossas conversas. Professoras, deveis observá-la, vigiar os seus movimentos, pesar as suas palavras, examinar minuciosamente as suas ações, punir seu corpo para salvar sua alma! Se esta salvação for realmente possível, pois (meus lábios tremem ao dizer isso) esta menina, esta criança, esta nativa da terra cristã, é pior do que muitos pagãos que dirigem suas preces a Brahma e se ajoelham diante de Juggernaut. Esta menina, senhoras, é uma mentirosa!

Então houve uma pausa de dez minutos, durante a qual eu, a esta altura em pleno domínio das minhas faculdades, observei todas as damas da família Brocklehurst [...]” (BRONTË, 2010, p.41)

<sup>76</sup> “As with other of his biblical references, Brocklehurst's words may have a double edge. Like the Jerusalem sheep-market pool, Bethesda, Lowood has "a great multitude of impotent folk, of blind, halt, withered, waiting for the moving of the water"; there, going against Sabbatarian strictures, Christ healed a man who had suffered for thirty-eight years (John 5.2ff.)” (“Como em outras referências bíblicas de Brocklehurst, as palavras do diretor podem ter um duplo sentido. Como a piscina próxima do mercado de ovelhas de Jerusalém, Bethesda, o asilo

and teachers, superintendent, I beg of you not to allow the waters to stagnate round her.

With this sublime conclusion, Mr. Brocklehurst adjusted the top button of his surtout, muttered something to his family, who rose, bowed to Miss Temple, and then all the great people sailed in state from the room (BRONTË, 2001, p. 56-57)<sup>77</sup>.

Este último fragmento que encerra esta cena dramática de Brocklehurst causa revolta no leitor, ao afirmar que Mrs Reed seria a querida e gentil cuidadora, tia de Jane, que necessitou afastar a menina de casa a fim de proteger seus filhos. Relembrando que o diretor já havia visitado Jane antes, e havia considerado-a uma menina muito má, dissimulada e invejosa com relação aos filhos de Mrs Reed. Jane agiu com resistência no dia que recebeu a visita do diretor, pois ainda não conhecia seu caráter. Agora que conhecia, já havendo inclusive sido castigada e humilhada na frente de todos, Jane foi tomada pelo medo e pelo horror do que estava acontecendo. O diretor também costumava usar diversas referências xenofóbicas em direção aos hindus e aos judeus, fazendo menções de locais citados na bíblia, no Novo Testamento, a piscina de Bethesda, onde Jesus curou um homem com deficiência física. Ao término do fragmento, o leitor se delicia com as palavras bem colocadas de Brontë, ao “elogiar” o discurso do diretor, chamando de “sublime”, assim como satiriza as personalidades dele e de sua família, chamando-os de “ótimas pessoas”. Certamente deve ser mencionado aqui que a própria Jane se torna uma mulher bastante xenofóbica, ou seja, nossa heroína não será perfeita e imaculada, sem falhas. Desde jovem ela já demonstrava certo preconceito com relação às classes pobres da sociedade; ao crescer ela tem uma opinião completamente diferente, porém ainda nutre certo desprezo pelos franceses.

Brantlinger demonstrates how racial stereotypes, as depicted in the Victorian novel, formed an important part of Victorian thinking about national identity. From the Saxon racial stereotypes of Walter Scott's historical romances, through Jewish characters [...] and racially exotic figures in adventure tales such as Rider Haggard's *King Solomon's Mines* (1885), all, indeed, is race. Racism, Brantlinger concludes, is

---

Lowood tem "uma vasta multidão de pessoas impotentes, cegas, presas, intimidadas, esperando o movimento da água"; ali, contrariando as regras do sabbatismo, Cristo curou um homem que sofrera por trinta e oito anos (5º Capítulo do Evangelho de João, do Novo Testamento)" (BRONTË, 2001, p. 57, tradução nossa).

<sup>77</sup> "Mr. Brocklehurst retomou o discurso.

– Soube disso pela sua benfeitora. A senhora caridosa e devota que a adotou quando ficou órfã, e a criou como sua própria filha. Essa bondade, essa generosidade, a infeliz menina pagou com uma ingratidão tão tenebrosa, tão terrível, que ao fim a sua benfeitora foi obrigada a separá-la de seus próprios filhos, temerosa de que seu mau exemplo contaminasse a pureza deles. Ela veio para cá para ser curada, assim como os antigos judeus mandavam seus doentes para o turbulento poço de Bethesda. E vós, professoras e superintendente, peço-vos que não permitam que as águas fiquem estagnadas em volta dela.

Com esta sublime conclusão, Mr. Brocklehurst ajustou o botão da gola do sobretudo e murmurou alguma coisa para sua família, que se levantou, fez uma reverência para Miss Temple – e então essas altas personagens saíram da sala em cortejo" (BRONTË, 2010, p. 41).

"likely to remain an influential aspect of human cultures well into the future" (DAVID, 2005, p. 13)<sup>78</sup>.

Na citação acima, dos estudos que Deirdre David (2005) resumiu, o pesquisador Brantlinger reduz os romances vitorianos em questões raciais, isso devido a grande xenofobia e ao racismo presente nesses romances. *Jane Eyre* é um dos romances do período que menos demonstram isso, e ainda assim seria possível fazer pelo menos cinco citações dentro da obra. O autor também aponta o porquê desta forma de pensar e agir contra imigrantes e povos diferentes dos ingleses: teria relação com o conceito que os ingleses têm a respeito da identidade nacional. Conclui que este assunto ainda será presente e influente no futuro, algo que ainda vemos hoje.

Partindo disto, como o outro deve ser inserido no grupo do qual deseja fazer parte? Como este grupo – sendo a referência dos valores morais sociais – se portará diante do diferente, do estranho, do “não-eu”? E assim, Jane deve buscar uma forma de assimilar parte do grupo e este, por sua vez, assimilá-la, ambos perdendo e trocando valores, como forma de lidar com essa alteridade provocada ao entrar em contato com o Outro (impessoal) (LANDOWSKI, 2002).

A questão fundamental é, portanto, compreender que o encontro das alteridades não se dá numa dimensão que exclua a facticidade histórica ou a concretude cotidiana; o encontro ocorre entre eu e tu, em mim e em ti, e no momento em que ocorre, não deixamos de existir factualmente; não nos transmudamos para uma dimensão hiper-humana, mas existimos no aqui e agora intensos, num presente em que ambos nos presentificamos numa atitude de reconhecimento, na qual cada um é arrancado da “impessoalidade” e deixa de ser para o outro, a multidão inumerável que o envolve e o invade sem, no entanto, ser-com na partilha do instante (MORAES, 2001, p. 61-62).

O estranho, o excluído, passa a ser o fator principal no processo de identificação do eu, não mais o “gringo” será apenas excluído do grande grupo, mas sim, assimilado. De preferência que abandone seus traços culturais mais extravagantes, não causando um desconforto geral para o grupo que o assimilou, nem que ameace de substituir o grupo já existente. O mistério desse “imigrante” passa a ser inclusive, motivo de curiosidade geral e “atração visual”, quase como um espetáculo, pois é exótico, desde que não modifique drasticamente nem repentinamente, os costumes do grupo maior (LANDOWSKI, 2002). É através do ato de viajar e sair da “zona de

---

<sup>78</sup> “Brantlinger demonstra como os estereótipos raciais, conforme retratados no romance vitoriano, formaram uma parte importante do pensamento vitoriano sobre a identidade nacional. Dos estereótipos raciais saxões dos romances históricos de Walter Scott, passando por personagens judeus [...] e figuras racialmente exóticas em contos de aventura, como as *Minas do rei Salomão* de Rider Haggard (1885), tudo, de fato, é raça. Brantlinger conclui que o racismo “provavelmente continuará sendo um aspecto influente das culturas humanas no futuro” (DAVID, 2005, p. 13, tradução nossa).

conforto” em que nos inserimos constantemente, que passamos a assumir a posição do Outro, o lugar de estranho. Passamos a ser minoria, leigos dos costumes locais, inclusive encontrando barreiras linguísticas, ficando à mercê da empatia do grande grupo.

Porém, nessa assimilação, o “estrangeiro” sofre com a possibilidade de perder parte de si mesmo, e isso também funciona para o grupo que o acolhe, há uma troca quase impossível de controlar. Existindo ainda uma outra opção, que é a da exclusão de tudo que é diferente e exótico, não aceitando o Outro, o grande grupo é o responsável por criar essa diferença e acentuá-la de maneira negativa, ao enxergar o outro como uma ameaça. O outro passa a ser o “marginal”, excluído do grande grupo, ele se estabelecerá em locais junto de outros Outros, geralmente nas periferias das cidades, onde permanecem as minorias segregadas, como travestis, prostitutas, imigrantes ilegais. O grande grupo é, muitas vezes, incapaz de assimilar, incapaz de ver o Outro como “todo mundo”, de se colocar no lugar dele (LANDOWSKI, 2002, p. 17).

O outro, porém, não é apenas o dessemelhante – o estrangeiro, o marginal, o excluído – cuja presença presumivelmente incomodaria (por definição), mais ou menos. É também o termo que falta, o complementar indispensável e inacessível, aquele, imaginário ou real, cuja evocação cria em nós a sensação de uma incompletude ou o impulso de um desejo, porque sua *não-presença* atual nos mantém em suspenso ou como que inacabados, na espera de nós mesmos. Como, neste caso, torná-lo presente? Como “existir o outro” e, juntando-se a ele, substituir pela plenitude de uma imediata e total presença o vazio de sua ausência? (LANDOWSKI, 2002, p. 12, grifo do autor).

Ou seja, para a família de Jane, sua tia e primos, a menina é uma estranha, o grupo não aceita Jane na casa e a exclui por isso, os hábitos dela são muito diferentes do esperado, pois ela é questionadora, crítica, aprecia as Artes, diferentemente dos primos que apresentam personalidades fúteis e superficiais. Somado ao fato de que a tia de Jane não queria ter ficado com a menina, apenas o fez a pedido do esposo que estava em seu leito de morte. Jane é excluída por ter suas diferenças acentuadas no grupo onde tentava ser inserida. O grupo é quem salienta essas diferenças por não aceitar Jane como ela é. Nisso, não possui um espaço no lar, pois ela não é bem vinda como membro familiar e nem faz parte dos criados da casa, ela permanece em um “entre-lugar” que não existe e não é permitido, observando o modo parcial e tendencioso de Mrs Reed e seus filhos. Jane possui uma identidade fragmentada uma vez que sofreu grandes privações nas primeiras infâncias, questão que será atenuada em Lowood, Thornfield Hall e Marsh End.

I was a discord in Gateshead Hall; I was like nobody there; I had nothing in harmony with Mrs. Reed or her children, or her chosen vassalage. If they did not love me, in

fact, as little did I love them. They were not bound to regard with affection a thing that could not sympathise with one amongst them; a heterogeneous thing, opposed to them in temperament, in capacity, in propensities; a useless thing, incapable of serving their interest, or adding to their pleasure; a noxious thing, cherishing the germs of indignation at their treatment, of contempt of their judgment. I know that had I been a sanguine, brilliant, careless, exacting, handsome, romping child—though equally dependent and friendless—Mrs. Reed would have endured my presence more complacently; her children would have entertained for me more of the cordiality of fellow-feeling; the servants would have been less prone to make me the scapegoat of the nursery (BRONTË, 2001, p. 12)<sup>79</sup>.

É doloroso começar a leitura deste fragmento acima, Jane reconhece que não era amada nem mesmo tida como um familiar dentro da casa da tia, Mrs Reed. Na terceira linha, Jane explica um dos motivos pelo qual isso acontecia, ela era muito diferente, era alguém com quem eles não conseguiam formar nenhum tipo de laço ou sentimento, nem mesmo ter empatia, pois não reconheciam nela outro ser como eles, outro familiar semelhante, outra criança como Georgiana ou Eliza, suas primas. Jane era alguém oposta a eles em inúmeros sentidos, em talentos, temperamento, gostos, e aparência física. Um dos grandes problemas é Jane se culpar diante desses tratamentos, por um tempo ela acredita ser uma criança repleta de falhas, porém, o erro está na Mrs. Reed que é insensível, fria, calculista, e na maneira como ela (des)educa seus filhos, que seguem seu péssimo exemplo. Jane afirma ser uma “válvula de escape” para as criadas, que se aproveitavam do fato da menina ser maltratada e a abusavam também, assim como sua patroa a fazia com elas. Estas são algumas explicações, mas jamais poderão justificar os maus-tratos que a menina sofreu. Jane está certa de que se tivesse sido uma criança mais despreocupada, linda fisicamente, brilhante, sua tia teria gostado mais dela, seus primos talvez tivessem sido mais amigáveis, e os serviçais não teriam feito ela de “saco de pancadas” para suas amarguras. Jane era uma criança amargurada, agressiva, impulsiva, explosiva, e para isso sim haviam várias justificativas.

Everywoman in a patriarchal society must meet and overcome: oppression (at Gateshead), starvation (at Lowood), madness (at Thornfield), and coldness (at Marsh End). Most important, her confrontation, not with Rochester, but with Rochester’s mad wife Bertha, is the book’s central confrontation, an encounter – like Frances Crimsworth’s fantasy about Lucia – not with her own sexuality but with her own imprisoned “hunger, rebellion, and rage,” a secret dialogue of self and soul on whose

---

<sup>79</sup> “Eu era uma nota dissonante em Gateshead Hall, não me parecia com ninguém ali. Não tinha nada em comum com Mrs. Reed ou seus filhos, ou mesmo com a criadagem predileta. Se eles não me amavam, tampouco eu os amava. Não estavam destinados a sentir afeição por uma coisa que não conseguia atrair-lhes a simpatia; uma coisa heterogênea, oposta a eles em temperamento, capacidades e inclinações; uma coisa inútil, incapaz de servir aos seus interesses ou acrescentar aos seus prazeres; uma coisa nociva, que acalentava em si os germes da indignação contra o tratamento que recebia e do desprezo contra os seus conceitos. Reconheço que se tivesse sido uma criança espontânea, brilhante, descuidada, exigente, bonita e travessa – ainda que sem dinheiro ou amigos – Mrs. Reed teria suportado minha presença com mais complacência. Seus filhos teriam sido companheiros mais cordiais e os criados estariam menos propensos a fazer de mim o bode expiatório entre as crianças” (BRONTË, 2010, p. 12).



outcome, as we shall see, the novel's plot, Rochester's fate, and Jane's coming-of-age all depend (GUBAR; GILBERT, 1980, p. 339)<sup>80</sup>.

Segunda as autoras Gubar e Gilbert (1980), toda mulher acaba sofrendo o que Jane passou durante sua vida até atingir a maioridade, se ela pertencer a uma sociedade patriarcal. Os sofrimentos de Jane durante sua vida correspondem aos sentimentos e ao tipo de privações que uma moça passará em uma sociedade misógina. As autoras citadas abordam o encontro de Jane com Bertha e o significado disso para o romance, Bertha representa não apenas uma louca sem identidade presa em um sótão, mas a própria Jane e sua raiva, sua revolta, sua tristeza, fome, a carência de afeto, de se permitir sexualmente. Todas essas características reprimidas em Jane são representadas e afloradas em Bertha. Assim também vemos como Bertha é tratada, vive presa, e devido a sua loucura nem consegue se alimentar, assim como ninguém consegue chegar até ela sem sair prejudicado. Há inúmeras leituras possíveis de uma profundidade incomensurável para os estudos psicológicos, identitários e de gênero.

Assim havia sido toda a vida de Jane até atingir a idade adulta. Claro que podemos compreendê-la e toda sua revolta, vivendo em uma casa onde ela não é bem-vinda, não é querida, não é amada, nem por tia ou primos, é inferior às próprias criadas. A partir disso entende-se a alegria de Jane ao sair da casa da tia, pois nasce a chance de ser aceita em outro grupo, um que possua membros mais semelhantes a si mesma, onde as chances de ser bem recebida são maiores. Jane acaba encontrando um lugar semelhante à casa de Mrs Reed, porém, com um grupo de excluídas da sociedade que se uniram, que assim como ela, foram levadas para longe, para a “periferia” por assim dizer. Onde não possam ser vistas nem incomodar ninguém, com o prospecto de se tornarem membros funcionais na sociedade.

Nesse quesito, é válido lembrar a não-posição que as preceptoras ocupavam na sociedade nessa época. Elas pertenciam ao lugar ocupado pelo Outro (indesejado). Eram mulheres vistas como um ser de outro mundo na sociedade, pois eram independentes, cultas, em sua maioria políglotas e recebiam um ordenado. Isso era malvisto por inúmeras pessoas, pois à mulher cabiam os afazeres do lar, as necessidades do marido e o cuidado com os filhos. Porém, nas classes média e alta, as mulheres nem sempre sabiam fornecer toda a educação necessária à prole, então nesses casos entrava a preceptora, uma espécie de “Mary Poppins”

---

<sup>80</sup> “Toda mulher em uma sociedade patriarcal deve enfrentar e superar: a opressão (em Gateshead), a fome (em Lowood), a loucura (em Thornfield) e a frieza (em Marsh End). Mais importante, seu confronto, não com Rochester, mas com a esposa louca de Rochester, Bertha, é o confronto central do livro, um encontro – como a fantasia de Frances Crimsworth sobre Lúcia – não com sua própria sexualidade, mas com sua própria "fome, rebelião e raiva", um diálogo secreto entre eu e a alma, de cujos resultados, é o enredo do romance, o destino de Rochester e a maioridade de Jane” (tradução nossa).

que ensinaria Francês, regras de etiqueta e piano para as crianças. No entanto, Gaskell expõe em seu livro biográfico de Charlotte Brontë, um relato dito pela própria autora: “I see more clearly than I have ever done before, that a private governess has no existence, is not considered as a living rational being, except as connected with the wearisome duties she has to fulfil” (GASKELL, 1997, p. 130)<sup>81</sup>.

Surgia um sentimento de inferioridade por parte das donas de casa, que se sentiam rebaixadas por não saber ensinar o necessário aos filhos, sendo requisitada a presença de uma segunda mulher no lar. As preceptoras representavam a mulher independente, culta, algo que não era bem visto. Essas profissionais representavam um grupo excluído, em sua maioria das vezes (MONTEIRO, 1998). Conforme a sociedade assimila o diferente ela se desenvolve, ou seja, a partir dessa mescla entre diferentes culturas há o risco de uniformização do grupo. Podendo se perder a identidade cultural de um determinado local, portanto, certa cautela na assimilação é necessária, visando a manutenção de determinadas práticas e ritos que identifiquem o grupo. Era justamente nisso que se fundava o medo da própria rainha vigente, Vitória. Que ao fornecer liberdade em demasia às mulheres, as outras não se contentariam em apenas a “assistir nos bastidores”, mas que passariam a exigir para elas os mesmos ideais. Com a publicação de “*Jane Eyre*” não foi diferente. Por várias vezes Brontë foi severamente criticada por estar desvirtuando as meninas da sociedade com seus ideais feministas. Inclusive, a própria rainha Vitória se mostrou contra as revoluções feministas, uma vez que para ela era um ato vergonhoso e que agia contra os bons costumes da época.

É importante questionar como a alteridade interfere na identidade. Identidade “é tudo aquilo que distingue um grupo de outro e o posiciona neste ou naquele lugar onde existem outros iguais ou semelhantes a ele” (NUNES, 2004, p. 6), ou seja, a identidade “do EU-indivíduo, como ser único e ao mesmo tempo pertencente a um grupo ou a uma nação, o EU-nação. O EU que se olha, ou o self, e o EU objeto desse olhar – estamos falando de reflexividade” (NUNES, 2004, p. 6). Desse modo, o (outro) estranho sente a necessidade de alterar sua identidade, para que encontre um lugar no grande grupo e sinta a sensação de pertencimento, de que é alguém importante e valorizado. Não alcançando isso, surge a “crise de identidade” do sujeito moderno (LANDOWSKI, 2002, p. 22). Para Landowski (2002, p. 27, grifo do autor), “começam de fato a colocar-se os problemas de uma autêntica *busca de identidade*: ‘Eu sou o que você não é, sem dúvida, mas não sou somente isso; sou também *algo*

---

<sup>81</sup> “Eu posso ver claramente como nunca havia feito antes, que uma preceptora não é considerada como ser vivo e racional, exceto em relação aos deveres enfadonhos e cansativos que tem que cumprir” (tradução nossa).

mais, que me é próprio – ou que talvez nos seja comum””. Para Hall (2015, p. 11), na concepção sociológica:

A identidade preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Segundo ele, o conceito de identidade ainda é muito recente para que possa ser definido e abordado com segurança e certeza, muito pelo contrário, o pensador atribui três conceitos de identidade, seriam eles: o sujeito do Iluminismo, supostamente um sujeito totalmente centrado, pleno de suas capacidades de razão, consciência e ação, permanecendo o mesmo durante sua existência. Em segundo lugar, o sujeito sociológico, que retrata as questões mais complexas da modernidade, conceituando que o centro do homem era formado a partir de suas relações com os outros à sua volta. A relação entre o eu e a sociedade. E por último, o sujeito pós-moderno, sem uma identidade fixa ou permanente, algo mutável e instável, em constante transformação (HALL, 2015).

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do ‘eu’”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2015, p. 12).

O que acontece com Jane é exatamente o que é descrito por Landowski (2002) e Hall (2015), para se tornar a mulher confiante e segura que ela representa ao sair de Lowood, já professora e preceptora, Jane absorve parte das características de suas colegas, cresce como pessoa ao conviver com todos durante oito anos de sua vida, dentro da instituição. Se modifica para conseguir conviver em sociedade e compreender melhor as atitudes alheias a si, como o comportamento de sua tia Mrs Reed. Jane se torna uma mulher mais calma, menos impulsiva e mais compreensiva conforme a idade avança, assim como seu convívio com os demais melhora. Como já foi dito, é através da mudança que as transformações ocorrem dentro do sujeito, seja mudando de casa ou de país. No caso de Jane, ela evolui significativamente em cada etapa de sua vida, devido às mudanças drásticas que sofreu. Quando se mudou para a casa de Mrs Reed,

quando foi para Lowood, quando saiu para trabalhar para Mr Rochester e quando se tornou independente ao morar sozinha e ser responsável por uma pequena escola para meninas. Situação que é completamente inusitada e até mesmo excêntrica para a maioria das mulheres do mesmo período.

Ao sentir que aquilo que ela representa pode ser justamente o que afasta os demais, Jane procura excluir-se ou comportar-se como os outros, evitando assim, chamar a atenção e ser perseguida ou discriminada. Ao chegar em Lowood e encontrar com outras meninas que são semelhantes a ela em diversas características, não apenas físicas, mas psicológicas. Jane tem seus talentos aflorados, não sofrerá com a exclusão e com a diferença do eu. Essa mudança de moradia por si só é um fator catalisador de alto impacto na construção de sua identidade. Embora Jane sofra com o constante dilema entre seguir seus desejos ou ouvir a razão, jamais abre mão de sua independência e autonomia. Pelo contrário, por sentir-se “enjaulada”, anseia por mais autonomia do que lhe é permitido.

É importante mencionar as práticas que surgem com a assimilação do estranho, os estereótipos que são criados como meio de “processar” tudo aquilo que não nos foi apresentado ainda, ou que não entendemos. O cérebro humano separa as diferenças em grupos distintos, um “sistema de estereótipos identitários fixado pelo grupo ‘de referência’” (LANDOWSKI, 2002, p. 33). Ou seja, formam-se os rótulos que dividem a sociedade e, que nos dias atuais, possuem seus respectivos orgulhos identitários (negros, LGBTs, grupos árabes, albinos, etc.). É uma forma dos grupos se diferenciarem e ao mesmo tempo segregarem tudo que não pertence a cada um deles, que cresce e se subdivide cada vez mais, gerando consequências positivas e negativas tanto para os grupos em si como para a sociedade como um todo.

Para Woolf (2019), o homem teve a liberdade desde cedo para a escrita, a fala, a filosofia, então todos os textos que temos a respeito do sexo feminino, vem de escritores masculinos. Ou seja, tudo que a história sabe e já ouviu falar sobre a mulher, foi escrita apenas por homens, basicamente. Isso é oriundo da intrigante fascinação e desprezo que os mais diversos homens, chefes de tribos, clérigos e monarcas sentem pelo sexo feminino. Ou simplesmente da necessidade de rebaixar o outro para elevar-se, seja moralmente, profissionalmente, sexualmente etc. É mais uma questão de ego, de “ vaidade ferida” como diz Woolf (2019, p. 38). No trecho abaixo, é interessante como a autora percebe com facilidade situações do cotidiano que mostram um motivo que leva os homens a inferiorizarem as mulheres, eles precisam negar e subjugar aquele que é diferente de si, em virtude de se auto proclamarem. Ou seja, teoricamente, os homens não poderiam se esbaldar em seus grandes

feitos sem as mulheres em suas vidas. Para que possa existir o rei, deve existir o séquito que o colocou lá e o apóia.

É por isso que tanto Napoleão quanto Mussolini insistiam tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, se elas não fossem inferiores, eles deixariam de crescer. Isso explica, em parte, a necessidade que as mulheres representam para os homens. E serve para explicar como eles ficam incomodados com as críticas delas; como é impossível para elas dizerem que tal livro é ruim, tal quadro é medíocre, ou o que quer que seja, sem infligir muito mais tormento e despertar muito mais raiva do que um homem teria causado ao fazer a mesma crítica (WOOLF, 2014, p. 30).

Portanto, o comentário acima explica muito bem como ainda vivemos em tempos retrógrados, visto que este livro foi publicado primeiramente em 1929, já faz quase cem anos e ainda temos milhões de pessoas que acreditam que determinadas atividades competem aos homens e outras, às mulheres. Woolf descreve a seguinte situação: quando as mulheres são criticadas por homens, não se afetam tanto quanto um homem quando criticado por uma mulher. Isso acontece pela mesma explicação anterior, os homens necessitam de egos e imagens infladas de si mesmos para que possam inclusive “funcionar” normalmente em sociedade. Caso sejam criticados negativamente por alguém que eles julgam inferior, a ofensa é demasiadamente grande.

Isso se torna um ciclo vicioso, visto que as mulheres ainda estão presas a antigos padrões de masculinidade do passado, reforçando o complexo de inferioridade desses homens. Não se desconstrói um padrão da noite para o dia, que levou séculos para ser construído e fixado na mente das pessoas. Contudo, percebemos que as mudanças já fazem parte do cotidiano moderno visto que muitas mulheres estão saindo de relacionamentos abusivos e estão denunciando as violências sofridas, sejam morais ou físicas. Podemos afirmar que as redes sociais estão auxiliando muito as pessoas que sofrem com “ditadores do lar”. E isso é um avanço, uma vez que nossas mães, avós e bisavós não conseguiam e nem podiam denunciar seus maridos abusivos. Não existia a possibilidade de se defender ou buscar ajuda ainda há poucas décadas atrás. Não era possível pois imperavam grandes normas morais, sociais e principalmente religiosas que impediam o avanço das leis no quesito ‘proteção à mulher’. A subjugação e a humilhação constante faz com que estas mulheres sintam-se tão inferiores que, por vezes, param de acreditar em si mesmas e vivem sob o domínio do outro.

No romance temos exemplos disso e dos traumas criados em Jane após uma vida de sofrimento e dor. É comum após um trauma a vítima desenvolver o que foi chamado inicialmente de ‘shell shock’, quando os soldados voltavam da guerra com sintomas com problemas físicos sem causa visível, devido a todo o horror que viveram nos campos de batalha.

Após a Primeira Guerra Mundial, o termo já sofria outra mudança, passou a se chamar “combat fatigue”, depois “operational exhaustion”, ao que chamados hoje de Síndrome do Estresse Pós-Traumático (PTSD). Os sintomas incluem tremores, cansaço, pesadelos, terror noturno, incapacidade de realizar tarefas diárias ou se atuar no campo de batalha, confusão, perda visual e perda auditiva. Esses sintomas aparecem sem causa aparente. Há duas situações que percebemos esse tipo de comportamento em Jane:

In the course of the tale I had mentioned Mr. Lloyd as having come to see me after the fit: for I never forgot the, to me, frightful episode of the red-room; in detailing which, my excitement was sure, in some degree, to break bounds; for nothing could soften in my recollection the spasm of agony which clutched my heart when Mrs. Reed spurned my wild supplication for pardon, and locked me a second time in the dark and haunted chamber (BRONTË, 2001, p. 60)<sup>82</sup>.

É visível como os episódios dentro do quarto vermelho aterrorizaram Jane. Com sintomas claramente nítidos e físicos, a ponto de causar mal-estar e horror através da memória da menina. Jane nunca havia superado isto, vale lembrar que esta punição aconteceu mais de uma vez. O quarto vermelho era famoso e conhecido por ter sido onde teu tio Mr Reed falecera, onde ele havia feito o pedido à sua esposa, que cuidasse de Jane e não a abandonasse. Ninguém entrava no quarto nem mesmo durante o dia, pois acreditavam ser assombrado. De fato o era, assombrado pelas memórias e pelo pedido que assolou Mrs Reed e a fez maltratar Jane por anos a fio. Após um tempo em Lowood, Jane ainda se sentia assombrada pelas memórias dentro do quarto, onde a menina ficava por horas apenas com uma vela, que em seguida se terminava.

Bessie and Abbot having retreated, Mrs. Reed, impatient of my now frantic anguish and wild sobs, abruptly thrust me back and locked me in, without farther parley. I heard her sweeping away; and soon after she was gone I suppose I had a species of fit: unconsciousness closed the scene (BRONTË, 2001, p. 14)<sup>83</sup>.

Já no fragmento acima, percebemos uma última cena nas primeiras páginas de “*Jane Eyre*”, quando sua tia, Mrs Reed, tranca Jane novamente no quarto vermelho, mesmo com a menina aos gritos, implorando por socorro e por misericórdia da tia, que não faça isso com ela.

---

<sup>82</sup> “No decorrer da história mencionei que Mr. Lloyd viera me ver após o meu desmaio, pois eu nunca esquecera o aterrorizante episódio do quarto vermelho. Ao contar os detalhes, no entanto, minha excitação conseguiu extravasar, de algum modo. Nada poderia suavizar na minha memória a lembrança do espasmo de agonia que esmagara meu coração, quando Mrs. Reed rejeitou minha desesperada súplica por perdão, e me trancou de novo no cômodo escuro e assombrado” (BRONTË, 2010, p. 44).

<sup>83</sup> “Bessie e Abbot recuaram. Mrs. Reed, impaciente com os soluços selvagens e o frenesi de angústia que se apossara de mim, empurrou-me para o quarto bruscamente e trancou a porta, sem dizer mais nada. Ouvi o farfalhar do seu vestido, enquanto se afastava. Logo após eu acho que tive uma espécie de convulsão: a perda de sentidos encerrou a cena” (BRONTË, 2010, p. 13).

Mrs Reed a joga no quarto, tamanho foi o pânico e o horror que a menina sofreu que teve uma convulsão, e nada lembra depois disso, sem o mínimo socorro, afeto. Outras passagens do romance nos levam a crer que sua tia era uma mulher muito amarga, insensível por também ter tido uma vida sem amor, sem afeto, isso era tudo que ela transmitia a menina. Porém, ela mimava seus três filhos, John, Eliza e Georgiana, e Jane recebia o que havia de pior na tia. Também nos fazendo crer que ela agia assim propositalmente com Jane, visto que não agia dessa maneira com seus filhos. Não é espantoso quando Jane cai enferma sem uma causa aparente, sem motivo físico em seu corpo, porém a menina adoce gravemente, tem febres, dores, não quer se alimentar, não quer mais viver. No fim das contas, quem acaba cuidando da menina é Bessie e o boticário, que Mrs Reed manda trazer. Jane acaba encontrando afeto em algumas pessoas ao longo de sua trajetória, como Bessie, Miss Temple (uma professora carinhosa em Lowood), Helen, Mrs Fairfax, Mr Rochester inclusive, e depois seus primos, St. John, Mary e Diana. Também poderíamos incluir seu tio, Mr Eyre, da Ilha de Madeira, que deixa a herança toda para Jane. Mesmo sem conhecê-la pessoalmente, o tio teve esta preocupação em cuidar da sobrinha órfã, sem nunca ter conseguido contato com ela. Foi esta uma das ações que ajudou a mudar a vida de Jane, e principalmente sua posição social, fazendo-a cogitar procurar Rochester novamente, agora que ela não era mais pobre e numa posição inferior a ele. Logo, não poderia ficar malvista na sociedade como a preceptora que se casou com o patrão por interesse.

Muitas vezes é mais fácil apenas obedecer às regras impostas e abdicar aos seus desejos e vontade próprias. Fomos ensinadas que ao ouvir o nosso desejo, estaríamos dando maior valor ao impulso, à carne, do que ao espírito e ao divino. E, portanto, isso seria pecaminoso, vergonhoso, condenável. De acordo com Acton (1967), o fato de a mulher ceder ao desejo sexual era motivo de doença. Mas não apenas qualquer doença, e sim doença mental, uma das mais estigmatizadas e vistas com tanto preconceito, ainda no século XXI.

Pois se ela resolver falar a verdade, a figura refletida no espelho encolherá; sua disposição para a vida diminuirá. Como ele continuará a fazer julgamentos, civilizar nativos, criar leis, escrever livros, vestir-se bem e discursar em banquetes, a menos que consiga ver a si mesmo no café da manhã e no jantar com pelo menos o dobro do tamanho que realmente tem? (WOOLF, 2014, p. 30).

No trecho abaixo, Woolf (2014) da continuação a sua explicação do ego masculino e a necessidade de não só inferiorizar o outro, mas se autoafirmar para que possa realizar suas tarefas diárias. Quando não inferiorizam a outros homens, inferiorizam as mulheres. É claro que não precisamos generalizar, a generalização nos conduz a interpretar o mundo de uma

maneira muito maniqueísta, ou são inocentes ou são culpados. Sabemos que nem tudo é assim, principalmente ao se tratar de comportamento humano.

A alegoria do espelho é de importância suprema porque recarrega a vitalidade, estimula o sistema nervoso. Exclua isso e o homem morre [...] esses homens colocam o chapéu e vestem o casaco sob os raios agradáveis da manhã. Eles começam o dia confiantes, seguros, acreditando serem esperados para o chá na casa da senhorita Smith; dizem a si mesmos, enquanto adentram o cômodo, sou superior à metade das pessoas aqui, e é por isso que eles falam com aquela autoconfiança, aquela autoafirmação [...] (WOOLF, 2014, p. 30).

Ela deseja usufruir dos mesmos direitos e privilégios que os homens exerciam. As mulheres não querem se sobressair aos homens ou agir com tirania, mas querem os mesmos direitos que eles (WOLLSTONECRAFT, 1796). Jane questiona com frequência porque à mulher cabe tão menos e coisas tão menos importantes do que ao homem. Em um de seus diálogos com Mr Rochester, levanta algumas questões importantes acerca da diferença social entre os sexos. Compreendemos na fala da narradora, abaixo, a sua revolta com a maneira como é tratada pelos outros em virtude de seu físico e de sua condição monetária.

'Do you think I can stay to become nothing to you? Do you think I am an automaton?—a machine without feelings? and can bear to have my morsel of bread snatched from my lips, and my drop of living water dashed from my cup? Do you think, because I am poor, obscure, plain, and little, I am soulless and heartless? You think wrong!—I have as much soul as you,—and full as much heart! And if God had gifted me with some beauty and much wealth, I should have made it as hard for you to leave me, as it is now for me to leave you. I am not talking to you now through the medium of custom, conventionalities, nor even of mortal flesh—it is my spirit that addresses your spirit; just as if both had passed through the grave, and we stood at God's feet, equal,—as we are!' (BRONTË, 2001, p. 215-216)<sup>84</sup>.

Mais especificamente, Rochester mente para Jane, fazendo-a pensar que ele se casará com Blanche Ingram, e que Jane continuará morando na casa cuidando de Adèle. Jane inicia sua fala informando que Rochester está enganado ao pensar que ela é como um autômato, alguém sem sentimentos e sem vontade própria. Que ela apenas aceitaria tudo isto sem reclamar, sem sofrer. Impõe a Rochester sua visão e que ela é igual a ele, é outro ser humano, não apenas uma criada inferior. Ela indaga ferozmente se ele pensa que por ela ser pobre,

---

<sup>84</sup> “Acha que posso ficar para não representar nada para o senhor? Acha que sou um autômato, uma máquina sem sentimentos? E que posso suportar que me arrebatem dos lábios o pedaço de pão e derramem a minha taça de água fresca? O senhor pensa, que porque sou pobre, obscura, simples e pequena, que não tenho alma nem coração? Então está pensando errado! Tenho tanta alma quanto o senhor, e até mais coração! E, se Deus tivesse me dotado de alguma beleza e grande fortuna, tornaria tão difícil para o senhor deixarme quanto para mim é difícil deixar o senhor. Não estou lhe falando através do costume, das convenções ou da carne mortal: é o meu espírito que se dirige ao seu, como se os dois houvessem passado pelo túmulo e agora estivessem aos pés de Deus, iguais – como somos” (BRONTË, 2010, p. 146).



misteriosa, simples e pequena, que ela também é desalmada e sem coração? Informa a Rochester que, se Deus a tivesse feito mais bela fisicamente e com mais poder econômico, ela dificultaria a partida dele assim como ele dificulta para ela. Ela continua sua fala e se posiciona diante de Rochester como alguém igual a ele, fora das convenções cotidianas e das formalidades. A última frase do diálogo é poderosa em virtude do nível que Jane estabelece para ambos, ou seja, que eles estariam sob o mesmo patamar. Ela afirma com certeza absoluta que ambos são iguais estando distantes das formalidades da sociedade.

A finesse da sociedade inglesa mascarava a grande desigualdade das classes sociais, classes mais abastadas eram cruéis e foram imparciais com Jane durante a trama de eventos. Ela só poderá sentir um conforto financeiro perante os outros, quando receber uma grávida herança de família que ocorre no final da narrativa. De acordo com Beauvoir (2016), a grande maioria das mulheres da sociedade vitoriana partilhavam do mesmo sentimento da personagem, desejavam respeito e igualdade de direitos, autonomia e uma posição digna nas ciências, nas artes e no ambiente doméstico. Já para Woolf (2019) a situação não é bem assim. Conforme ela expõe no trecho abaixo e em boa parte de seu livro “Um Teto Todo Seu”, embora as mulheres estivessem conseguindo uma posição digna, por muito tempo elas permaneceriam ainda pobres. Elas receberiam (e recebem) menos que os homens, mesmo cumprindo a mesma função. As mulheres alcançaram seu desejo de ter direito às mesmas funções dentro de determinados ramos, mas isso não implica em ter os mesmos direitos. Infelizmente é possível dizer ainda hoje que muitas mulheres continuam pobres em comparação ao sexo masculino.

Ao pensarmos em todas aquelas mulheres trabalhando ano após ano e sentindo dificuldade em reunir duas mil libras, e que trabalharam tudo o que puderam para obter trinta mil libras, irrompemos numa explosão de escárnio diante da repreensível pobreza de nosso sexo (WOOLF, 2019, p. 26).

Embora Jane exerça uma profissão necessária e requisitada nos lares, ela recebia uma quantia irrisória que permitia o mínimo para sobreviver. Por exemplo, ao trabalhar para Rochester, receberia 30 pounds<sup>85</sup> por ano. De acordo com Cassell (1880), o salário anual da preceptora variava entre 20 e 30 libras esterlinas. A fala abaixo é de Brontë, e é de extrema rigidez, pois esta explica o que implica ser uma preceptora. A mulher que decide tomar esta carreira se vê ocupando inúmeros papéis dentro do lar alheio, é exigida em níveis absurdos de capacidade física e mental, e ainda por cima é mal paga.

---

<sup>85</sup> No período vitoriano, 1 pound = 20 shillings, enquanto 1 shilling = 12 pence. Se assume que 1 libra esterlina valesse aproximadamente 85 dólares nos dias de hoje. Seu salário seria em torno de 2.550 dólares ou 10.000 reais por ano.

Those who would urge on Governesses more acquirements do not know the origin of their chief sufferings. It is more physical and mental strength, denser moral impassibility that they require, rather than additional skill in arts or sciences. As to the forcing system, whether applied to Teachers or Taught—I hold it to be a cruel system. It is true the world demands a brilliant list of accomplishments; for £20. per ann. it expects in one woman the attainments of several professors—but the demand is insensate—and I think should rather be resisted than complied with (BRONTË, 2001, p. 436)<sup>86</sup>.

O sistema Inglês da época não apenas agia de maneira cruel em direção às mulheres, como era irreal, visto que exigia demais delas e não aceitava pagar um salário justo, merecido após tanto estudo e preparo para que se tornassem preceptoras. As exigências ultrapassavam o limite aceito pelo corpo e pela mente, conduzindo-as à exaustão. Portanto, as mulheres que desejavam se tornar preceptoras eram personalidades à frente do século retrógrado em que se encontravam. Outro problema da época, é que todo o dinheiro ganho por uma mulher, não era propriedade dela e sim do marido, caso ela fosse casada. Para receber um salário próprio, a mulher teria de ser solteira, e isso implicava certas suposições que a sociedade do período faria acerca desta mulher.

[...] em primeiro lugar, lhes era impossível ganhar dinheiro e, em segundo, se tivesse sido possível, a lei lhes negava o direito de possuírem qualquer dinheiro ganho. Só nos último 48 anos é que a sra. Seton pôde ter algum centavo de seu. Em todos os séculos antes disso, o dinheiro teria sido propriedade do marido (WOOLF, 2019, p. 24)<sup>87</sup>.

No fragmento, Woolf (2019) menciona a respeito do que era tão comum acontecer até poucas décadas passadas: a mulher poderia ganhar seu dinheiro – que já era ínfimo – porém, o esposo seria o verdadeiro e único proprietário dele. Por mais que quem desempenhasse o serviço fosse a mulher, se esta fosse casada, seu marido ficaria com tudo. Se fosse solteira, receberia o mínimo e injustamente menos que seus colegas masculinos.

Hall (2015) explica que as identidades modernas estão sofrendo mudanças bruscas, e tudo que conhecíamos ou pensávamos que conhecíamos a respeito do assunto, está sendo abalado, dando lugar a transformação do sujeito, e por conseguinte, uma transformação da sociedade atual, alterando e fragmentando as diversas culturas e crenças. Abrindo espaço para

---

<sup>86</sup> “Aqueles que pedem mais aquisições às preceptoras não conhecem a origem de seus principais sofrimentos. É uma força mais física e mental, uma insensibilidade moral mais densa que eles exigem, ao invés de habilidades em artes ou ciências. Quanto ao sistema de força, seja aplicado aos professores ou ensinado, considero que é um sistema cruel. É verdade que o mundo exige uma lista brilhante de realizações; por £ 20 (libras esterlinas) anuais, espera em uma mulher as realizações de vários professores - mas a demanda é insensata - e acho que deveria ser mais resistida do que cumprida” (tradução nossa) – Carta escrita por Charlotte Brontë para W. S. Williams em 12 de maio de 1948.

<sup>87</sup> Quando ela fala em 48 anos atrás, é importante recordar que a primeira edição deste livro foi publicada em 1929.

novas classes sociais, etnias, sexualidades, gêneros e nacionalidades, “essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito”, tanto em seus locais sociais e culturais como de si mesmos (HALL, 2015, p. 10). Com relação a isso é importante mencionar que Jane Eyre entra em conflito com o sistema, à medida que este a impede de crescer como mulher e como preceptora, no entanto, ela o faz para que possa defender seu ponto de vista. Embora ela esteja constantemente travando uma luta dentro de si com a ideologia cristã a qual foi submetida durante toda a sua vida.

Para Bauman (2007), a visão é um pouco mais pessimista, os grupos sociais que possuem algum poder monetário, se enclausuram cada vez mais dentro de suas “fortalezas”. Seus condomínios bem fechados, que lhes passam uma sensação de segurança, excluindo o mundo de fora e aqueles que fazem parte dele. Ou seja, aqueles que não são bem vistos, não são desejados, que são inconvenientes para os grupos mais poderosos, são excluídos literalmente da sociedade. Como foi dito anteriormente, se refugiam nas periferias das cidades, onde há a possibilidade de aceitação por parte dos outros que também foram excluídos. Ficando à mercê de trabalhos indignos, da miséria e da fome, esses grupos de pessoas rejeitadas ficam sujeitos a todo tipo de mal. Esses “espaços interditados” aos quais Bauman se refere, “se tornaram marcos da desintegração da vida comunal estabelecida localmente e compartilhada” (BAUMAN, 2007, p. 84). Para o autor:

Traçar fronteiras no espaço vivido é uma questão de disputa contínua e um risco nas batalhas travadas em numerosas frentes entrecruzadas. Todos os traçados dessa linha são provisórios e temporários, sob ameaça de serem refeitos ou anulados, e por isso fornecem um escoadouro natural para o amplo espectro das ansiedades nascidas de uma vida insegura. O único efeito duradouro dos esforços contínuos, porém inúteis, para fortificar e estabilizar as fronteiras irritantemente instáveis é a reciclagem dos medos difusos em preconceitos direcionados, antagonismos entre grupos, confrontos ocasionais e hostilidades em perpétua ebulição (BAUMAN, 2007, p. 85-86).

Portanto, percebemos através dos respectivos pensadores e suas ideias, que o Eu está em constante evolução à medida que entra em contato com o Outro. Passando a questionar suas relações sociais e seus conflitos internos a partir deste contato, desta exposição com o Outro, que difere do Eu, e portanto, pode somar, caso seja assimilado, onde ambos os lados serão vencedores. Com o Outro é possível aprender e desenvolver habilidades importantes para o desenvolvimento de si e a reflexão a respeito da vida. Embora nos dias atuais, de acordo com Hall (2015) e Bauman (2007), a sociedade tem caminhado para um novo processo de individualização, onde os desejos do coletivo passam a não importar e apenas será fortalecido o desejo do Eu. Podendo causar mais exclusões do que assimilações, criar mais diferenças onde

poderiam surgir semelhanças. Porém, o homem necessita do próximo, dessa consciência alheia, do “estrangeiro”, e este precisa do grupo, ambos necessitam encontrar uma forma de coexistir.

É importante aceitarmos o fato de que somos capazes de evoluir como espécie, tanto individualmente quanto em sociedade, se usufruirmos do processo de representação e de comparação com o Outro. Assim, assimilamos o que nos é importante e eliminamos as más condutas que levam ao sofrimento alheio, que é a exclusão social, seja em pequena ou larga escala. A crueldade na infância e juventude de Jane fazem com que ela busque sua autonomia custe o que custar. Jane sofreu muito como dependente de sua tia Mrs Reed, que apenas a “adotou” como pedido do marido que agonizava em seu leito de morte. A tia jamais se preocupou em amar ou prover afeto que é algo extremamente necessário como fundação de uma identidade segura de si mesmo. Jane é amedrontada, não possui amigos ou familiares, sempre se sentiu indesejada, e mesmo quando estava sob os cuidados dos outros, essas pessoas não conseguiam dar conta, nem em Gateshead Hall (lar de sua tia) ou em Lowood (o asilo para órfãs). Aquele que não deseja fornecer o básico para uma criança viver com dignidade, tampouco terá para si, e assim, não há nada para oferecer, muito menos afeto.

I have told you, reader, that I had learnt to love Mr. Rochester: I could not unlove him now, merely because I found that he had ceased to notice me [...] Much too, you will think reader, to engender jealousy: if a woman, in my position, could presume to be jealous of a woman in Miss Ingram's (BRONTË, 2001, p. 158)<sup>88</sup>.

Por se tratar de um romance de formação que lembra o aspecto físico de uma autobiografia, o leitor sente empatia e procura se colocar no lugar de Jane durante a leitura, visto que o romance se passa na primeira pessoa do singular. É singular como muitas versões do romance abordam o próprio termo ‘autobiografia’ para categorizar “*Jane Eyre*”. É como se Jane quisesse que o leitor assumisse sua posição, conhecesse seus pensamentos, seus medos e anseios, seus desejos, e ela assim o faz inúmeras vezes, ao falar diretamente com o leitor.

O romance passa a impressão clara de que a autora não é Brontë, e sim Jane Eyre, ou que ambas seriam a mesma pessoa, pois o livro se assemelha a um diário em que Jane relata as passagens de sua vida no momento em que são vividas. No entanto, o livro é dividido em capítulos e não em datas, como seria de se esperar de um diário ou de um romance epistolar. Embora a verossimilhança esteja presente em inúmeros aspectos da obra, não deixa de ser uma

---

<sup>88</sup> “Contei-lhe, leitor, que aprendera a amar Mr. Rochester: não deixaria de amá-lo agora, apenas porque ele não reparava mais em mim [...] E você pode pensar, leitor, que havia muito para provocar ciúme também, se uma mulher em minha posição ousasse ter ciúme de alguém como Miss Ingram” (BRONTË, 2001, p. 105).

obra ficcional; esta provocou inúmeras reflexões acerca da personagem e sua trajetória em busca de sua identidade.

Jane simboliza uma quebra no padrão de comportamento esperado da mulher neste período, pois busca autonomia, liberdade, independência financeira, equidade dos gêneros, o direito à integridade e respeito, independente da classe social ou gênero. Embora Jane reconheça e afirme seu desejo por Rochester, ela tem plena noção de que prefere se tornar independente e manter sua integridade e honestidade do que ter que se tornar amante. A protagonista demonstra um grande sofrimento pelo conflito de ideias que ocorre dentro de si, mais precisamente entre seus dois pólos existenciais, a razão, sendo representada pelas suas raízes cristãs e a emoção representando seu desejo romântico por Rochester. Percebe suas próprias necessidades, porém acompanhadas da culpa moral religiosa imposta e, ao mesmo tempo, sente o desejo de mudança, o desenvolvimento de sua identidade como mulher, e o fato de não precisar depender da permissão do sexo masculino sob nenhum aspecto.

De acordo com Hall (2015, p. 10), “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Jane questiona a si e coloca em dúvida os estereótipos e regimes impostos a sua volta. Se encontra dividida entre seu lado emocional e o racional, questionando a opressão sofrida, deseja liberdade e autonomia para tomar decisões por conta própria, ao mesmo tempo em que sente a culpa cristã e o “olhar de Deus” sobre sua alma.

A forma mais fácil e, talvez a mais assustadora, para manter as mulheres sob completa obediência e com a ilusão de vigilância, foi através da religião. A personagem Jane trava um conflito incessante em seu interior referente ao amor sentido por Rochester e pelo seu desejo de se sentir amada e valorizada. A culpa religiosa a faz sentir que para atingir esse objetivo ela deveria se sacrificar e sofrer constantemente.

Podemos perceber um número grande de obras literárias como as obras das irmãs Brontë já no final do século XIX, em que as escritoras criticam arduamente o sistema, criando personagens que questionam e colocam em dúvida inúmeras questões da igreja. Isso se deve ao fato de que este regime autoritário religioso que foi imposto já estava chegando ao seu declínio. E a religião em si é uma forma forte de domínio ideológico. Contudo, a Igreja não conseguia atrair mais o mesmo número de pessoas que conseguia em outros tempos, e com as mulheres participando cada vez mais da vida acadêmica, mais conhecimento e mais reflexão crítica chegavam até os lares, reforçando o pensamento crítico e conseqüentemente, ocasionando esse declínio da Igreja (EAGLETON, 2006).

God will punish her: he might strike her dead in the midst of her tantrums, and then where would she go? Come, Bessie, we will leave her. I wouldn't have her heart for anything. Say your prayers, Miss Eyre, when you are by yourself; for if you don't repent, something bad might be permitted to come down the chimney and fetch you away (BRONTË, 2001, p. 10)<sup>89</sup>.

Desde criança, Jane é atordoada por esta culpa cristã com a qual a Igreja tentava controlar as pessoas. Através de sua tia, Mrs Reed, e das criadas da casa, Jane era ameaçada diversas vezes através da religião. Por ser uma criança inteligente, questionadora e extremamente ativa e madura para sua idade, foi muito perseguida pelas perguntas que fazia. Colocando em xeque tudo aquilo que os adultos a sua volta acreditavam. Estes ameaçavam-na de ser morta pelo próprio espírito santo, caso não obedecesse.

É fácil de perceber como as próprias criadas que a ameaçam não se dão conta de que foram vítimas do mesmo comportamento em algum momento de suas vidas. As criadas agiam com extrema hostilidade com uma criança que possuía o direito de ser tratada como as outras crianças da casa, seus primos, Eliza, Georgiana e John. Na verdade, o que acontece é justamente o oposto, Jane é extremamente maltratada, sob o pretexto de aprender “boas maneiras” e por ser extremamente rebelde. Sendo caluniada de traiçoeira e mentirosa. Recebe castigos severos que beiram a tortura física, psicológica e chantagem emocional.

Após ouvir as ameaças já mencionadas, Jane é trancada por horas dentro de um quarto vermelho, onde seu tio veio a falecer, Mr Reed, e ninguém na casa ousa entrar. O quarto acaba servindo apenas para visitas, esporadicamente. Era corriqueiro que ela ficasse lá por horas sem direito a nenhuma refeição, com frio e ainda machucada fisicamente das agressões do primo, John. Como já foi explicado, seu tio, Mr Reed, solicitou em seu leito de morte à sua esposa que cuidasse de Jane como se fosse sua filha, vale lembrar este detalhe ao expor todas as maldades que ela sofreu sob os (des)cuidados de sua tia, Mrs Reed.

[...] ‘if she were a nice, pretty child, one might compassionate her forlornness; but one really cannot care for such a little toad as that.’ [...] ‘Not a great deal, to be sure,’ agreed Bessie: ‘at any rate, a beauty like Miss Georgiana would be more moving in the same condition.’ ‘Yes, I doat on Miss Georgiana!’ cried the fervent Abbot. ‘Little darling! — with her long curls and her blue eyes, and such a sweet colour as she has; just as if she were painted!’ (BRONTË, 2010, p. 272)<sup>90</sup>.

<sup>89</sup> “Deus vai puni-la, pode fazê-la cair morta no meio de um ataque de pirraça, e então para onde iria? Venha, Bessie, vamos deixá-la. Não queria ter um coração assim, por nada no mundo. Faça suas orações, Miss Eyre, quando estiver sozinha; se não se arrepender, algo muito ruim vai descer pela chaminé e carregá-la para longe” (BRONTË, 2010, p. 10).

<sup>90</sup> “[...] se ela fosse uma menina bonita e gentil, podíamos ter pena do seu abandono. Mas ninguém pode realmente ligar muito para uma sapinha como essa.” – É, não muito, com certeza – concordou Bessie. ‘– De qualquer forma, uma beldade como Miss Georgiana causaria mais compaixão numa situação semelhante.’ – Sim, eu adoro Miss Georgiana – exclamou Abbot, com ardor. – ‘Tão querida!... Com aqueles longos cachos e os olhos azuis, e uma tez tão linda. Parece uma pintura!’” (BRONTË, 2010, p. 18).

Há um momento na narrativa, no qual as criadas estão conversando sobre a morte dos pais de Jane, elas contam que a mãe da menina se casou com o pai contrariando toda a sua família na época, este era um clérigo pobre, de classe baixa. A mãe de Jane foi inclusive, expulsa do testamento da família, pois seu marido era considerado inferior para a posição dela. Logo após o nascimento de Jane, um ano de casados, seu pai foi auxiliar as pessoas de uma vila pobre, manufatureira, onde adoeceu devido ao tifo. Veio a falecer, e um mês depois, a mãe de Jane. Esta ficou sob os cuidados de seu tio Mr Reed, irmão de seu pai. É durante esta conversa entre as criadas que Jane acaba conhecendo a história sobre seus pais. Bessie tenta defender Jane, dizendo que é possível compreender sua rebeldia e suas péssimas maneiras, visto que a menina não possui família, nem pais nem irmãos. No entanto, Abbot retruca dizendo que se a prima de Jane, Miss Georgiana estivesse na mesma situação, causaria compaixão em virtude dos traços belos da moça. Abbot dá continuação a sua fala, enaltecendo ainda mais a menina, idolatrando seus olhos azuis e longos cachos, mesmo que Georgiana seja maldosa com Jane.

Aqui, a criada Abbot explicita a importância da beleza física, por destratar a menina dessa maneira, e mencionar que se fosse uma menina como sua prima Georgiana na mesma situação seria possível sentir empatia. Jane desconhece o que é zelo e carinho, é vista como inferior às criadas, e de fato o é visto que era obrigada a realizar o mesmo tipo de serviço só que sem remuneração. Apesar de ser uma criança, Jane é inteligente e percebe o que está acontecendo a sua volta. Sabe que não é bem-vinda, é rechaçada inclusive pelas criadas, e não tem nenhuma pessoa que a trate com afeto no mundo.

I felt an inexpressible relief, a soothing conviction of protection and security, when I knew that there was a stranger in the room, an individual not belonging to Gateshead, and not related to Mrs. Reed. Turning from Bessie (though her presence was far less obnoxious to me than that of Abbot, for instance, would have been), I scrutinised the face of the gentleman: I knew him; it was Mr. Lloyd, an apothecary, sometimes called in by Mrs. Reed when the servants were ailing: for herself and the children she employed a physician (BRONTË, 2001, p. 15)<sup>91</sup>.

É justificável a maneira como a menina cai enferma e não possui sinais de melhora. Porém, a criada Bessie toma conta da menina durante seu estado debilitado, como já foi mencionado. Vale acentuar aqui que um boticário não é um médico, é inferior a esta profissão,

---

<sup>91</sup> “Senti um alívio inexprimível, uma sensação de proteção e segurança profundamente tranquilizadora, quando percebi que havia um estranho no quarto – uma pessoa que não pertencia a Gateshead, nem tinha qualquer relação com Mrs. Reed. Desviei o olhar de Bessie (embora a presença dela fosse muito menos repulsiva para mim do que a presença de Miss Abbot, por exemplo) e examinei a face do cavalheiro. Eu o conhecia: era Mr. Lloyd, o farmacêutico. Mrs. Reed às vezes o chamava, quando os criados adoeciam. Para si mesma e os filhos ela chamava um médico” (BRONTË, 2010, p. 14).

porém consegue ajudar Jane a se recuperar e a ir para uma escola, no caso, Lowood. Mas porque relatar estes acontecimentos? Qual a importância disto para a vida de Jane? É importantíssimo adentrar nestes detalhes pois eles ocorreram principalmente na infância da protagonista, em virtude de suas repercussões futuras. Isso pode desencadear certos padrões de comportamento ao longo da vida, no juízo e na personalidade de Jane, bem como, em sua saúde mental. A forma como uma criança é tratada influencia desde sua identidade até as decisões que ela precisará tomar, com que pessoas irá se relacionar, como agirá com outras crianças, etc. É de extrema relevância apontar acontecimentos como este, pois eles afetam a formação de identidade de qualquer pessoa, em qualquer contexto.

Isso é algo que explica o fato de Jane sentir-se tão desamparada no mundo, tanto quanto criança como quando adulta. Ela fica destituída completamente de qualquer vínculo familiar no momento em que sua tia, Mrs Reed, a envia para uma “escola”. Um local chamado Instituto Lowood. O local recebe o nome de instituto e não de escola, pois não podia ser considerada uma, visto que era um asilo para meninas órfãs. Por saber pouco sobre o local, Jane encontrava-se animada por sair da casa da tia, onde recebia um tratamento inferior ao das criadas. Sendo inclusive auxiliar de limpeza enquanto seus primos recebiam total liberdade. Jane via-se feliz por sair da prisão na qual sua tia havia transformado aquilo que deveria ter sido um lar.

Aos poucos, Jane tinha os laços familiares rompidos, começando com a morte de seus pais, depois com a morte de seu tio, e, até a primeira parte do romance, com a constante rejeição de sua tia, primos e inclusive das criadas. Um local que deveria ser considerado seu lar, implicando a situação hierárquica em que ela se encontrava. Jane é excomungada por sua tia, não sendo permitida na casa nem mesmo no período de férias. Sua última esperança era Lowood, estava animada para iniciar seus estudos e fazer amizades. Jane não sabia que Lowood seria tão terrível quanto a casa de onde saíra. Mas como isso tudo pode se relacionar com a identidade de Jane em formação? Pois o ambiente familiar é o “primeiro cenário para manifestação de todos os sentimentos que as crianças possuem” (LUZ, 2008, p. 13), ou seja,

Essa função exige que esse ambiente consiga oferecer um sentimento de segurança que possibilite a criança se manifestar de modo espontâneo sem medo de ser rejeitada. Somente quando se sente aceita e segura é que a criança consegue experimentar suas outras habilidades de imaginação e criação e assim ampliar seu conhecimento do mundo e de si mesma (LUZ, 2008, p. 13).

O trecho acima destaca a importância de um lar receptivo e estável, que respeite a criança, que seja seguro e confiável. As poucas pessoas que demonstravam algum afeto por Jane rapidamente ganhavam sua afeição e sua atenção, porém, é inegável que aqueles que a



machucavam e agrediam de alguma forma, recebiam suas respostas rebeldes e sua ira diante da injustiça que sofria. Sob os olhos dos adultos mais autoritários, Jane deveria ser punida constantemente (e era). Porém, é fácil perceber como o comportamento arcaico e hipócrita desses “educadores” repercutiam na pequena Jane, que desenvolve inúmeros medos e problemas pessoais ao formar relações com outras pessoas. Na fase adulta, ela polícia suas ações e pensamentos, com receio do julgamento divino, não permitindo-se ser livre para tomar suas decisões mesmo que movida pelo desejo romântico. Quando Jane se desvencilha do julgamento dos outros, fica à mercê do próprio julgamento.

Também é possível perceber que Jane, ao sair de Lowood em busca de um emprego como preceptora, tem grande dificuldade em formar laços, pois conforme as dificuldades se apresentam, a solução aparenta ser sempre a mesma: partir em busca de outras oportunidades. Jane demonstra ter uma confiança invejável apesar da injustiça sofrida, possui uma identidade até mesmo estável em diversos momentos. Sabe quem é, está certa da profissão escolhida e não desiste de seus princípios e valores morais, por mais rígidos que fossem.

Por possuir o físico pequeno e frágil, muitos se aproveitam e a consideram menos do que é capaz. É um ponto marcante sua mente extremamente observadora e ligeira, não aceitando se calar diante de injustiças. Aparenta ser extremamente nova, não é considerada bonita dentro dos padrões de beleza da época, se veste com suas roupas simples e desgastadas, e mantém certo ar de submissão, apesar da personalidade forte. Ainda a respeito da infância e o tratamento adequado é importante ressaltar que, de acordo com Luz (2008, p. 8):

Quando os cuidadores não conseguem atender adequadamente as necessidades dessa criança e ela experiencia, repetidas vezes a sensação de abandono origina-se um movimento de ir em busca de outras relações que possam suprir essa falha anterior. Entretanto essa busca só se torna possível quando a criança já consegue se locomover por conta própria e tem a possibilidade de vivenciar relações com outras pessoas.

A explicação de Luz (2008) deixa claro como Jane vive na casa de sua tia, por não se calar diante dos maus tratos que recebia, apesar de ser constantemente punida por falar, mas principalmente por questionar os adultos. E o mesmo ocorre no asilo Lowood, partindo de um sistema educacional exclusivamente autoritário. O romance de Brontë não é apenas uma crítica ao sistema autoritário a que Brontë e outras mulheres eram submetidas, mas também é uma crítica ao sistema educacional da época, representado de maneira severa e opressora no decorrer do romance. Fato que conduz Jane a se tornar uma professora gentil e preocupada com suas alunas, pois entende que esse cuidado e carinho lhe fez muita falta.

Quando jovem, Jane tem uma necessidade grande de fazer amizades, conversar e expressar-se, como toda criança. Porém não é tão fácil, em virtude das demais também serem amedrontadas e sob constante observação. Fazendo com que Jane sofra ao longo da narrativa com o sentimento de abandono e de solidão, um vazio que dificilmente é preenchido no romance, a não ser quando ela encontra seu espaço na casa de Mr. Rochester.

Lá, Jane sente-se plena, não é rechaçada nem punida por dizer o que lhe vem à mente. Entretanto, sendo uma moça jovem e sem experiência com os homens, sente a solidão da juventude e a curiosidade que a segue. O sentimento de solidão é constante pois apesar de estar rodeada de pessoas, estas são tão diferentes dela e de suas características. No trecho abaixo lemos o relato de Jane ainda criança e o que ela estaria disposta a fazer para receber carinho e ter a companhia das demais pessoas e demais crianças. Jane se sujeitaria a inúmeras situações de dor, ferimentos e acidentes graves para que jamais ficasse solitária e sem amigos.

I know I should think well of myself; but that is not enough: if others don't love me, I would rather die than live—I cannot bear to be solitary and hated, Helen. Look here; to gain some real affection from you, or Miss Temple, or any other whom I truly love, I would willingly submit to have the bone of my arm broken, or to let a bull toss me, or to stand behind a kicking horse, and let it dash its hoof at my chest,' (BRONTË, 2001, p. 58-59)<sup>92</sup>.

É interessante analisar essa passagem com os olhos da psicologia, com o propósito de chegarmos as fundações da personagem. A psicologia mostra que crianças que sofrem, ou sofreram abusos físicos e psicológicos, acabam desenvolvendo uma ideia distorcida de amor e carinho. Envolvem ações de dor e violência junto ao sentimento que naturalmente, não deveria estabelecer relação alguma à dor ou a um “teste físico”. É contra intuitivo e destrutivo, as noções de amor e ódio claramente não foram bem definidas durante a infância. Durante muitas ocasiões, Jane chega a acreditar nas ameaças e no que os adultos lhe falam tantas vezes, que ela é má e deve ser punida por isso, estando em constante estado de alerta, pânico e baixa auto-estima.

Sendo importante mencionar, que ela não ouvia isso apenas dentro de casa, mas era toda uma nação movida pelo puritanismo e pelo alto grau de conservadorismo empregado durante décadas na sociedade Inglesa. A Rainha Vitória, que se colocava contra os movimentos feministas, se posicionava como defensora do “sexo frágil” e de suas virtudes morais.

---

<sup>92</sup> “Sei que tenho razões para pensar bem de mim mesma, mas isso só não basta. Se os outros não gostarem de mim, prefiro morrer a viver... Não consigo suportar a solidão ou o ódio dos demais, Helen. Veja o que acontece aqui; para ganhar o seu afeto, ou o de Miss Temple, ou o de alguém a quem eu realmente estimo, de bom grado aceitaria que quebrassem o meu braço, ou deixaria que um touro me atacasse, ou ficaria atrás de um cavalo selvagem para que jogasse as patas contra o meu peito...” (BRONTË, 2010, p. 43).

Promovendo uma visão que inferiorizava não apenas a sociedade feminina, mas a si mesma (MONTEIRO, 1998).

Com relação ao instituto Lowood, para o qual Jane foi enviada com dez anos de idade, pois sua tia não aguentava mais “cuidar” dela, é importante relatar alguns acontecimentos no local que moldaram a personagem. Se formos analisar, Brontë utilizou situações ocorridas com ela e suas irmãs para descrever a vida de Jane no instituto; Charlotte Brontë e suas irmãs foram enviadas por seu pai, um clérigo de maneiras rígidas, para uma escola de regime autoritário. Assim como Brontë, que perdeu irmãos para o Tifo, o mesmo ocorre com Jane ao perder Helen e outras colegas.

Chegando ao local, Jane tem uma súbita mudança de comportamento, antes era rebelde, tinha acessos de ira devido à violência constante e abusos que sofreu por parte de todos na antiga casa. Em Lowood, Jane ponderava mais seu comportamento, conforme observava as outras meninas a sua volta e como as punições e os castigos amedrontavam. Por vezes, eram piores do que no lar de sua tia. Em diversas ocasiões, o café da manhã era um mingau queimado, não havendo mais nada para comer.

Ravenous, and now very faint, I devoured a spoonful or two of my portion without thinking of its taste; but the first edge of hunger blunted, I perceived I had got in hand a nauseous mess; burnt porridge is almost as bad as rotten potatoes; famine itself soon sickens over it. The spoons were moved slowly: I saw each girl taste her food and try to swallow it; but in most cases the effort was soon relinquished. Breakfast was over, and none had breakfasted. Thanks being returned for what we had not got, and a second hymn chanted, the refectory was evacuated for the schoolroom. I was one of the last to go out, and in passing the tables, I saw one teacher take a basin of the porridge and taste it; she looked at the others; all their countenances expressed displeasure, and one of them, the stout one, whispered - “Abominable stuff! How shameful!” (BRONTË, 2001, p. 282)<sup>93</sup>.

No trecho acima, as palavras de Jane remetem às experiências pelas quais Brontë passou, durante sua infância, ao permanecer em uma escola interna na Inglaterra. Vários relatos de Jane são na verdade de Brontë. A fala inicia com Jane referindo-se ao café da manhã que lhes era dado no asilo, um mingau queimado com um gosto horrível. Jane afirma que é tão ruim quanto o gosto de batatas podres, e que a própria fome desaparece com a presença destes

---

<sup>93</sup> “Sentindo-me muito fraca, devorei vorazmente uma ou duas colheres da minha ração, sem atentar para o gosto. Aplacada a violência da fome, percebi que se tratava de uma mistura nauseante. Mingau queimado é quase tão ruim quanto batatas podres. A própria fome o rejeita. As colheres se moviam lentamente, vi as meninas provarem e tentarem comer aquilo. Mas, na maioria dos casos, desistiam em seguida. A refeição terminou e ninguém havia comido. Demos graças pelo alimento que não comemos e cantamos um segundo hino, deixando então o refeitório em direção à sala de aulas. Fui uma das últimas a sair e, passando pelas mesas, vi uma das professoras pegar uma tigela de mingau e prová-lo. Olhou para as outras – todas expressavam seu desprazer – e uma delas, a mais robusta, disse à meia voz: ‘– Que porcaria! É vergonhoso!’” (BRONTË, 2010, p. 29).

alimentos. Ao seu redor, as outras meninas, todas movendo as colheres com extrema lentidão e fazendo um grande esforço para tentar engolir o mingau. Porém, em seguida, era possível ver os esforços diminuírem. As professoras também eram sujeitas aquela alimentação. É interessante como Jane afirma que o desjejum estava terminado, mas todas seguiam em jejum. Assim, deviam dar às graças aos céus pela comida que (não) haviam recebido, cantavam um segundo hino religioso e esvaziavam o refeitório. Conforme Jane saía do local, observava as professoras trocando olhares de desgosto pela comida e uma delas reclamando que aquilo era abominável, uma vergonha.

Embora as professoras fossem extremamente autoritárias e punissem as meninas com frequência, inclusive castigando-as com violência física e verbal, elas não apoiavam este tipo de serviço precário a que todas ficavam submetidas. No entanto, o responsável pelo Instituto Lowood era um homem corrupto e quase nunca estava presente no local, Mr. Brocklehurst. As professoras sofriam também com a precariedade e os maus tratos. Não é de se admirar que um surto de tifo toma conta do local, levando inúmeras vidas consigo, pois ninguém era muito saudável em virtude das péssimas condições de vida. Como alguém pode exercer seu trabalho com qualidade e ânimo elevado quando se está sendo mal pago, desvalorizado, subjugado ao comando de outros que abusam de suas posições de poder? Como estar em paz consigo mesmo quando não se consegue dormir ou pensar direito? Pois não há alimento, não há dignidade, não há respeito. Para Woolf (2019, p. 22) “um bom jantar é de grande importância para a boa conversa. Não se pode pensar bem, amar bem, dormir bem, quando não se jantou bem”.

During January, February, and part of March, the deep snows, and, after their melting, the almost impassable roads, prevented our stirring beyond the garden walls, except to go to church; but within these limits we had to pass an hour every day in the open air. Our clothing was insufficient to protect us from the severe cold: we had no boots, the snow got into our shoes and melted there: our ungloved hands became numbed and covered with chilblains, as were our feet: I remember well the distracting irritation I endured from this cause every evening, when my feet inflamed; and the torture of thrusting the swelled, raw, and stiff toes into my shoes in the morning. Then the scanty supply of food was distressing: with the keen appetites of growing children, we had scarcely sufficient to keep alive a delicate invalid (BRONTË, 2001, p. 291)<sup>94</sup>.

---

<sup>94</sup> “Durante janeiro, fevereiro e parte de março, as fortes nevascas e, depois que derreteram, as estradas quase intransitáveis, impediam que fôssemos além dos muros do jardim, a não ser para ir à igreja. Mas, mesmo dentro desses limites, tínhamos que passar uma hora ao ar livre, todos os dias. Nossas roupas eram insuficientes para nos proteger do frio severo: não tínhamos botas, a neve entrava pelos nossos sapatos e derretia ali; nossas mãos sem luvas ficavam entorpecidas e cobertas de escaras provocadas pelo frio, assim como nossos pés. Lembro-me bem da irritação que sentia todas as noites, por causa disso, quando meus pés se inflamavam; e a tortura de enfiar os dedos inchados, duros e em carne viva para dentro dos sapatos, todas as manhãs. Além disso, o escasso suprimento de comida era angustiante: com o aguçado apetite de crianças em crescimento, recebíamos apenas o suficiente para manter vivo um frágil doente” (BRONTË, 2010, p. 38).

Em outros momentos, as meninas deviam tomar seu “café da manhã” e em seguida marchavam, como pequenas soldadinhos, até a capela para a missa. Sob pena de punição e castigo caso não fossem. Mesmo em pleno inverno elas eram obrigadas a obedecer a essa rotina. Jane relata que não possuíam botas apropriadas para o frio, nem mesmo roupas, e que a caminhada até a igreja levava uma hora. A protagonista descreve o momento em que deve calçar os sapatos, porém seus pés estão em carne viva e inflamados, e assim realizar a caminhada até a igreja, após um mingau frio e queimado. Jane afirma nas últimas linhas que o equivalente que elas possuíam em alimentos e abrigo, serviria para apenas manter vivo uma pequena criança inválida.

From this deficiency of nourishment resulted an abuse, which pressed hardly on the younger pupils: whenever the famished great girls had an opportunity, they would coax or menace the little ones out of their portion. Many a time I have shared between two claimants the precious morsel of brown bread distributed at tea-time; and after relinquishing to a third half the contents of my mug of coffee, I have swallowed the remainder with an accompaniment of secret tears, forced from me by the exigency of hunger (BRONTË, 2001, p. 291)<sup>95</sup>.

É assustador pensar que um local como este funcionava com propósito educacional, onde se admitiam inúmeras crianças, meninas em sua totalidade. É triste averiguar nas cartas deixadas por Brontë que os piores momentos da narrativa eram verdadeiros, e eles envolvem tanto sofrimento, dor, miséria em todos os sentidos da palavra. Não apenas as meninas eram submetidas a esse péssimo tratamento, mas as professoras também. Não havia o suficiente para todas, então eram forçadas a compartilhar com a colega ao lado da mesa. Apesar de todo esse sofrimento, as meninas não eram companheiras umas das outras. Não havia um afeto e apoio mútuo, e nem todas chegavam vivas no próximo inverno. Não é possível culpar as meninas, uma vez que era travada uma luta pela sobrevivência.

Sundays were dreary days in that wintry season. We had to walk two miles to Brocklebridge Church, where our patron officiated. We set out cold, we arrived at church colder: during the morning service we became almost paralysed. It was too far to return to dinner, and an allowance of cold meat and bread, in the same penurious proportion observed in our ordinary meals, was served round between the services. At the close of the afternoon service we returned by an exposed and hilly road, where the bitter winter wind, blowing over a range of snowy summits to the north, almost flayed the skin from our faces. I can remember Miss Temple [...] by precept and example, to keep up our spirits, and march forward, as she said, “like stalwart soldiers.” The

---

<sup>95</sup> “Essa deficiência de alimento era um abuso que atingia com mais dureza as alunas mais jovens: sempre que as mais velhas tinham uma oportunidade, ameaçavam ou coagiam as mais novas para obter as suas rações. Muitas vezes tive que dividir entre duas reclamantes o precioso pedaço de pão preto distribuído na hora do chá. E depois de ter renunciado em favor de uma terceira à metade da minha caneca de café, bebi o restante com o acompanhamento de lágrimas secretas, arrancadas pelo tormento da fome” (BRONTË, 2010, p. 38).

other teachers, poor things, were generally themselves too much dejected to attempt the task of cheering others (BRONTË, 2001, p. 291)<sup>96</sup>.

Com isso podemos levantar a questão da desvalorização da profissão desde esse período. Não apenas eram mulheres que sofriam por sua condição natural, mas pela sua profissão também. Além de tudo, como é descrito no trecho abaixo, todas deviam ir até a igreja Brocklebridge para rezar, que curiosamente levava parte do nome do diretor da escola. Situação que já foi comentada, no entanto é necessário voltar ao assunto. Mesmo que não tivessem se alimentado ou estivessem vestidas a rigor para o frio elas eram obrigadas a ir. Após a missa, as meninas eram surpreendidas com pães com carne fria, o que lhes dava forças para retornar para o instituto, onde haveria a disputa para ver quem ficaria mais próximo da lareira. Geralmente as meninas maiores conseguiam tudo, em virtude de sua altura e força, já que obrigavam as menores a lhe entregarem parte de seus alimentos.

O fato de que vários desses acontecimentos descritos por Jane são mencionados como fatos verídicos da vida de Brontë ao ser enviada para uma escola semelhante a Lowood é desconsolador. Ao ser enviada para este local, com suas irmãs, um surto de tuberculose e tifo tomou o local, levando consigo duas meninas Brontë. Fato que fez o pai de Brontë ficar preocupado e buscar suas filhas de volta (HARMAN, 2015). Porém na história de Jane não havia ninguém que a buscasse. Ela tinha direito a um lar, porém lhe era negado. Fatos verdadeiros da vida da autora foram mencionados em diversas cartas deixadas por ela, publicados pela biógrafa Elizabeth Gaskell (1997) em 1857, dois anos após a morte de Brontë.

Com o passar dos meses e dos anos, Jane adquire algumas amigas no local, como Helen. Uma menina que vem a se tornar a melhor amiga de Jane. Uma amizade de extrema importância que marca o momento em que Jane passa a interagir com o outro, e assim, passa a conhecer e se identificar. Neste período de sua vida, Jane está questionadora com relação aos assuntos religiosos, chegando por vezes a questionar a veracidade da história bíblica. Helen é acometida pela tuberculose, ao contrário da maioria que era pelo tifo. A febre tifóide prostrou quarenta e cinco das oitenta meninas em Lowood. Contudo, já sabemos que a vida de Jane é marcada por perdas, Helen morre em seus braços em uma noite muito fria, relatando para Jane

---

<sup>96</sup> “Os domingos eram dias melancólicos, naquela estação gelada. Tínhamos que caminhar três quilômetros até a Igreja de Brocklebridge, onde oficiava o nosso patrono. Saíamos com frio e chegávamos com mais frio ainda: durante o serviço religioso estávamos quase paralisadas. Como era muito longe para retornar para o almoço, um pedaço de pão com carne fria era servido durante os serviços, nas mesmas miseráveis proporções das nossas refeições diárias. Ao final do serviço da tarde retornávamos por uma estrada aberta e montanhosa, onde o amargo vento do inverno – que soprava de uma cadeia de montanhas nevadas ao norte – quase nos arrancava a pele do rosto. Lembro-me de Miss Temple [...] com seu exemplo, a manter o ânimo e seguir em frente, dizia ela, “como leais soldados”. As outras professoras – coitadas! – geralmente estavam por demais abatidas para conseguirem animar alguém” (BRONTË, 2010, p. 38).

como seria o paraíso. Helen é também o primeiro contato verdadeiro de Jane com a morte, pois quando seus pais morreram ela era apenas uma criança de colo, e não tem memória disso. Porém com Helen foi diferente. Jane e Helen nutriam uma amizade de muito afeto e muito carinho uma com a outra. Tornando a separação e a perda muito difícil e dolorosa.

Mal sabia Jane que ela ainda ficaria muitos anos naquele local. Sendo constantemente retratada como “pequena, frágil e obscura”, Jane é uma personagem extremamente resiliente. Consegue sobreviver a nove anos em Gateshead Hall com os abusos de sua tia tirana Mrs Reed, mais oito anos em Lowood, o Asilo de Órfãs, que funcionava sob o pretexto de escola, a perda da melhor amiga, a falta de familiares e amigos. Jane encontra alguma solidariedade e empatia em Thornfield Hall, quando começa a trabalhar como preceptora para Mr Rochester, local que vai garantir à ela mais liberdade e autonomia para tomar suas próprias decisões.

Jane é apegada às alegorias bíblicas, mesmo sendo independente e autônoma. Seria um exagero de nossa parte exigir que ela se dispusesse contra os ensinamentos religiosos. Jane era filha de um clérigo, assim como a própria Brontë, isso nos informa que a religião era o alicerce responsável pela formação da identidade dela. No entanto, em grande parte de sua infância, Jane se torna questionadora dos ensinamentos, colocando em dúvida a própria existência de Deus, e como ele poderia permitir tanto sofrimento. Para a sociedade da época, a religião e a moral rigorosa representavam “manuais” de vida, como a Igreja, as leis do Estado, as leis familiares, etc.

Apesar de pertencer a uma família de condições financeiras significativas, Jane dependia de seu próprio esforço, pois fora desde cedo expulsa daquilo que deveria ter sido um lar. Do contrário estaria nas salas com as visitas, tocando piano e à procura de um bom pretendente para se casar, como Miss Ingram. Pelo contrário, Jane era jovem e sozinha no mundo, necessitava de um emprego e fora treinada para isso, para atender ao lar e às crianças que viessem a ficar sob seus cuidados.

Retornarei à “quarta parte” do romance, logo após Jane abandonar Rochester e ser encontrada, por acaso, por seus primos St. John Rivers, Mary e Diana. Recordando, Jane é resgatada por St. John da morte certa, necessitando de alguns dias para que se recuperasse plenamente de suas capacidades físicas e mentais pois havia dormido por vários dias em meio às florestas, no chão úmido sob um clima também carregado de chuvas, como é conhecido na Inglaterra, e descrito no romance. Havia ficado por dias sem conseguir comer nada que lhe desse forças ou que fosse nutritivo. Conforme passaram os dias, as semanas, St. John consegue um emprego para Jane, inferior a educação que ela havia recebido em Lowood. St. John lhe explica que é pobre e que se encontra tomado pelas dívidas deixadas por seu pai, que todo o

patrimônio que ele tem para receber é apenas a pequena granja e um terreno pantanoso próximo dela. Ou seja, não há muito que ele possa fazer com isso, infelizmente.

'What is the employment you had in view, Mr. Rivers?' [...]  
 'I am poor; for I find that, when I have paid my father's debts, all the patrimony remaining to me will be this crumbling grange, the row of scathed firs behind, and the patch of moorish soil, with the yew-trees and holly-bushes in front. I am obscure: Rivers is an old name; but of the three sole descendants of the race, two earn the dependent's crust among strangers, and the third considers himself an alien from his native country—not only for life, but in death. Yes, and deems, and is bound to deem, himself honoured by the lot, and aspires but after the day when the cross of separation from fleshly ties shall be laid on his shoulders, and when the Head of that church-militant, of whose humblest members he is one, shall give the word, "Rise, follow Me" (BRONTË, 2001, p. 301-302)<sup>97</sup>.

O que vem a ser importante neste trecho é a menção que St. John faz de três palavras que o ligam à personalidade de Jane e à sua identidade: pobre, obscuro e alien (no sentido de estranho, estrangeiro, forasteiro). Não vamos esquecer que Jane já utilizou duas dessas palavras antes, ao defender-se perante Rochester, e sentiu-se como uma “alienígena” durante toda a sua vida. St. John tem essa incrível semelhança com Jane, ou seja, ambos se sentem estranhos no país onde nasceram, por não pertencerem, não terem esse sentimento de pertencimento pois eles percebem-se diferentes dos demais. St. John faz uma afirmação terrível no trecho abaixo a ser mostrado: que o dia mais feliz será aquele em que ele se desligará do corpo e será levado pelo “Chefe” da sua Igreja, ou seja, o dia em que morrer. Por muito tempo Jane também se sentiu assim. Quando criança, em Gateshead Hall, diante das presenças terríveis de sua tia Mrs Reed e seus primos que a maltratavam constantemente, a menina caiu em uma depressão profunda, quase fatal. Depois conseguiu sobreviver aos horrores de Lowood e a um surto de Tifo. Mais tarde sobreviveu a trágica descoberta da omissão de Rochester e sua esposa. E por fim, sobreviveu à morte, à miséria, na porta de St. John, ao ser salva por este.

Ou seja, por mais que tenhamos visto como St. John a manipulou para que aceitasse o pedido de matrimônio, e procurou causar-lhe culpa religiosa, ameaças cristãs de repreensão e o dia do “juízo final”, percebemos que Jane e St. John não são tão diferentes. Não podemos esquecer como todos tinham uma forte doutrinação religiosa desde a mais nova infância,

<sup>97</sup> – Qual o emprego que o senhor tinha em vista para mim, Mr. Rivers?

Sou pobre. Descobri que, após pagar as dívidas do meu pai, todo o patrimônio que me restará vai ser esta granja, o bosque de álamos e o terreno pantanoso com os teixos e azevinhos em frente. Sou obscuro: embora Rivers seja um nome antigo, dos três únicos descendentes da raça, dois ganham a vida como empregados entre estranhos, e o terceiro se considera um estrangeiro na sua própria terra – não somente em vida, mas na morte. Sim, e julga-se, e é obrigado a julgar-se, muito honrado pela parte que lhe cabe, e não aspira senão pelo dia em que recaia sobre seus ombros a cruz da separação dos laços carnisais, e que o Chefe da igreja de que ele é um dos mais humildes membros dê-lhe a ordem: “Levanta-te e segue-me!” (BRONTË, 2010, p. 201-202).



principalmente aqueles indesejados e inferiorizados. E como as pessoas que se encontram em uma posição de poder usam deste dogma para dominar, estigmatizar, forçar e anular o outro para que se dobre às suas vontades, como fazia o diretor Brocklehurst, do asilo Lowood.

'No: why should I? I was sent to Lowood to get an education; and it would be of no use going away until I have attained that object.'  
 'But that teacher, Miss Scatcherd, is so cruel to you?'  
 'Cruel? Not at all! She is severe: she dislikes my faults.'  
 'And if I were in your place I should dislike her; I should resist her; if she struck me with that rod, I should get it from her hand; I should break it under her nose' (BRONTË, 2001, p. 46)<sup>98</sup>.

No fragmento acima, fica claro que a doutrina religiosa da moral e dos bons costumes havia funcionado, como percebemos isso? No momento em que Helen explica para Jane os atos tiranos de um professor ao torturar uma colega. Jane foi uma das meninas que estava sob a mira da perseguição de algumas professoras que abusavam de sua posição em sala de aula. O castigo, na maioria das vezes, incluía ficar em cima de um banco durante o dia todo, sem comer, sem beber nada e sem ir ao banheiro. Ali a menina ficava, poderia também sofrer surras e gritos por parte de toda a classe, quando a professora ordenava. As crianças gritariam palavras como mentirosa, dissimulada, entre outros termos que as crianças eram xingadas, principalmente Jane, ao se encontrar com Brocklehurst (o diretor). No final do fragmento é curioso ler a fala de Jane, que afirma com toda a sua força que jamais aceitaria este tipo de crueldade. Resistiria, e se necessário, pegaria a vara com que surravam as crianças e a quebraria. Jane é dotada de coragem e força para alguém tão pequena e tão frágil. O que nos leva a crer que embora tanto sofrimento tenha ocorrido em sua vida, ainda havia lugar para afeto, justiça e discernimento.

Esta é uma suposição diante da análise quase findada, que talvez, St. John não manipulava Jane de maneira totalmente consciente, há uma possibilidade de que ele realmente acreditava no que estava dizendo, afinal, era pároco e não podia entregar-se aos prazeres da carne. Não podendo casar-se com as duas moças que lhe atraíam os olhos. Logicamente, o certo seria casar-se com uma moça sem atrativo algum e que fosse disposta a lhe auxiliar em sua peregrinação, assim, ambos alcançando o reino do paraíso no dia da morte.

---

<sup>98</sup> “– Não! Por que deveria? Vim a Lowood para receber uma educação, e seria inútil ir embora antes de alcançar esse objetivo.

– Mas aquela professora, Miss Scatcherd, é tão cruel com você.

– Cruel? Não, de jeito nenhum! Ela é severa: corrige minhas faltas.

– Se eu fosse você, não gostaria dela. Eu a enfrentaria. Se ela me batesse com aquela vara eu a arrancaria das mãos dela e a quebraria debaixo do seu nariz” (BRONTË, 2010, p. 35).

He resumed:—'And since I am myself poor and obscure, I can offer you but a service of poverty and obscurity. You may even think it degrading—for I see now your habits have been what the world calls refined: your tastes lean to the ideal; and your society has at least been amongst the educated—but I consider that no service degrades which can better our race. I hold that the more arid and unreclaimed the soil where the Christian labourer's task of tillage is appointed him—the scantier the meed his toil brings—the higher the honour [...] (BRONTË, 2001, p. 302)<sup>99</sup>.

No segmento acima continuamos a perceber a semelhança entre St. John e Jane, o primo lhe afirma na primeira linha do trecho, que é pobre e obscuro, novamente ele repete as palavras. Teria Brontë repetido a frase de Jane sem perceber? Sem nenhuma intenção? O trabalho que St. John propõe à Jane é o de professora, em uma escola que ele mesmo está por abrir para as crianças pobres do local, mais precisamente às meninas, já que as escolas eram separadas por gênero. St. John afirma no trecho acima que, quanto mais difícil e árduo o trabalho do cristão, maior será a recompensa final. No entanto, por mais que estejam ajudando a si mesmos, também estão ajudando os outros, como as crianças da vila Morton, onde St. John mora.

'Morton, when I came to it two years ago, had no school: the children of the poor were excluded from every hope of progress. I established one for boys: I mean now to open a second school for girls. I have hired a building for the purpose, with a cottage of two rooms attached to it for the mistress's house. Her salary will be thirty pounds a year; her house is already furnished, very simply, but sufficiently [...] (BRONTË, 2001, p. 302)<sup>100</sup>.

Por fim, neste fragmento, St. John explica à Jane que não havia escola nenhuma no local, e que as crianças estariam, portanto, excluídas de todo e qualquer progresso, não teriam contato com nenhum conhecimento ou aprendizado a não ser o da lavoura, das fábricas e alfaiataria. St. John explica que, caso Jane aceite, ela terá de morar na pequena casa que está ligada à escola, já mobilhada, modesta, porém suficiente. O salário seria muito baixo, pois ele não tem condições de pagar algo de acordo com a educação de Jane. Contudo, como já foi discutido, sabemos que Jane aceita de coração aberto. Percebemos nos trechos citados as semelhanças entre ambos e que não seriam mera coincidência, pois St. John aparece na vida de Jane como seu segundo encontro romântico, conforme discutido no subtítulo do romance de formação ou

<sup>99</sup> “Continuou: – E como sou pobre e obscuro, só posso oferecer-lhe um trabalho pobre e obscuro. Talvez *você* o considere degradante – pois vejo agora que os seus hábitos são do tipo que se costuma chamar de refinados. Seus gostos são excelentes, e foi criada, pelo menos, entre pessoas de educação. Mas eu acho que nenhum trabalho é degradante quando melhora a nossa espécie. Sustento que quanto mais árduo e difícil o solo destinado ao trabalhador cristão – quanto mais árdua a sua tarefa – maior a recompensa. Nestas circunstâncias, seu destino é o mesmo do pioneiro. E os primeiros pioneiros do Evangelho foram os Apóstolos, comandados por Jesus, o próprio Redentor” (BRONTË, 2010, p. 202).

<sup>100</sup> “Quanto cheguei a Morton, dois anos atrás, não havia escola: os filhos dos pobres não tinham esperança alguma de progredir. Consegui criar uma escola para meninos, agora desejo abrir uma para meninas. Aluguei um prédio para esse fim, com uma casinha de duas peças anexa para a residência da professora. Seu salário será de trinta libras por ano. A casa já está mobiliada – de modo simples, mas suficiente” (BRONTË, 2010, p. 202).

*bildungsroman*, percebemos como esse personagem não é por acaso e não é sem importância, ele é causa da salvação de Jane. De certa forma, St. John atua como um salvador, além de pároco e teoricamente, um dos personagens mais dogmáticos e corretos segundo a doutrina cristã, que aparece na vida de Jane. É através dele que ela receberá sua herança e mudará totalmente de vida e de posição social, ainda não podemos esquecer que se trata de uma ascensão social também. A heroína passa por diversas provações, sofrimentos, privações, para triunfar no final do romance. É St. John que lhe oferece isso tudo, por não permitir que uma pobre mulher morresse de fome em sua porta. Se considerarmos a “política de leis e normas do bons cristão”, podemos inferir que St. John apenas salvou Jane, sem conhecê-la, por medo da providência divina, por temer que fosse perder a sua tão esperada mansão no paraíso. É importante aqui considerar as inúmeras referências bíblicas que Jane (Brontë) insere em sua narrativa ficcional, mostrando a criação católica de Jane, e sua paz em segui-la.

Ao somar todos estes pontos principais: a infância de Jane sob os conceitos e normas cristãs, suas provações morais durante a vida, a salvação através de St. John, percebemos que o romance procura retratar a salvação pela fé e crença nos princípios e valores da Igreja. Isso fica claro e transparente com as duas últimas páginas, Jane encerra sua narrativa com dois longos parágrafos repletos de elogios para St. John e sua merecida salvação perante os céus, que era o que ele tanto buscava. Outra forma de “perceber” este final é não desistir de si mesmo em tempos difíceis, mas, principalmente, não desistir das suas crenças, sejam elas religiosas ou não. Jane precisou zelar por si mesma desde a infância, prezou por seu caráter e valorizou a si mesma quando ninguém mais o fez, isso lhe auxiliou a alcançar seus objetivos finais com êxito.

### 3.2 JANE E ROCHESTER: ENCONTRO POR UM FIO

Reservei o último tópico para abordar uma das surpresas mais esperançosas e emocionantes do romance de Brontë: o encontro de Jane e Rochester, em um sentido amplo, como ambos sendo tão diferentes um do outro, e ainda assim, terem os mesmos sentimentos. Ambos partilharam uma vida de sofrimentos, de tristezas, de traições e abandono familiar. Jane fora excluída e rechaçada a vida toda por Mrs Reed, pelos três primos com quem ela teve que dividir o lar e sem ter conhecido os pais nem os tios. O leitor descobre ao final do romance, que seus tios gostavam e nutriam sentimentos afetuosos e carinhosos por ela. Com Rochester não foi muito diferente, embora tenha, afinal, nascido homem, teve a oportunidade de frequentar a universidade, Jane não usufruiu do mesmo direito, como sabemos. Rochester perdeu sua mãe logo cedo, assim, ficaram apenas ele, seu pai e seu irmão, Rowland. O pai era um homem

avarento e ganancioso, não admitira dividir suas terras com ambos os filhos, então, como Rowland era o mais velho, ficou morando com ele. Para Edward (Mr. Rochester no romance), havia negociado um casamento, sem o conhecimento do filho. Rochester retornou da universidade e já estava com o casamento marcado com uma moça jovem, muito bela, Bertha Mason e com uma grande quantia de dinheiro como dote, trinta mil libras. Rochester casou-se com a moça sob ordens de seu pai e seu irmão, nunca conheceu a família toda da moça, acabou descobrindo muito tarde que a mãe dela sofria gravemente de doenças mentais e estava internada em um manicômio. Descobriu também logo que casou, que sua esposa estava caminhando para o mesmo destino da mãe, infelizmente. Porém, a pior descoberta certamente foi esta: seu pai e irmão sabiam de tudo, mas estavam interessados no dote. Logo que Bertha adoeceu, Rochester foi expulso da família, ficando completamente abandonado com sua esposa doente. E então, como esta história dialoga com a vida de Jane?

Sabemos que mais adiante no romance, quando Jane já está trabalhando em Thornfield Hall, que sua tia envia uma carta, exigindo que Jane a visite, urgente. Jane parte, assustada, pois nunca em sua vida havia recebido uma visita de sua tia desde que saiu de Gateshead Hall. Jane chega ao local e reencontra as primas, Eliza e Georgiana, duas moças frias, insensíveis, desagradáveis, fúteis e interesseiras. John se tornou um avarento viciado em jogos e na bebida, logo estaria morto devido ao péssimo estilo de vida que levava. Mrs Reed estava gravemente doente e queria o perdão de Jane antes de morrer. Relembramos aqui da penitência e da moral cristã, que faz com que todos tenham medo da existência pós-morte e do julgamento final. Mrs Reed ao reencontrar Jane a trata como sempre o fez, porém, Jane agora é mais calma, pacífica, menos emotiva e explosiva. Conversa calmamente com sua tia, que lhe entrega uma carta já antiga, de seu tio, Mr. Eyre, da Ilha de Madeira. Este queria adotar Jane, ao saber que ela estaria órfã, e como ele não havia casado nem tinha filhos, ele adoraria e cuidaria da menina. Mrs Reed, tomada pela raiva e rancor que sentia por Jane, jamais a informou do ocorrido. Agora era provável que o homem já não quisesse mais ou já tivesse falecido.

Percebemos como Rochester e Jane foram excluídos de suas famílias e mantidos fora delas mesmo com boas chances de convivência. Jane não precisaria ter tido a vida que teve. Nem passado pelas privações que passou, assim como Rochester, sempre à sombra do irmão mais velho e favorito. É curioso também como o pai de Rochester aplicou o conhecido “golpe do baú” na família Mason, ao mesmo tempo que para o pai de Bertha pode ter sido reconfortante, pois em alguns anos não seria possível casá-la quando já estivesse doente, porém, conseguiu fazer com que a responsabilidade pelo bem estar da filha caísse sob outro, o marido. Notamos a situação trágica de Rochester e Bertha, entregue a um estranho, longe da família,

um homem que não a conhecia e fora enganado, traído. Assim como Jane, Rochester não conheceu carinho ou afeto familiar, o pouco que teve de sua mãe, desapareceu em anos de amargura e solidão, mesmo com pai e irmão vivos, vivendo às custas de seu sofrimento.

Outra questão que deve ser apresentada é os dois portam-se perante as leis da moral e da culpa religiosa. Janedemonstra ter alguma crença católica, porém Rochester parece não fazer parte do mesmo mundo. Ele explica a ela como fora novamente traído ao se encantar pela sedução de uma dançarina francesa, Celine Varens, mãe de Adèle. Havia dado a ela jóias, diamantes, roupas caríssimas dos tecidos mais nobres, e descobriu que Celine estava atuando em complô com um homem mais jovem que ele, ambos estavam usando-o para conseguir artigos caros. Assim que Rochester descobriu a traição de Celine, desistiu de procurar alguém. A experiência lhe promoveu sabedoria, pois ele sabia que Blanche Ingram estava tentando usá-lo para conseguir uma boa fortuna. Como Rochester possuía essa herança se o mesmo passou por grandes infortúnios? Mrs Fairfax compartilha avidamente com Jane que ele passou a morar com o irmão, Rowland, e que este morreu sem deixar um testamento, fazendo Rochester dono de tudo. Sabemos também que no decorrer do romance, Rochester nunca residiu por muito tempo em Thornfield Hall pois não conseguia permanecer na casa, foram muitas memórias e lembranças dolorosas somadas ao sentimento de rejeição durante sua vida.

Agora compreendemos como Rochester sentiu paz e plenitude diante de Jane, já que ela havia sido honesta com Rochester desde o primeiro contato e ambos partilhavam memórias dolorosas infligidas pela família. Jane é destemida, embora seja vista ao longo do romance como uma moça frágil, pequena, que aparenta ter um corpo juvenil.

Jane não julga Rochester de maneira severa quando este partilha dos seus pecados e de suas falhas. Jane sabe que Rochester age impulsivamente e acaba caindo em tantas paixões sem futuro, momentâneas, pois está terrivelmente magoado, quebrado por dentro. E a lei não lhe permite o divórcio. Rochester mantém Bertha presa em um quarto em Thornfield Hall, com comida, água, cuidados, e com segurança contra o perigo que ela representa. Embora ela consiga escapar e causar a tragédia final no romance, um grande incêndio, do qual ela acaba morrendo, o leitor não tem os meios para compreender se foi realmente um suicídio, pois ela sofria de uma doença mental (ou mais de uma). Rochester tenta salvá-la e acaba sofrendo graves queimaduras, ficando cego e perdendo um braço no desastre, pois a mansão desmorona. De certa forma Bertha liberta Rochester para casar-se novamente, fato que ocorre quando Jane sai a procurar por ele.

'There again! Another stick of the penknife, when she pretended to pat my head: and that is because I said I did not like the society of children and old women (low be it spoken!). No, young lady, I am not a general philanthropist; but I bear a conscience;' and he pointed to the prominences which are said to indicate that faculty, and which, fortunately for him, were sufficiently conspicuous; giving, indeed, a marked breadth to the upper part of his head: 'and, besides, I once had a kind of rude tenderness of heart. When I was as old as you I was a feeling fellow enough; partial to the unfledged, unfostered, and unlucky; but fortune has knocked me about since: she has even kneaded me with her knuckles, and now I flatter myself I am hard and tough as an India-rubber ball; pervious, though, through a chink or two still, and with one sentient point in the middle of the lump. Yes: does that leave hope for me?' (BRONTË, 2001, p. 112-113)<sup>101</sup>.

Neste fragmento, Jane questiona se Rochester procura ser bondoso e filantrópico com os menos afortunados, Rochester fica consternado, porém é sincero com Jane. Essa discussão é oriunda das situações em que Jane percebe um certo rancor em direção à Adèle, que Rochester não é tão afetuoso com a menina, sem saber se é sua filha ou não. Segundo a mãe da menina, que fora amante de Rochester, Celine, Adèle seria filha legítima dele, porém, Jane percebe que a menina não possui nenhum traço de Rochester. Assim mesmo, Rochester traz Adèle da França e enche a menina com mimos, ele não é afetuoso, porém, não permite que nada falte e que ela não sofra privações, embora sinta que não é o pai dela. Podemos inferir que este sentimento é originado pela sua relação desagradável com seu próprio pai, ou por Rochester simplesmente se sentir culpado caso a menina realmente seja sua filha e acabasse crescendo dentro de um bordel. Acaba trazendo a menina para a Inglaterra e fornece a ela todos os meios materiais para ser uma moça bem-sucedida, de acordo com os conceitos do período.

'Repentance is said to be its cure, sir.'

it is not its cure. Reformation may be its cure; and I could reform—I have strength yet for that—if—but where is the use of thinking of it, hampered, burdened, cursed as I am? Besides, since happiness is irrevocably denied me, I have a right to get pleasure out of life: and I *will* get it, cost what it may.'

'Then you will degenerate still more, sir.'

'Possibly: yet why should I, if I can get sweet, fresh pleasure? And I may get it as sweet and fresh as the wild honey the bee gathers on the moor.'

it will sting—it will taste bitter, sir.'

'How do you know?—you never tried it. How very serious—how very solemn you look: and you are as ignorant of the matter as this cameo head' (taking one from the

<sup>101</sup> “– Longe disso, senhor. Acharia rude da minha parte perguntar-lhe se é um filantropo? – Mais essa! Outra estocada com a faca afiada, quando ela pretende elogiar minha cabeça! E isso só porque eu disse que não gostava da companhia de crianças e de mulheres mais velhas (falemos baixo!). Não, minha jovem, geralmente não sou um filantropo, mas tenho consciência. E ele apontou, na própria cabeça, as proeminências que se imagina indiquem a consciência e que, para sorte dele, eram bastante desenvolvidas e emprestavam à parte superior da sua cabeça uma largura marcante. – Além disso – ele continuou – eu já tive um tipo de rude ternura no coração uma vez. Quando tinha a sua idade eu era um rapaz sentimental, defensor dos imaturos, infelizes e desvalidos. Mas o Destino me maltratou desde então: até mesmo me amassou entre os dedos, e agora me orgulho de ser duro e rijo como uma bola de borracha indiana. Permeável, talvez, através de uma ou duas frestas, e com um ponto sensível no meio da massa bruta. E então: há alguma esperança para mim?” (BRONTË, 2010, p. 77).

mantelpiece). You have no right to preach to me, you neophyte, that have not passed the porch of life, and are absolutely unacquainted with its mysteries.'  
 i only remind you of your own words, sir: you said error brought remorse, and you pronounced remorse the poison of existence' (BRONTË, 2001, p. 116-117)<sup>102</sup>.

No trecho acima, Jane repreende Rochester, afirmando que este irá se corromper ainda mais, caso continue com essas paixões corriqueiras, que está se degenerando e que deveria procurar viver melhor sob a conduta cristã moralista do período, para que possa ter uma morte sossegada sem preocupações. Embora Rochester se oponha às ideias de Jane, ela repete as palavras de Rochester no final do fragmento, ditas em outro momento por ele, que um dos piores erros é o remorso, e que este tipo de sentimento pode envenenar uma vida inteira. Isso faz referência ao que foi vivenciado pela Mrs Reed quando ela está em seu leito de morte e chama por Jane para pedir perdão, porque não conseguiria morrer em paz sem que Jane a perdoasse e lhe garantisse total tranquilidade. É também irônico como a doutrina católica funciona, a pessoa pode maltratar outra durante anos a fio, mas desde que se arrependa, então o portão do paraíso se abrirá. Faz com que os males da humanidade não tenham grande significado nem impacto diante do perdão divino.

Desejo chamar a atenção novamente para Thornfield Hall, é nele que dois tópicos principais deste romance irão se desenvolver: Jane se sente uma estranha, excluída, deslocada e sem identidade, encontrando conforto na personalidade de Rochester. Visto que ele também se vê como um estranho que foi moldado às custas do pai, que com ele lhe era hostil e manipulado pelos valores dos outros a sua volta. Rochester também encontrará conforto e serenidade em Jane pois ambos se sentem externos e desprendidos do mundo. O segundo ponto crucial desta narrativa, reside no desejo de autonomia e independência econômica de Jane. Percebendo desde criança que as pessoas não são dignas de confiança e que geralmente a menosprezam, Jane percebe a importância de não depender de ninguém. Ela busca por trabalhos

---

<sup>102</sup> – Dizem que a sua cura é o arrependimento, senhor.

– Não, o arrependimento não é a cura. A regeneração é que pode ser a cura, e eu podia me regenerar. Ainda tenho força suficiente para isso, se... Mas qual é a utilidade de pensar nisto, tolhido, oprimido e amaldiçoado como estou? Além disso, como a felicidade me é irrevogavelmente negada, tenho direito de conseguir o prazer fora da vida, e *hei* de consegui-lo, custe o que custar.

– Então vai degenerar ainda mais, senhor.

– Possivelmente. E porque me preocupar, se posso conseguir um doce e suave prazer? E posso obtê-lo tão doce e fresco como o mel silvestre que as abelhas colhem das plantas.

– Esse mel será ácido... terá um gosto amargo, senhor.

– Como é que você sabe? Nunca o provou. Você parece tão séria, tão solene e, no entanto, é tão ignorante nessa questão quanto esta cabeça de camafeu (e apanhou uma cabeça de camafeu que estava sobre o consolo da lareira). Você não tem o direito de me passar sermões, é uma novata que nem passou pelo pórtico da vida, e não tem intimidade alguma com os seus mistérios.

– Lembro-lhe apenas de suas próprias palavras: o senhor mesmo disse que o erro traz o remorso e que o remorso é o veneno da existência” (BRONTË, 2010, p. 79-80).

inclusive braçais e considerados masculinos para a época, contanto que a permitissem fazer e lhe pagassem pelo serviço prestado. Enquanto isso, Rochester acaba herdando as posses de seu irmão, poderíamos dizer que Rochester tem uma vida mais leve e mais fácil em virtude disso, não exatamente. Embora Jane não possuísse grandes propriedades, poder monetário e status social, ela recebeu uma boa educação, conhecimento, experiência e conseguiu realizar algumas amizades no meio do caminho, descobrindo inclusive três familiares no final do Romance, que lhe eram e seriam muito afetuosos e queridos. Rochester, apesar da promessa de luxo e conforto, foi tragicamente unido a uma moça doente, foi roubado de seu dote de matrimônio pelo próprio pai e irmão, e preso a um casamento mentiroso desde muito jovem, ficando preso para o resto da vida. A lei matrimonial do período era quase inexistente pois a Igreja era unida ao Estado, ditando as normas e as leis morais que eram resquícios de um estado autoritário puritano.

Neste tópico também é preciso mencionar a importância para Jane e Rochester de receberem afeto e terem a estabilidade familiar que foi o que mais faltou durante suas vidas. Jane não possuía família para chamar de sua, para se apoiar emocionalmente e financeiramente. Rochester teve por um tempo, vivendo sempre como o último, o desagradável, o não-escolhido, sofrendo com o favoritismo do pai em relação ao irmão mais velho. Jane, sofria com o favoritismo da tia Mrs Reed, e do abandono de sua família, querendo ou não, fora abandonada por outros familiares, ficando dependente totalmente da tia Mrs Reed, sem ter para quem recorrer. Quando Jane cai em uma situação trágica, de vida ou morte, St. John lhe auxilia, sem ele, Jane estaria morta. Não teria recebido sua herança final, nem mesmo reencontrado Rochester e casado com ele. Quando Rochester fica enfermo e vira um deficiente, não há família para lhe socorrer, porém, como este era um bom patrão e boa pessoa, mesmo que amargurado pela vida, Mrs Fairfax e outros empregados da casa lhe auxiliam, cuidando dele, até que Jane chega, sem avisar ninguém. De acordo com Gubar e Gilbert (1980), agora Rochester e Jane são dois seres que estão no mesmo nível de compreensão um do outro e de limitações. Rochester aparentemente está livre do seu tormento, que era Bertha, porém sofreu perdas no caminho, não tendo mais tanta facilidade para se locomover sozinho e viver a vida que vivia antes de conhecer Jane. Agora que Rochester está deficiente, aproxima-se emocionalmente de Jane, preso, impedido, talvez revoltado com sua situação física. Após vivenciar as severas lições da vida, ele está livre do triste casamento com Bertha e pode unir-se com quem realmente ama, Jane.

Embora sejam de sexos diferentes e de posições sociais diferentes, Rochester e Jane se parecem muito no que diz respeito a seus estados emocionais no romance. O sofrimento de se sentir sempre excluído, indesejado, odiado, um estrangeiro em sua própria terra, em seu próprio lar. Isso comprova que não apenas pessoas pobres, de determinada etnia, crença sofrerá mais



que os outros. Os infortúnios da vida afetam a todos de maneiras diferentes. O sofrimento não é paralelo apenas a um grupo. Certamente “*Jane Eyre*” e Jane ensinam, além das lições morais e religiosas, a exercer empatia e a compaixão com o próximo, não importa quem seja.

Jane se posiciona igualmente a Rochester ao longo do romance, em nenhum momento ela pensa ser inferior ou superior a ele por qualquer motivo. Jane sabe que precisa impor seu direito de existir e de exigir o que lhe foi negado por anos a fio, mesmo que ninguém mais cuide dela, ela o fará. Jane expõe da seguinte maneira: “I am not talking to you now through the medium of custom, conventionalities, nor even of mortal flesh—it is my spirit that addresses your spirit; just as if both had passed through the grave, and we stood at God's feet, equal,—as we are!” (BRONTË, 2001, p. 215-216)<sup>103</sup>.

### 3.3 ALINHAVANDO JANE EYRE

Neste tópico discutiremos o capítulo final de *Jane Eyre* e suas repercussões. É imprescindível considerar o *hiatus* deixado entre o penúltimo capítulo e o último. Há uma interrupção na história de uma década inteira. São dez anos entre o “feliz para sempre” e o “não tão felizes assim, mas tudo bem”, descrito por Jane. Dez anos de casada, mãe e cuidadora que se passam sem que a protagonista tivesse a necessidade de relatar para os leitores que a acompanharam durante sua jornada. Devemos lembrar que o casamento foi uma escolha própria dela, que ela não precisava ter se casado, pois havia recebido a herança familiar. E de que possuía um local para morar, junto de suas primas. Porém, Jane ainda nutria sentimentos de amor e carinho por Rochester, fazendo com que ela tornasse a procurá-lo e ter conhecimento do que teria acontecido com ele após sua fuga de Thornfield Hall. Início esta última parte da pesquisa com a seguinte pergunta: é possível afirmar que há um “final feliz” em “*Jane Eyre*”?

A felicidade de Jane em ter encontrado parentes é outro tópico importante no final da história. A menina que era indesejada e rejeitada por todos, agora possuía uma família mais que completa. Duas primas que considera suas irmãs, um primo, um esposo, uma enteada e um filho. Para a época, é notável como esta era uma família com uma formação um pouco diferente, porém era tudo que Jane precisava. Pessoas que, sem conhecê-la de fato, a auxiliaram em momentos de necessidade.

---

<sup>103</sup> “Não estou lhe falando através do costume, das convenções ou da carne mortal: é o meu espírito que se dirige ao seu, como se os dois houvessem passado pelo túmulo e agora estivessem aos pés de Deus, iguais – como somos” (BRONTË, 2010, p. 146).

'We are cousins; yes.'

I surveyed him. It seemed I had found a brother: one I could be proud of,—one I could love; and two sisters whose qualities were such that, when I knew them but as mere strangers, they had inspired me with genuine affection and admiration. [...] Glorious discovery to a lonely wretch! This was wealth indeed!—wealth to the heart!—a mine of pure, genial affections. This was a blessing, bright, vivid, and exhilarating;—not like the ponderous gift of gold: rich and welcome enough in its way, but sobering from its weight. I now clapped my hands in sudden joy—my pulse bounded, my veins thrilled.

'Oh, I am glad!—I am glad!' I exclaimed.

St. John smiled. 'Did I not say you neglected essential points to pursue trifles?' he asked. 'You were serious when I told you you had got a fortune; and now, for a matter of no moment, you are excited.'

'What can you mean? It may be of no moment to you; you have sisters, and don't care for a cousin; but I had nobody; and now three relations,—or two, if you don't choose to be counted,—are born into my world full grown. I say again, I am glad!' (BRONTË, 2001, p. 328)<sup>104</sup>.

No excerto, podemos ver como Jane afirma pela primeira vez, sentir-se feliz de verdade, ao saber que tem primos e que estes apreciam a companhia dela e ela a deles. Este é um ponto importante no romance, que Jane apreciava a companhia de seus primos, visto que no início da história ela afirma não sentir amor nenhum por sua tia Mrs Reed e seus primos Eliza, Georgiana e John. No final do diálogo Jane expõe um pensamento muito importante, a sua alegria em saber que havia laços de sangue entre ela, St. John, Mary e Diana. St. John não compreende a alegria de Jane, pois este cresceu ao lado de duas irmãs que o amavam, enquanto Jane cresceu sem conhecer o afeto de nenhum familiar. St. John afirma que ao receber a notícia da herança, Jane não pareceu se importar muito, mas com a notícia de que eles eram todos primos, ela vibrou de alegria.

Estaria Jane tão errada, tão passível de críticas e repressões negativas por ter se casado com Rochester, ou teria ela feito o “melhor” considerando sua situação e posição no contexto da época? Há um retrocesso? E seria ético e moral julgar Jane por sua escolha final? Para respondermos a essas perguntas, devemos considerar quatro pontos principais: 1º) Jane escolheu se tornar esposa mesmo que ocupasse uma posição submissa ao marido, considerando

---

<sup>104</sup> “– Somos primos, sim.

Observei-o. Sentia como se tivesse encontrado um irmão. Um irmão de quem podia me orgulhar, a quem podia amar. E duas irmãs, cujas qualidades eram tais que, mesmo quando as conhecera como simples estranhas, inspiraram-me sincera afeição e admiração. [...] Que gloriosa descoberta para uma infeliz solitária! Isso era a verdadeira riqueza! A riqueza do coração! Uma mina de afetos puros e felizes. Era uma verdadeira bênção: brilhante, vívida e revigorante. Não era como a dádiva do ouro, pesada e medida: bem-vinda ao seu modo, mas moderada no seu efeito. Bati palmas, numa explosão de súbita felicidade... Meu pulso se acelerou, minhas veias latejavam. – Oh! Estou feliz! Estou feliz! – exclamei. St. John sorriu.

– Eu não disse que você esquece os pontos essenciais para se ocupar com ninharias? – perguntou. – Quando lhe contei que ganhou uma fortuna, ficou séria. E agora, por uma coisa sem importância, está exultante.

– O que quer dizer? Pode não ter importância para o senhor, pois tem irmãs e não liga para uma prima. Mas eu não tinha ninguém, e agora três parentes – ou dois, se o senhor prefere não ser incluído – surgiram no meu mundo adulto. Repito: estou feliz!” (BRONTË, 2010, p. 219-220).

o contexto da época vitoriana, em que a mulher devia obediência e subjugação ao marido (ACTON, 1967); 2º) Jane não apenas escolheu se casar, como assumir a posição de cuidadora de Rochester, visto que ele perdeu um braço e está cego. Jane não será apenas esposa, como responsável por parte das necessidades básicas de seu marido. Como alimentação, troca de roupas, cuidados para que ele não se machuque, condução a outros locais, auxílio em inúmeras tarefas; 3º) além dos dois pontos já citados, ela também decidiu se tornar mãe. Decidiu que mesmo com essas responsabilidades ela teria condições de cuidar de mais uma criança, lembrando que Rochester mandou Adèle para uma escola apropriada. E por último, mas com certeza o mais importante, é o fato de que Jane é uma mulher independente economicamente, ou seja, ela tomou todas essas decisões sem necessitar de uma estabilidade financeira para sobreviver. Ela decidiu ficar com Rochester porque quis. E qual o pecado nisso? Em ficarmos ao lado de quem nos compreende e nos ama?

Relembramos aqui o quanto Jane sofreu em sua vida, não apenas sofrimento psicológico, suficiente para gerar traumas para o resto da vida, mas sofrimentos físicos. Jane sofreu abusos físicos sob os “cuidados” de sua tia Mrs Reed, e com os primos. Até mesmo as criadas da casa tinham a liberdade para maltratá-la. Foi torturada na infância por um sistema educacional, no mínimo, perturbador. Sofreu privações, como a fome, frio e miséria de carinho, atenção, cuidados. Sentiu-se excluída, e não apenas isso, mas rejeitada por quase todos os ambientes que passou durante sua juventude. Foi através de poucas amizades que Jane encontrou com outras meninas que passaram pelo mesmo que ela. Em Lowood, Jane cultivou e perdeu amizades. Em Thornfield Hall, Jane encontrou o carinho e a amizade em Mrs Fairfax, que lhe aconselhava e lhe tratava com respeito e amor. Em Rochester, Jane encontrou a si mesma no Outro, aquele que também fora rejeitado e incompreendia as futilidades da vida humana. Jane conseguia dialogar e ser respeitada por Rochester, e ele com ela. Por si só, esses fatos deveriam bastar para Jane tomar a decisão final.

Mas Jane também recebeu uma herança, farta o suficiente para dividir com seus primos, generosa como sempre e movida pela culpa cristã de retribuir o bem que recebeu. Ainda assim, Jane organizou a sua vida, e depois de estar independente economicamente, ela decide ir em busca de Rochester. Para o período vitoriano, uma mulher sozinha com certeza estaria em busca de um casamento, principalmente como meio de sobrevivência, e como forma de ascender socialmente. Jane fez a melhor escolha que poderia na situação em que se encontrava, e levando em consideração todo seu passado e sua vivência em Thornfield Hall.

Após a leitura do romance, fica a questão: o que a fez interessar-se por um homem muito mais velho do que ela? Por que ela não ficava interessada por homens moços e elegantes?

Levando em consideração que Rochester é rude e, ao que tudo indica no romance, bruto. Outra situação que a coloca ainda mais em perigo é sua ingenuidade e inexperiência em assuntos amorosos considerando-se a sua idade, aparência frágil e a grande diferença de idade entre ambos. No primeiro encontro de Jane e Rochester, ela afirma notar que ele possui em torno de trinta e cinco anos, neste momento, ela já tem em torno de dezenove, talvez vinte. Jane sempre fora independente das pessoas ao seu redor, isso é comprovado quando ela foge de Thornfield Hall. Porém, nem sempre significa que ela será independente emocionalmente, principalmente de seu marido, e agora filhos, seu primogênito e Adèle. Jane sofre emocionalmente durante o romance, mesmo sendo uma mulher que busca a independência a todo custo, em virtude de tanta miséria e privações que teve ao longo de sua infância, causados por outras pessoas de quem ela dependia. Isso gerou traumas e ramificações que se mostram na vida adulta.

He had a dark face, with stern features and a heavy brow; his eyes and gathered eyebrows looked ireful and thwarted just now; he was past youth, but had not reached middle age; perhaps he might be thirty-five. I felt no fear of him, and but little shyness. Had he been a handsome, heroic-looking young gentleman, I should not have dared to stand thus questioning him against his will, and offering my services unasked. I had hardly ever seen a handsome youth; never in my life spoken to one. I had a theoretical reverence and homage for beauty, elegance, gallantry, fascination; but had I met those qualities incarnate in masculine shape, I should have known instinctively that they neither had nor could have sympathy with anything in me, and should have shunned them as one would fire, lightning, or anything else that is bright but antipathetic (BRONTË, 2001, p. 96-97)<sup>105</sup>.

No fragmento acima fica claro o que chamou a atenção de Jane, o sentimento que a presença dele despertava nela. Ela não se sentia insegura ou temente. Pelo contrário, Jane afirma que se tivesse sido o contrário, um moço jovem e belo, ela jamais ousaria questionar ou oferecer ajuda abertamente sem que o jovem lhe dirigisse a palavra primeiramente. Jane afirma também que nunca teve contato com homens jovens, ou seja, este é o primeiro contato físico e direto com um homem desde que Jane entrou na idade adulta. Quando fora criança, havia sido visitada pelo boticário<sup>106</sup> que residia próximo de Gateshead Hall. Visto que sua tia Mrs Reed se recusava a chamar pelo médico da família. Podemos compreender também que Jane, por não ser atraente

---

<sup>105</sup> “Tinha a face morena, de traços severos e semblante fechado. Seus olhos e sobrancelhas franzidas pareciam cheios de cólera. Já não era jovem, mas ainda não chegara à meia-idade. Trinta e cinco anos, talvez. Não tive medo dele, só um pouco de timidez. Se ele fosse um jovem cavalheiro, bonito e heroico, não teria ousado parar ali questionando-o contra sua vontade, e oferecendo meus serviços não solicitados. Eu raramente vira um jovem bonito, e nunca falara com um em toda a minha vida. Tinha uma reverência teórica pela beleza, a elegância, a galanteria e a fascinação. Mas se encontrasse essas qualidades encarnadas na forma masculina, saberia imediatamente que elas jamais poderiam ter simpatia por alguém como eu, e as teria evitado como faria com o fogo, a luz, ou qualquer coisa que fosse brilhante, mas hostil” (BRONTË, 2010, p. 67).

<sup>106</sup> Um boticário, hoje em dia, seria algo semelhante a um farmacêutico que também é dono da farmácia. Ele possui conhecimento de plantas, raízes, ervas e carregava consigo alguns medicamentos que ele mesmo fabricava.

fisicamente, nem possuidora de grande herança, não era interessante aos olhos dos jovens rapazes. Uma moça que ainda não possuía muito experiência na vida urbana e pública, mesmo que se encontrasse ainda no interior, ficaria facilmente impressionada com os sentimentos que despertassem em si.

Ainda que Jane precisasse agora cuidar de seu marido, que estava cego e sem um membro, Jane havia decidido assumir esta posição. Rochester, após o grande incêndio que levou Thornfield Hall estava mais humilde, menos rude, e os sentimentos de tristeza e solidão sumiram quase que por completo no dia que Jane havia retornado, em busca de seu amor. Antes, Jane estava em uma situação de submissão e necessidade com Rochester, precisava do trabalho e do salário para se manter. Se não tivesse sido encontrada por St. John, teria morrido, pois as pessoas do vilarejo não a acolheram. Porém, Jane sabia que agora quem precisava de ajuda era Rochester, e ela estaria ali para ajudá-lo e guiá-lo, mesmo com uma diferença de quinze anos de idade ou mais. O que precisamos entender, talvez, seja que para Jane e Rochester isso realmente não é um fator que implique, e sim como um se sente em relação ao outro.

Marry a man with whom you were emotionally compatible if you could, but marry a man of material means you must, such novels as *Pride and Prejudice* (1813) and *Emma* (1816) seemed to say, or else face the degradation of impoverishment or, worse, the need to work for a living. Given that the population under twenty-five years of age shot up from 46 to 58 percent of the population between the mid-eighteenth century and the beginning of Victoria's reign in 1837, courtship rituals to ensure that deserving women would meet and win the hearts of eligible men could not have been considered a frivolous activity (ARMSTRONG, 2005, p. 97)<sup>107</sup>.

Na citação acima fica clara a situação que inúmeras moças como as primas de Jane, incluindo Eliza e Georgiana, assim como Mary e Diana precisavam fazer: os rituais de namoro, ou seja, permanecer na sala, tocar um instrumento musical, ser bela fisicamente, ter algum conhecimento culto, era uma questão de sobrevivência. Isso, os romances de Jane Austen apresentaram claramente no início do século. O exemplo que temos em Jane Eyre é o “ritual” realizado por Blanche Ingram, descrito na narrativa. No entanto, Rochester não se casou com ela, sabia que precisava de um esposo com posses materiais para manter uma vida de luxo e sem precisar trabalhar, como Mary e Diana estavam fazendo antes da herança chegar à Jane.

---

<sup>107</sup> “Case com um homem com quem você seja emocionalmente compatível, se puder, mas case com um homem de posses, ao menos, era o que romances como *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1816) pareciam dizer, ou então enfrente a degradação da pobreza ou, pior, a necessidade de ter que trabalhar para viver. Dado que a população com menos de 25 anos de idade aumentou de 46 para 58% da população entre meados do século XVIII e o início do reinado de Victoria em 1837, rituais de namoro para garantir que mulheres merecedoras encontrariam e conquistariam o coração de homens elegíveis não poderiam ter sido considerados como uma atividade frívola” (tradução nossa).

Rochester já havia casado uma vez por interesse, por culpa do pai e irmão, ele não cometeria o mesmo erro uma segunda vez.

Tentando responder a pergunta inicial, é possível afirmar que sim, que Jane conduziu sua vida com seriedade e com sabedoria apesar das privações, do sofrimento e das incertezas. Podemos afirmar que Jane buscava o afeto, o amor e o carinho, mas que em primeiro lugar, ela buscava independência econômica e autonomia. Ser dona de si mesma e não depender dos outros para nada, ser reconhecida por sua conduta decente e honesta. Fora injuriada, agredida, abandonada, prejudicada por quase toda a sua vida. Jane buscava certeza de si, de sua crença, não importando mais se era bem quista pelos outros ou não, queria ser livre e estar com sua consciência tranquila, “paz de espírito” era o que Jane almejava.

## 4 CONCLUSÃO

Esta análise procurou abordar conceitos como o *bildungsroman*, a situação de opressão do sistema patriarcal, a repressão sexual feminina que as mulheres viveram ao longo dos séculos, o próprio sofrimento dos homens diante de sua opressão, tudo isso através de uma obra canônica de imenso poder de reflexão, *Jane Eyre*. As situações de opressão, sofrimento e privações foram vivenciadas pela própria escritora, que veio a falecer tão jovem, grávida de seu primeiro filho. A jornada de uma análise extensa como esta foi repleta de novas descobertas e exposição a novos conhecimentos, proporcionados pela leitura do romance em questão. É uma obra especial que provoca sentimentos em seus leitores que muitas vezes não são permitidos na vida cotidiana, em favor da pressa, da frieza com que o mundo tem exigido cada vez mais do ser humano.

O romance de Brontë comunica exatamente isso, além de muitas outras questões. A atualidade está sendo inundada por eventos terroristas, de violência absurda contra mulheres, crianças, minorias parte da comunidade LGBTQIAP+, imigrantes, etc. Pessoas intolerantes e repressivas desejam impor ao outro sua maneira de viver, de pensar e de agir. A presença da arte, da literatura e da filosofia das pequenas comunidades, na periferia das pequenas e grandes cidades, e o principal, nas escolas e universidades, promovem um mundo mais justo e valorizam as diferentes formas de expressão e de pensar. Ao mesmo tempo que fortalecem a comunidade, o ideal de grupo, e de pensamento em conjunto, valoriza também a individualidade, as características pessoais que ajudam a colorir cada pessoa e a torná-la diferente e especial do seu jeito singular. No romance, Jane nos mostra a importância de acolher a todos e a qualquer um, pois essa pessoa pode nos ensinar muito, principalmente sobre a nós mesmos. Jane demonstra ao longo do romance, várias vezes, sua xenofobia em relação aos franceses, mas nem por isso faz Adèle sofrer. Todos temos uma segunda chance para reconhecer nossos erros, nossas falhas, e recomeçar. Assim como Miss Temple protegia suas alunas, Mrs Fairfax atuou como uma sábia conselheira, zelando por Jane, Rochester a acolheu em sua casa, acolheu Adèle também, e St. John, Mary e Diana, que acolheram Jane como se fosse da própria família, o que se mostrou verdadeiro.

Com Brontë não foi diferente, a autora refletiu em suas narrativas o descontentamento feminino de uma época inteiramente voltada para a moral cristã e o puritanismo. A literatura

---

<sup>108</sup> A última atualização da sigla, ocorrida recentemente, está em: LGBTQIAP+, que significa Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli e mais. (Informações obtidas no website: [www.orientando.org/](http://www.orientando.org/)).

faz com que o sujeito reflita sobre a sua condição e a do outro. A leitura de outras vivências, de testemunhos de regimes autoritários faz com que o sujeito se coloque no lugar do outro, mesmo isso sendo desconfortável, provoca reflexão sob a condição desta outra pessoa. As obras de autoria feminina manifestaram não uma condição feliz e confortável, mas o desejo de mudança da estratificação social. Mulheres que se sentiam menosprezadas e sem direitos humanos iguais aos de seus companheiros homens, encontraram nas obras de Brontë o mesmo sentimento. O desejo de libertação, de independência, de elevação social, assim como eles. Para os homens, seria confortável que suas mães, irmãs, esposas e filhas se contentassem com a injusta realidade da época e seguissem obedientes em suas tarefas.

A literatura, ainda que tenha o poder de aplacar momentaneamente nossa sensação de descontinuidade e incompletude, não traz paz ao espírito, mas indagações e angústias. A arte, de modo geral, não traz certezas e respostas, pois elas mesmas são manifestações da incerteza humana. Entretanto, é justamente alimentando a insatisfação e desenvolvendo a consciência de mediocridade da vida que o ser humano pôde evoluir e se sente constantemente inclinado à mudança (MORAES, 2010, p. 5).

Para conseguir publicar, Brontë usava um pseudônimo masculino, isso por si só comunica bastante aos leitores, principalmente aos leitores femininos, ao descobrirem que a fala e os relatos são de outra mulher do mesmo período, de uma preceptora. Aquela profissional que se encontrava no limbo, num período quando era permitido que a mulher assumisse ou a posição de rainha ou de dona de casa, porém não esse “entre-lugar” que a preceptora ocupava. Brontë deixou inúmeras cartas nas quais relata fatos ocorridos consigo mesma e com outros, independente de Jane ser uma personagem ficcional (MONTEIRO, 1998).

Assim, a presente pesquisa torna-se mais um fruto sobre os estudos femininos (e feministas) gerando reflexão e crítica dos sistemas doutrinadores aos quais fomos e somos expostos. Deseja-se que os resultados também auxiliem outras pessoas a compreender melhor e debater a influência do estereótipo feminino deste período, assim como, sua influência na atualidade. Visto que muitos dos maneirismos do século XVIII e XIX sobrevivem em nossos bisavós, avós e pais, e por fim, em nós mesmos. Uma vida de submissão e repressão que mobilizou inúmeras mulheres a questionarem assuntos importantes da sociedade e a opressão exercida principalmente pelo sexo masculino. Essas revoltas iniciais que ocuparam lugar na vida diária, impulsionou-as a buscar equidade e igualdade de direitos ao lado dos homens.

Por exemplo, a publicação de “*Jane Eyre*” (em 1847), provocou um alvoroço nas classes média e alta, pois foi considerado um texto desviante, um mau exemplo às moças inglesas, por corroer a moral e os bons costumes cristãos (MONTEIRO, 1998). Os leitores não questionaram



o fato de Brontë ter sofrido maus tratos na “escola”, mas questionaram o sistema educacional inglês e almejavam o desejo de autonomia de Jane, sendo esta Brontë ou não. Fato é que o sonho de liberdade e independência foi semeado, não apenas pelas Brontë, mas por outras escritoras e escritores do período. Não há espaço suficiente em uma dissertação para mostrar a importância dos textos de Brontë e como *Jane Eyre* revolucionou um período, é uma fonte inesgotável de questionamentos a respeito do estado feminino das coisas. Assim como David (2005, p. 15) afirma: “we can never know too much about the Victorian age, nor, indeed, about its defining literary genre, the novel”<sup>109</sup>, ou seja, por muito tempo ainda no futuro veremos muitos trabalhos a respeito deste período na história da literatura inglesa e seu gênero literário que definiu um período inteiro de quase cem anos de reinado da rainha Vitória, o romance.

Sendo assim, a literatura é uma maneira de tentar representar o seu tempo, através de personagens e histórias mesmo que ficcionais, o papel da arte, da literatura, da filosofia é também jamais permitir que tempos retrógrados retornem. O romance de Brontë despertou inúmeras Janes ao longo do mundo, e os textos das autoras feministas seguem auxiliando leitores e leitoras a questionarem suas vidas, suas doutrinas e não se conformarem com qualquer norma ou regra do Estado. Assim, podemos mudar o nosso destino a qualquer momento do dia, através do conhecimento e da leitura de textos como o de Charlotte Brontë. Através de leituras assim, podemos nos renovar e modificar nosso formato de vida, nos tornando mais livres e nos permitindo viver mais, quando entendemos que as doutrinas servem para controlar e punir determinado grupo social.

---

<sup>109</sup> “Nunca será conhecimento demais sobre a era vitoriana, e nem sobre a definição de seu gênero literário, o romance” (tradução nossa).



## REFERÊNCIAS

- A TRAJETÓRIA do divórcio no Brasil: a consolidação do Estado Democrático de Direito. **IBDFAM**, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://ibdfam.jusbrasil.com.br/noticias/2273698/a-trajetoria-do-divorcio-no-brasil-a-consolidacao-do-estado-democratico-de-direito>. Acesso em: 13 jan. 2020.
- ACTON, W. **Prostitution, considered in Moral, Social, & Sanitary Aspects, in London and Other Larger Cities**: proposals for the control and preventions of its attendant evils. 1. ed. London: J. Churchill, New Burlington Street, 1857.
- ACTON, W. **The functions and disorders of the reproductive organs**. 1. ed. London: A. & J. Churchill, 1867.
- AGUIAR, V. T.; PEREIRA, V. W. (Orgs.). **Pesquisa em Letras**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- ARMSTRONG, N. Gender and the Victorian Novel. In: ARMSTRONG, N. **The Cambridge Companion to The Victorian Novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BARBOSA, R. C. A Inglaterra Vitoriana e os usos do passado: literatura e influências. In: SEMANA DE HISTÓRIA: “PENSANDO O BRASIL NO CENTENÁRIO DE CAIO PRADO JÚNIOR”, 24., 2007, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: UNESP, 2007.
- BARTLEY, P. **Prostitution**: prevention and reform in England, 1860–1914. London: Taylor & Francis, 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. 1. ed. São Paulo: Zahar, 2007.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 3. ed. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BRONTË, C. **Jane Eyre**. 3. ed. New York: W. W. Norton & Company, 2001.
- BRONTË, C. **Jane Eyre**. Tradução e notas: Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2010.
- BRONTË, C. **Jane Eyre**. Tradução e notas: Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2016.
- BRONTË, C. St. John Rivers in Jane Eyre. **Shmoop University**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.shmoop.com/study-guides/literature/jane-eyre/st-john-rivers>. Acesso em: 12 out. 2019.
- BUCKLEY, J. H. **Season of Youth**. The Bildungsroman from Dickens to Golding. Cambridge: Harvard University Press, 1974.
- CAMPOS, B. M. Trabalhar nos bastidores: ensaio acerca da condição feminina no puritanismo e fundamentalismo. **Mandrágora: Gênero, Fundamentalismo e Religião**, n. 14, p. 38-54, 2008.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

- CASSELL'S Household Guide: being a complete encyclopaedia of domestic and social economy and forming a guide to every department of practical life. London: Ludgate Hill, E.C., 1880. v. 1.
- CHASSOT, A. I. **A ciência é masculina?** É sim, senhora!. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- COMPAGNON, A. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DAVID, D. **The Cambridge Companion to The Victorian Novel.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- DIAS, M. B. Divórcio e dignidade feminina. **Jusbrasil**, [S. l.], 16 mar. 2010. Disponível em: <https://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/2120248/divorcio-e-dignidade-feminina>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- EAGLETON, T. **Teoria da literatura:** uma introdução. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FÉRIAS e licença-paternidade. **Guia Trabalhista**, São Paulo, 2020. Disponível em: [http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/ferias\\_licenca\\_paternidade.htm](http://www.guiatrabalhista.com.br/guia/ferias_licenca_paternidade.htm). Acesso em: 12 abr. 2020.
- GASKELL, E. **The Life of Charlotte Brontë.** England: Penguin Books, 1997.
- GOETTEMS, D. **Jane Eyre.** São Paulo: Landmark, 2016.
- GOHLMAN, S. A. **Starting Over.** The Task of the Protagonist in the Contemporary Bildungsroman. New York: Garland Publisher, 1990.
- GUBAR, S.; GILBERT, S. **The Madwoman in the Attic:** The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination. 1. ed. London: Yale University Press, 1980.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HANSTENREITER, L. Relógio da Violência contra a mulher. **Três por Um**, São Paulo, 23 abr. 2019. Disponível em: <https://tresporum.com/relogio-da-violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em: 22 set. 2019.
- HARMAN, C. **Charlotte Brontë:** a life. London: Penguin Books, 2015.
- IRIGARAY, L. **The Sex Which is not one.** Cornell University Press. New York: Ithaca, 1985.
- LANDOWSKI, E. **Presenças do outro.** 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LUZ, I. R. **Agressividade na primeira infância**: um estudo a partir das relações estabelecidas pelas crianças no ambiente familiar e na creche. 2005. 209p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MANGERONA, S. Maquiavel e a religião: o temor a Deus como instrumento político. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. **Revista Lusófona de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais**, n. 13, p. 135-145, 2013.

MONTEIRO, M. C. Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. **Fragmentos**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 61-71, 1998.

MORAES, A. Dialética da alteridade. **Ágora Filosófica**, Recife, ano 1, n. 1, p. 56-66, 2001.

MORAES, I. L. A literatura e seu poder de resgate da totalidade humana. **Darandina Revisteletrônica**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 1-8, 2010.

MOURA, M. L. S.; RIBAS, A. F. P. Imitação e desenvolvimento inicial: evidências empíricas, explicações e implicações teóricas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 207-215, jul./dez. 2002.

NUNES, A. Z. A América do século XIX através de sua literatura: um estudo sobre a questão da identidade no romance Moby-Dick. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 9, p. 1-12, abr./jun. 2004.

PALHARES, D.; SQUINCA, F. Os desafios éticos da mutilação genital feminina e da circuncisão masculina. **Revista Bioética**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 432-437, 2013.

ROSSI, A. D. Seria a pena uma metáfora do falo? A inquietante presença da mulher na literatura. **Ícone - Revista de Letras**, São Luís de Montes Belos, v.1, n. 1, p. 19-38, 2007.

SILVA, T. O.; SILVA, L. T. G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. Adolescência e tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

SIMKIN, J. Marriage in the 19th Century. **Spartacus Educational**, [S. l.], fev. 2015. Disponível em: <https://spartacus-educational.com/Wmarriage.htm>. Acesso em: 13 jan. 2020.

SVENSSON, K. **Old traits and new fiction**: the role of the bildungsroman in contemporary fiction, a comparison based on Hanif Kureishi's *The Buddha of Suburbia* and Charles Dickens' *Great Expectations*. Lund: Lund University, 2009. Disponível em: <http://lup.lub.lu.se/luur/download?func=downloadFile&recordId=1413554&fileId=1414696>. Acesso em: 02 dez. 2019.

THAMARANA, S. Origin and development of Bildungsroman novels in English literature. **International Journal of English Language, Literature and Humanities**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 21-26, 2015.

VARELLA BRUNA, M. H. Tifo. **Drauzio Varella**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/tifo/>. Acesso em: 17 nov. 2019.

WOLLSTONECRAFT, M. **A vindication of the rights of woman**: with strictures on political and moral subjects. London: J. Johnson, 1796.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.